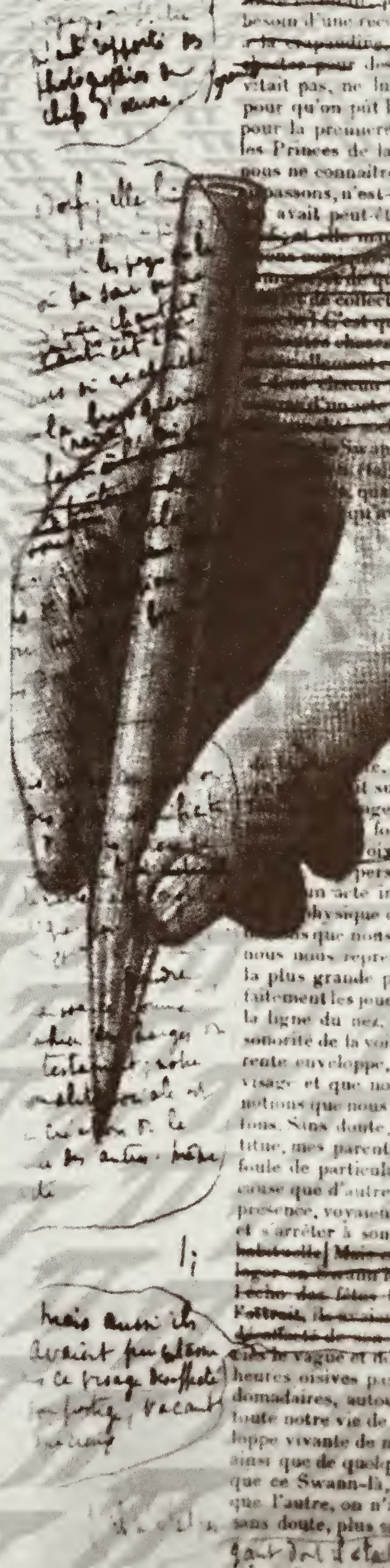
A História da Minha Vida

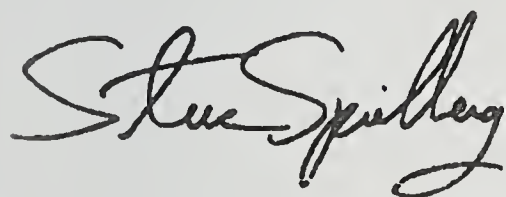
Arie Yaari

DEDICATÓRIA

Dedico este livro à minha companheira Olivia Alves Lima que com todas as forças e dedicação ajudou-me a relembrar fatos já apagados de minha mente, sem sua ajuda não sei se iria conseguir escrever minhas memórias.

AGRADECIMENTO

A meu filho Josef David Yaari que sem o seu incentivo e compreensão jamais poderia escrever minhas memórias

7 de abril de 1998

Arie Yaari

Estimado Sr. Yaari,

Ao compartilhar o seu depoimento como sobrevivente do Holocausto, o Senhor outorgou às futuras gerações a oportunidade de ter uma ligação pessoal com a história.

A sua entrevista será preservada cuidadosamente como parte importante da mais completa videoteca de testemunhos até hoje coletada. Em um futuro longínquo as pessoas terão a possibilidade de ver seu rosto, ouvir sua voz e conhecer sua vida a fim de aprender para sempre lembrar.

Agradeço a sua valiosa contribuição, sua força e sua grandeza de espírito.

Cordialmente,

Steven Spielberg
Presidente

P.O. Box 3168 · Los Angeles · California · 90078 · (818) 777-4673

ÍNDICE

A história da minha vida

Prefácio

"Pensamentos"

Nada é mais perigoso que uma pessoa convencida de sua superioridade moral, pois nega a seus opositores justamente este predicado.

É fácil fazer coisas certas. Mas é difícil saber o que é certo.

Eu não estou de acordo com suas idéias, mas... Vou me deixar matar, para que você possa, expô-las livremente. (Voltair)

O Liberal é por natureza um reformador social. A diferença entre ele e os demais reformadores é que o liberal não se deixa conduzir por paixões ideológicas e fé cega, reconhecendo que os capitalistas não são os únicos a terem privilégios egoístas e predatórios. O operariado organizado, e crenças religiosas abrangendo milhões de pessoas, pode ser também predatório e perigoso ao bem comum.

Não posso calar:

Sou um dos sobreviventes do Holocausto Nazista (menos de 500 pessoas no Brasil conforme as estatísticas).

O mundo ficou calado quando os nazistas alemães fizeram sua limpeza étnica. Perdi toda minha família e os bens que eles tinham. Com muitas dificuldades consegui formar uma pequena família, e com horror estou pensando que um dia pode vir um novo Hitler ou Slobodam Milosevic e em nome de qualquer idéia, querer fazer a sua limpeza étnica.

Estou falando da tragédia de Kosovo, as cenas que vejo na televisão, sobre massacres e deportação, me lembram a mesma situação que meus pais passaram sessenta anos atrás. E o mundo ficou calado!.

Estou também pensando nesses jovens de Columbine – Denver (USA) que para festejar o aniversário de Hitler, mataram 15 dos seus colegas da escola.

Faço um apelo a todas as pessoas com consciência para mandar cartas de protesto para a Comissão de Direitos Humanos, para jornais, para Milosevic, Clinton, Blair, Chirac, Yeltsin e todos os dirigentes e políticos mundiais.

Parem com esse genocídio!!!

Arie Yaari //98

Jornal Impacto
Campos do Jordão

Introdução

A partir de uma carta do meu filho Josef, que a seguir reproduzo, resolvi escrever um pouco da minha história. Ele escreveu-me, em 1992:

"Pai, já fiz muitas tentativas de me aproximar de você. É verdade que ultimamente conquistamos uma grande amizade e um mútuo respeito, mas ainda sinto que precisamos aprofundar muito mais esta nossa relação.

Afinal, somos pessoas vivendo em pólos opostos, o que é normal com o primeiro filho. Conviver com sua atuação, com seu exemplo, constitui a base sobre a qual eu construi a minha vida.

Mais ou menos até os 30 anos de idade, eu quis mostrar-lhe que meu outro mundo de valores e experiências era mais correto que o seu, ou que, no mínimo, também tinha sua verdade. Hoje, aos 45 anos, a perspectiva é muito diferente. Já passei da época de querer provar alguma coisa. Tenho dedicado minha vida a elaborar, na prática e na teoria, sínteses novas, e se possível, de fato criativas. Nada de ficar polarizando, com a ilusão de assim estar sendo livre ou inovador. Isso não tem mais sentido.

Então, fica a admiração pela sua obra. Tenho orgulho por você ter construído não só um respeitável patrimônio físico e espiritual, mas por ter-se estabelecido como um pioneiro, um homem empreendedor que, com muitas lutas, conseguiu provar, primeiro a si mesmo, e depois aos outros, o acerto de seus valores que, diferentes dos meus em alguns pontos, evidenciam sua inegável eficácia.

Parece que estamos um diante do outro, confirmando a importância de se construir uma obra material estável ao lado de um, também estável, cultivo da atenção ao mundo em seus aspectos sensoriais e supra-sensoriais. Será que eu estou certo?

Aprendemos muito e concordamos, hoje, que há muito já passou o tempo das ideologias, dos belos discursos que ainda iludem tantas pessoas. Sim, hoje temos muitos pontos de contato. Na verdade, sabemos que muitas diferenças são apenas aparentes e, no fundo, todas as conversas e discussões são tentativas de um verdadeiro encontro humano.

Como pai que agora sou, de jovens adultos, já aprendi que todo pai que se assume como tal, guarda em si longos olhares e ternuras que nun-

ca pode demonstrar. São inúmeros momentos de dúvidas e longos pensamentos que em muitas noites tiram o sono e continuam atormentando até que a sabedoria da vida traga novas soluções.

Fica assim o estímulo: vamos nos encontrar. Vamos crescer para um vínculo maduro de mútuo aprendizado. Acho que é possível, e muito bom ."

Como foi bom receber este estímulo...

Pergunto-me sobre a validade desta iniciativa, já que acho que toda pessoa precisa encontrar sua melhor maneira de contribuir para a sociedade.

Atribui-se a Confúcio a idéia de que todo ser humano digno deveria ter um filho, plantar uma árvore e escrever um livro. Entendendo o aspecto simbólico desta frase, fica, portanto, esta tentativa de escrever um livro, ou pelo menos fazer um relato, um documento pessoal, centrado nesse período tão triste da humanidade que foi a Segunda Guerra Mundial. Mãos à obra, então!

Para mim é difícil entrar em discussões filosóficas. Sempre trabalhei com fatos materiais e daí, é claro, há muito tempo não creio em qualquer ideologia. Hoje vejo que nos últimos anos meu filho, como tantos outros, sofisticou muito o seu discurso, embora eu não consiga acompanhar ou concordar com algumas de suas afirmações.

Fico no entanto, muito estimulado pela sua procura em aumentar nossa aproximação. É claro que eu sempre quis isso, mas em minha vida, durante muito tempo amarga, estive sempre muito envolvido com o trabalho e a necessidade vital de sobrevivência.

Fiquei por isso distante dos meus filhos, além do que, é preciso dizer, a nossa vida familiar, em geral, foi muito ruim.

Há também uma questão que tem sido importante para mim, que até já foi mais forte, tempos atrás, e é a seguinte: estou sentindo que o judaísmo está acabando; os nossos filhos e netos estão saindo disso. E não é só a religião, mas os costumes e talvez algo que eu vou chamar de missão do povo judaico. Pois os judeus sempre tiveram costumes diferentes, em comunidades separadas, mesmo estando em qualquer pais da Europa, ou da América. E sempre foram perseguidos ou desprezados por serem talvez diferentes nos costumes; há coisas que o judeu não fazia, como pegar armas, trabalhar aos sábados, comer carne de porco, e muitas coisas assim. Enquanto era perseguido, se podia sentir mais o judaísmo, e se manter nisso. Hoje, com o nascimento de Israel, o judeu

é igual aos outros.

Há até uma piada, que dizem que é verdade, que pode ilustrar isso: disseram a Ben Gurion, que foi o criador de Israel: “Lá numa rua de Tel-Aviv tem mulheres judias prostitutas!” (e jamais mulheres judias eram prostitutas), e Ben Gurion respondeu: “Graças a Deus, agora somos iguais a todos.” Porque nós éramos sempre diferentes.

Mas tenho coisas que me dão esse conforto, esse prazer talvez de saber que pertenço a essa comunidade. Não sigo rigorosamente por várias razões, mas li muitas coisas, e continuo lendo por exemplo jornais que falam sobre o judaísmo, como o judeu vive no mundo. E já se sabe que o judaísmo vai acabar nos países como o Brasil e outros. Dentro de 50 anos, ou menos, não vai mais ter judaísmo; talvez permaneça somente em Israel e Estados Unidos. Já não se tem mais o senso de se seguir todos os preceitos judaicos. Sobre isso há um comentário do grão-rabino de Paris, ainda na época da guerra, que é mais ou menos assim: judeus não ortodoxos comentaram com ele que haviam muitos costumes antiquados, como não usar elevador ou acender a luz aos sábados, ou que comer carne de porco não faz mal, e outras coisas, e que a religião deveria se modernizar. Ao que ele respondeu: “Se tirarmos essas proibições, vamos tirar todos os fundamentos. A casa vai cair. Não haverão mais razões. Nós poderemos fazer de tudo o que os outros fazem, mas vai acabar.”

Então é isso, não sei se nossos descendentes vão seguir isso que eu estou chamando de missão. Não sei se é a melhor, mas acho que nós temos alguma missão para com o mundo, algo que eu não compreendo bem, que é difícil de explicar, mas que eu sinto essa necessidade de passar. Fui criado nisso, vivi muito nisso, embora meu pai fosse liberal e não ortodoxo. E, quando fui para Israel logo após a guerra, sofri muito lá, mas não me arrependo, porque eu vi, eu senti lá que essa missão continua para nós.

Então, dentro de mim, trago o paradoxo de ter sofrido toda a guerra por ser judeu, e ainda assim e por isso mesmo, querer que o judaísmo se perpetue...

Eu, ao término da guerra, estava estropiado e sem perspectivas. Agarramo-nos uns aos outros, de qualquer jeito, sem orientação e, na maioria das vezes, sem saber das coisas essenciais. Aconteceu que vivemos infernos na vida afetiva e, então, como poderíamos dar atenção às necessidades afetivas uns aos outros? Não se trata de desculpas. São os fatos e, hoje, mais maduros, temos que enfrentá-los.

De outro lado, não houve outra opção, senão essa dedicação ao trabalho, que afinal confirmou a velha verdade de que a única coisa que redime o ser humano em cada pessoa é, de fato, o trabalho. Toda vez que eu quis ajudar alguém ou facilitar o trabalho de uma pessoa, acabei percebendo que, no geral, cometi um erro. Nessa sociedade que privilegia o consumo e a ociosidade, ocorre o empobrecimento dos valores essenciais da vida. Ao longo dos anos afastei-me da retórica da esquerda ou da direita ou do centro. Aprendi que acima das ideologias tudo se resume na vontade de cada um em vencer, a seu modo, os desafios da vida. Acredito ter o direito de afirmar isso pela minha própria experiência.

O que um homem como eu, que viveu a guerra e o horror da total falta de esperança, tem a dizer e a contribuir para as novas gerações?

Guardo em mim muitas dores, mas também muitas alegrias, que posso agora começar a contar. Penso que com isso poderei contribuir, pelo menos, para os jovens.

Há apenas cinqüenta anos atrás, nossas experiências de vida eram tão diferentes, que hoje é difícil para muitas pessoas entenderem nossa história. Esperávamos muito menos da vida. Sou assim, desta geração que, apesar dos pesares e de tantos erros, abriu caminhos antes insuspeitos para a expressão de nossas vontades. É claro que também criamos extraordinários mecanismos para a manipulação e o jogo do poder. Tenho plena consciência disto.

Acho que isso faz parte da vida. O que mais me incomoda, no entanto, é que sou da geração criadora de tamanho conforto e superproteção. E hoje, paradoxalmente, estamos às voltas com essa angústia da ociosidade onde tantos jovens, acorrentados a si mesmos, ficaram incapazes para o trabalho. Nesse sentido, é preciso elogiar as diversas experiências que estimulam os jovens a envolver-se com o trabalho, como exemplo os "kibutzim" em Israel.

Será que com nossas experiências revividas poderemos ajudá-los de algum modo? Assim espero!.

Estou convicto de que a atual recessão mundial tem suas raízes nessa cultura que confundiu liberdade com ociosidade, esquecendo do verdadeiro sentido de se conquistar essa liberdade com trabalho e, por que não, com um lazer positivo.

Vamos em frente!

Senti que era necessário dar meu testemunho. Cada vida é uma obra única, uma forma especial, singular, da sabedoria e da vontade. Ainda mais quando a marca é o absurdo da guerra, para a qual qualquer explicação é uma pálida frase de algum melancólico desocupado. Explicar? Explicar o quê? A maldade da raça humana?

Capítulo I

Meus Pais

Meu pai "David Greenwald" nasceu em 1896 no interior da Polônia (Stashow), na província de Kielce. Descendia de uma família pobre. Stashow era um típico "*STETELE*", um povoado com aproximadamente três mil habitantes dos quais 80% eram judeus. Meu pai vinha de uma família de alfaiates.

Quero explicar a mudança do sobrenome do meu pai "***Greenwald***" para "***Bookspan***": Meu pai, como um judeu praticante, não queria prestar o serviço militar obrigatório de dois anos, pois no exército teria que comer todo tipo de comida e, em casa só se comia Kacher, então surgiu a oportunidade da substituição de seus documentos pelos documentos de um primo que emigrou para os Estados Unidos.

O nome do seu primo era Israel Bookspan, que devido a emigração não prestou o serviço militar, não sei a razão, mas ele foi liberado dessa obrigatoriedade. Essa troca de documentos aconteceu em 1914.

Em 1920 quando meu pai se casou, usou os documentos (únicos) como Israel Bookspan, por isto eu e meu irmão tivemos o primeiro registro com este sobrenome.

Agora vou explicar a mudança do meu sobrenome "***Leon Bookspan***" para "***Arie Yaari***": Em 1945 quando acabou a guerra, eu queria ir à Palestina e como não se podia entrar legalmente, pois ainda era mandato inglês, a agência judaica me arrumou um passaporte de um soldado que serviu na legião judaica. Seu nome era "***Abraham Schtiglitz***" nascido em 11/12/1918, e foi com este passaporte que eu desembarquei na Palestina, no dia 21/01/1948.

Em maio de 1948 deu-se o nascimento do Estado de Israel, quando os

ingleses deixaram a Palestina.

Servi dois anos no exército israelense me alistando em maio/48 com o nome de Abraham Schtiglitz, na "Guerra da Independência".

Quando fui desmobilizado do exército de Israel em 1950, eu quis regularizar meus documentos, pois a Fela, e os filhos, Josef e Shoshana tinham o sobrenome Bookspan e eu continuava com o nome do soldado Abraham Schtiglitz.

Quero explicar também que quando o Josef nasceu, eu morava na Alemanha, e o registrei com o sobrenome certo de Bookspan, mas quando Shoshana nasceu aconteceu o seguinte: eu cheguei à Palestina em 21/01/48 e a Shoshana nasceu em 01/02/48, nesta época os hospitais não exigiam documentos, a Fela quando foi registrá-la apenas disse: meu marido se chama Leon Bookspan, e sem mais complicações ou exigências a Shoshana também nasceu com o sobrenome Bookspan.

Quando eu fui ao Ministério do Interior solicitar a regularização dos meus documentos, começou toda a burocracia: Primeiro eles me pediram os documentos, certidão de nascimento, expliquei que tudo havia sido perdido durante a guerra e expliquei também porque eu tinha o documento do soldado Abraham Schtiglitz. Então eles me disseram que seria necessário fazer uma busca no cartório em Katowice, mas o despachante que ficou encarregado de fazê-la, disse que o cartório foi destruído com a guerra, e nada foi encontrado sobre mim. E daí? Eles queriam que eu ficasse com os documentos do soldado, mas eu não queria, pois nem sequer cheguei a conhecer este soldado.

Como meu nome era Leon Bookspan eles sugeriram que o mesmo fosse traduzido para o hebraico pois o ministério só autorizava a troca de nomes se a mesma fosse feita para aquela língua. A mudança foi feita e já que meu nome verdadeiro era Leon Greenwald, o mesmo foi traduzido e eu passei a chamar-me Arie Yaari. Desta forma, minha esposa e meus filhos passaram a usar o sobrenome Yaari.

Na Europa, até 1920 não havia liberdade para os judeus, éramos estrangeiros dentro de nosso próprio país. Não tínhamos permissão para ter propriedades, a não ser nossa própria casa, uma ou duas vacas no quintal, e umas galinhas. Não podíamos ter casas para alugar, fábricas e terras.

Quando foi estabelecida a *Carta Magna* nos Estados Unidos dando direitos iguais a todos os cidadãos americanos, independente de cor, raça ou religião, os judeus ricos da Europa começaram a emigrar para os Estados Uni-

dos, na esperança de poder viver num país onde eles pudessem praticar a religião, trabalhar em qualquer lugar mesmo que fosse público, já que na Europa um judeu não podia ser funcionário público, comprar terras e ser dono de seu próprio estabelecimento comercial. Também naquela época já se falava do desejo de ir para a América para fazer dinheiro, já que as oportunidades eram muitas, havia terras de sobra, empregos e prosperidade para se enriquecer. Os europeus não tinham tanta ambição de ir para a América como os judeus. Para o judeu não mudaria em nada sua condição de ser estrangeiro, pois era um estrangeiro na Europa e continuaria sendo nos Estados Unidos, a diferença era que passaria a ter liberdade.

Até 1914 quando iniciou-se a primeira guerra mundial, o governo americano não fazia restrições para aqueles que queriam entrar no país. Porém quando a guerra acabou, os Estados Unidos permitiam somente a entrada de 1500 emigrantes por mês, para viverem lá, e impuseram muitas restrições. Por essa razão, entre os anos de 1918 e 1919 somente três dos irmãos do meu pai (Simon, Laezer e Jacob) conseguiram emigrar para a América, como era chamada.

Na verdade não tenho informações precisas do porquê de meu pai não haver emigrado junto com seus três irmãos, para sua irmã Keila, havia uma explicação; já era casada e tinha sua primeira filha, que se chamava "Guênia".

Nesta época as condições de vida nos Steteles eram sumariamente precárias. Quase não havia dinheiro nos Steleles, vivia-se basicamente de permutas, trocava-se de tudo: roupas, comida, ferramentas etc... O dia-a-dia das pessoas era muito simples e totalmente isolado do progresso. Foi devido a tamanha pobreza nos Steleles que os judeus viviam tão unidos uns aos outros.

Existem canções que os judeus cantavam após a primeira guerra, dizendo como era boa a vida nos Steleles, pois era exatamente toda esta pobreza vivida que os unia com tanta força e tanto amor.

Por volta dos anos 1919 e 1920 veio para Stashow um "Chadcken" (casamenteiro) à procura de um rapaz para se casar com uma moça da cidade de Oswiecim (cidade esta que mais tarde veio a sediar o terrível campo de concentração, passando a se chamar Auschwitz). Como meu pai procurava uma moça para se casar, e dando certo com as condições do Chadcken, aconteceu a união dos dois. Meu pai se casou em 1920, com 24 anos. Foi um casamento arranjado, muito comum na época, intermediado pelo "Chadken".

Minha mãe, Rosa Krieser, nasceu no ano de 1895 em Oswiecim, Polônia, fronteira com a Checoslováquia (hoje República Checa), seus pais nasceram na Checoslováquia. Minha mãe descendia de uma família de classe média, tanto que, ela chegou a estudar até o equivalente ao nosso colegial, o que na época era raro, já que os oito primeiros anos de estudo eram gratuitos e obrigatórios para todos, mas os três anos subsequentes eram pagos, por isso poucas pessoas podiam fazê-lo. Por ter estudado esses três anos a mais, minha mãe falava fluentemente três línguas: checo por ser língua mãe e falada em casa, e o polonês e alemão que foram aprendidos na escola.

Por ter mais recursos financeiros, a família da minha mãe ajudou o casal a instalar-se em Katowice, capital da Silésia, a província mais rica da Polônia, devido às muitas minas de carvão e usinas de aço.

Foi nesta cidade, que eu e meus dois irmãos nascemos. Era um ambiente mais germânico que eslavo. A Silésia pertenceu à Alemanha por mais de duzentos anos, e a população local sempre simpatizou mais com a Alemanha do que com a Polônia.

Por isso, na Silésia o anti-semitismo tornou-se mais forte e foi fácil fundar a Hitlerjugend (juventude hitlerista), seguidores dos pensamentos de Hitler. Com isso, nossos amigos da escola e da rua rapidamente tornaram-se nossos inimigos. Vivemos, deste modo, uma infância muito sacrificada e sem maiores pretensões. Não era fácil conviver com jovens judeus da nossa idade porque vivíamos em bairros diferentes e afastados uns dos outros, e não existia meio de transporte. Não sei por que, mas não tínhamos tempo para nos reunirmos fora da escola judaica.

A escola judaica oficial, com apenas seis classes, tinha um padrão de ensino altíssimo. Vendo hoje meus filhos e netos nos seus respectivos cursos, percebo que a diferença de nível é assombrosa. Estudávamos na escola seis horas por dia, e ainda trazíamos lições para fazer em casa; assim, passávamos o pouco tempo livre que tínhamos com os filhos dos vizinhos, que não eram judeus.

Até os meus doze anos de idade não percebíamos a diferença de raça ou religião. Mas, com o advento do hitlerismo em 1933, sentimos o ódio venenoso que irradiava da fronteira da Alemanha, que ficava a cinco quilômetros da nossa casa, influenciando as crianças e jovens da nossa idade.

Os ex-amigos e companheiros de pelotas de futebol passaram a nos evitar

e de vez em quando nos xingavam com palavras de propaganda nazista, como "judeus sujos, judeus sanguessugas, judeus fedorentos", e muitas vezes também nos batiam sem nenhuma razão. O próprio clero da igreja católica apoiava todas essas atitudes dos poloneses contra os judeus.

Tivemos algumas vantagens, pois éramos jovens, sadios e fortes, e por isso nos defendíamos. Às vezes surrávamos alguns moleques poloneses, mas é claro que a situação não era nada satisfatória.

O bairro onde meus pais moravam chamava-se "Krolewska Huta". O nome se deve à maior usina de aço da Polônia, que, traduzido para o português significa "Usina do Rei". Nos arredores dessa usina construiu-se um bairro relativamente grande, pois só na usina trabalhavam dez mil pessoas.

O estado da Silésia, por possuir grande quantidade de minas de carvão, era conhecido como bacia carbonífera. O carvão era um produto de exportação, principalmente para a Alemanha.

O irmão de minha mãe, Leon, querendo ajudar meus pais, sugeriu que meu pai montasse um depósito de ferro velho, e ele, tio Leon, compraria toda sua mercadoria.

Este irmão de minha mãe, era um homem muito rico e influente. Com isso ele conseguia vender todo o ferro diretamente para a usina. Devido a esse comércio que o Tio Leon tinha, mudamo-nos para "Krolewska Huta". Assim, nossa família podia ser respaldada pelo nosso tio. Antes disso, morávamos no centro de Katowice, onde eu e meu irmão Mosche nascemos; nós estávamos com mais ou menos quatro para cinco anos quando nos mudamos para perto da usina.

Mesmo com a ajuda do meu tio Leon, meu pai continuou com sua antiga profissão de "alfaiate", da qual ele gostava muito. Então, durante o dia meus pais trabalhavam no depósito de ferro velho e à noite meu pai costurava camisas e calças, para vender nas lojas de roupas.

Como as lojas pagavam muito pouco pelas roupas, com o passar dos tempos ele resolveu vendê-las diretamente na feira, onde se ganhava bem mais. E acabaram por montar uma barraca própria na feira, onde ficavam das quatro horas da manhã até a hora do almoço, e à tarde iam para o ferro velho.

Vou contar um episódio que me ocorreu durante este tempo: eu ainda era muito pequeno e um dia acordei por volta das cinco da manhã e não encontrei meus pais em casa. Então resolvi ir para a rua para procurá-los e acabei me

perdendo. A polícia encontrou-me chorando; a única coisa que eu sabia era que os meus pais estavam na feira, mas não sabia qual feira. Então os policiais percorreram comigo as feiras para encontrá-los, até que em uma delas avistei-os numa barraca e acabei ficando com eles até a hora do almoço.

Com o passar dos tempos o negócio de venda de roupas prosperou e deu muito certo. Eu já tinha mais ou menos oito anos quando meu pai resolveu abrir uma lojinha para vender sua própria confecção. Ele porém continuava com o ferro velho no período da tarde.

Eu e Mosche já não éramos tão crianças assim e começamos a ajudar nossos pais. Nós ficávamos no ferro velho depois do período escolar, e muitas vezes íamos até o depósito do tio Leon para buscar alguma mercadoria ou mesmo receber algum dinheiro.

Na época o depósito ficava bem distante (aproximadamente quinze quilômetros), mas eu já tinha uma bicicleta, o que me facilitava muito.

As coisas estavam caminhando muito bem nesta época, e tínhamos uma condição financeira mais estável. Por isso meu pai resolveu trazer sua irmã Keila que havia ficado no interior da Polônia, de onde ele saiu para se casar. Tia Keila veio morar em Katowice, porque era uma cidade maior, com melhores condições de trabalho.

Era costume convidar os parentes para o Shabat e para as festas tradicionais (Pessach, Rosh Ha Shaná). Como meus pais já estavam em condições financeiras estáveis, e a família da tia Keila era muito pobre, eles os convidavam sempre para as festas.

Lembro-me de um fato interessante entre nossas famílias: quando os filhos da tia Keila e do tio Zalman, "Guênia, Sônia, Pola, Mosche, Hanna", e dois menores dos quais não me lembro o nome vinham em nossa casa, eles sempre comentavam entre si que na casa do tio David comia-se um peixe inteiro na ceia do Shabat, ao contrário da casa deles, onde se comia somente um pedaço de peixe com pão, que era relativamente barato devido ao subsídio da farinha.

A *pobreza* da época era muito diferente do que se diz hoje sobre *pobreza*, porque, quando se tinha um pedaço de peixe e pão, já era suficiente para poder viver. Nos dias de hoje as pessoas *"pobres"* não poderiam entender tamanha *pobreza*.

O marido da tia Keila, Zalman, também era alfaiate, com a diferença que ele costurava ternos finos, e meu pai costurava roupas populares, como calças

e camisas. Meu pai o ajudava mandando clientes para ele, ou mesmo encomendando a ele os nossos ternos. Quero salientar que fazíamos somente um terno por ano; enquanto dava para reformá-los, meu pai o fazia, aproveitando os ternos de Mosche adaptando-os para mim. Não se comprava roupas como hoje. Não havia o chamado "consumismo".

Os primos que mais freqüentavam nossa casa eram Guênia, Sônia, Mosche, Pola e Hanna. Raramente meus pais os visitavam. Como era jovem e sem compromissos, eu ia uma ou duas vezes por ano de bicicleta visitá-los, bem no estilo moleque, com bermuda, camiseta e descalço.

Eu tinha cabelos loiros e relativamente crescidos e não tinha o costume de usar boné, sendo que todo judeu, mesmo criança, deveria estar com a cabeça coberta. Os mais velhos usavam chapéu. Então, quando eu chegava na casa dos meus tios, tio Zalman dizia carinhosamente: chegou o "Scheigetz" (diminutivo de Goi). Ele sempre me recebia dizendo: "o Goizinho chegou".

Nunca fui um judeu comportado ou que seguisse as tradições da época. Os filhos da tia Keila não se misturavam com os gois; já eu, jogava futebol na rua com todos eles, gois ou judeus. Sempre após as aulas eu brincava na rua, pois meus pais estavam sempre trabalhando.

Minha mãe tinha uma empregada em casa, chamada "Emilia", que praticamente nos criou. Ela era muito autoritária, sempre muito brava, e eu a provocava muito fazendo caretas ou coisas parecidas; mas também apanhei muito. Sempre fui um moleque travesso.

Gostaria de relatar algumas vagas lembranças que me restaram sobre meu irmão Jacob. Ele nasceu no ano de 1930, quando eu já tinha oito anos. Me recordo que minha mãe me pedia para cuidar dele, pois ela trabalhava fora de casa com meu pai. Eu dava mamadeira e olhava por ele. Lembro-me que havia um berçinho onde ele ficava, e eu ia ler perto dele. No entanto, ele chorava, gritava e eu nem sequer me importava com ele, pois quando eu começava a ler, desligava-me completamente do mundo.

Em uma das vezes, eu me distraí tanto lendo meus livros, que nem sequer me lembrei de dar-lhe a mamadeira ou trocá-lo. Quando ela chegou à noite em casa e o viu, com fome e sujo, deu-me uma boa surra por isto.

Eu comia muito pouco e quando lia, então, esquecia realmente que tinha que comer e consequentemente também de dar de comer a Jacob.

Como disse acima, as lembranças de Jacob são raras. Quando ele tinha

mais ou menos quatro anos, meus pais o colocaram num jardim de infância, pois eles já podiam pagar uma escola judaica.

Quando ele tinha cinco para seis anos, eu lia à noite para ele e contava historinhas para ele dormir, mas isto não acontecia com freqüência. Me lembro que minha caligrafia era muito bonita e perfeita, e Jacob tinha uma letra horrível. Mas ele ainda estava no jardim de infância, era ainda muito criança e não queria escrever nada, e eu brigava com ele para que escrevesse melhor. Dediquei-me pouquíssimo a Jacob por duas razões: primeiro, porque eu queria ter todo o tempo disponível para ler e segundo, porque a diferença de idade entre nós era muito grande. Eu já pensava em paquerar quando ele ainda queria brincar.

Bem, aqui ficam relatadas as poucas lembranças que tenho do meu irmão caçula, Jacob. Sobre como ele morreu sei muito pouco. Após a guerra Mosche e eu ficamos sabendo que os alemães levaram todas as crianças em fins de 1942 para Campos de Morte, nos quais haviam fornos e câmaras de gás, meu irmão tinha mais ou menos 11 anos de idade. Mas eu nunca soube de informações concretas sobre sua morte. Pode ser que no decorrer do livro eu me lembre de outros fatos sobre ele.

Quando terminei o oitavo ano do primeiro ciclo escolar, eu queria continuar os estudos, mas na época já havia muita perseguição aos judeus. Então meus pais me pediram que eu fosse falar com o primo Alfred, filho do Tio Leon, que já havia falecido. Ele me perguntou o que queria estudar. Eu não soube me expressar e disse que queria ser engenheiro. Ele me perguntou por que, e eu lhe disse apenas que queria continuar a estudar, porque era apaixonado por livros e pelo simples desejo de estudar. Ele disse que ia pensar no assunto.

Meus pais me mandaram falar com a família do tio Leon simplesmente porque eles tinham muito prestígio e mais conhecimentos sobre o mundo, eram pessoas mais estudadas, tinham acesso a mais informações devido às facilidades financeiras. Foi algo como um padrinho para nós.

Passou-se o tempo e não recebemos nenhuma resposta do primo Alfred, com isto fiquei perturbando meus pais sobre o assunto, até que um dia meu pai teve uma idéia: procurar meu outro tio, também irmão de minha mãe, tio Pinchas, que morava em Chrzanow, pois lá eu poderia morar com eles, sem precisar pagar moradia. Chrzanow pertencia nessa época ao estado da Cracóvia e não

mais à Silésia.

Além de não precisar pagar moradia, havia também nessa cidade um curso científico do estado, gratuito, e a única condição era estar trabalhando em qualquer profissão como serralheiro, marceneiro, ou qualquer outra, mas era obrigatório estar trabalhando.

Com todas essas facilidades, fui morar em Chrzanow. Tive a sorte do meu tio conhecer o dono de uma serralheira, e com isso conseguir trabalho para mim, pois não era assim tão fácil arrumar emprego num estabelecimento que pertencesse a judeus. Eu trabalhava durante o dia e à noite fazia o curso científico. Já tinha quase 15 anos, e esse tempo com tio Pinchas foi muito especial, principalmente por estar vivendo com uma pessoa tão querida. Foi um período muito importante da minha vida.

Minha paixão pelos livros começou quando eu ainda estudava na escola estadual polonesa. Fui um dia à biblioteca e peguei um livro de aventuras, histórias em geral, e comecei a ler. Foi assim que fiquei deslumbrado pela leitura. Gostava tanto de ler que passei a devorar livros. Foi quando deixei de brincar na rua com os colegas.

À noite eu contava histórias para os meninos da rua. Contava a eles tudo o que havia lido durante o dia, e eles começaram a me chamar de intelectual. Daí surgiu toda esta ânsia por continuar meu estudos.

Lembro-me de momentos em que meu irmão Mosche queria brincar, e eu só queria ler; ele ficava virando a página do livro enquanto eu estava lendo, para ver se conseguia minha atenção. Um dia fiquei tão furioso com essa atitude, que peguei um ferro e atirei nele, e por pouco eu não o mato. Eu era tão fascinado pela leitura que, quando encontrava um jornal jogado na rua, o pegava para ler. Lia de tudo: política, economia, religião, qualquer coisa que estivesse à minha frente.

Eu tinha um amigo chamado Max, um judeu com quem eu podia conversar sobre tudo que havia lido, principalmente sobre política, pois ele também gostava de ler. Havia entre nós uma comunicação cultural, coisa que não acontecia com a maior parte dos meus colegas da escola.

Quando eu fui morar em Chrzanow por volta dos anos 1936/37 conheci organizações sionistas que tentavam levar jovens judeus para a Palestina. Já haviam graves acusações contra os judeus, que eram chamados de marxistas, comunistas, etc., e então comecei a participar dessas organizações.

Aprendi, com os dirigentes dessas organizações, canções judaicas e hebraicas e tudo sobre o movimento sionista na Palestina.

Tempos depois, quando minha família mudou-se para Chrzanow, os membros da organização foram falar com meu pai sobre o desejo de levar meu irmão Mosche à Palestina, argumentando que já começava a perseguição aberta e declarada aos judeus. As vitrinas das lojas judaicas eram quebradas, e os judeus ortodoxos que usavam barba e vestes pretas eram agredidos e importunados.

Mosche sempre foi muito forte fisicamente. Uma vez ele quis defender alguns judeus que estavam sendo atacados por adolescentes nazistas e acabou sendo preso. Por esta razão os organizadores queriam levá-lo à Palestina.

Para meus pais isso era o fim do mundo, pois como poderia alguém pensar em tirar um filho da família? E ainda sendo o mais velho, era algo inconcebível. Eu era considerado o filho frágil e fisicamente fraco pois detestava comer, e era mais conhecido como o intelectual da família.

Tio Pinchas distingue-se na minha história como um exemplo de homem singular, especial, um "feltcher" (espécie de curandeiro). Ele serviu durante a 1ª Guerra Mundial como enfermeiro, no exército austro-húngaro. Lá manteve-se nas condições mais adversas, que se complicavam mais ainda por ele ser um judeu ortodoxo, o que implicava em muitas ocasiões, a comer pão e água, ou alguns legumes crus, devido à exigência da comida "kasher". Ele curava as pessoas com ervas, chás e os "banchi" (ventosas), que são copos cônicos aplicados no corpo, depois de se ter rarefeito o ar por intermédio de uma chama, provocando um efeito repulsivo, para combater uma intoxicação ou infecções.

Mas o que mais me impressionava era a criação de sanguessugas que ele carregava consigo em um vidro com água, aplicando-as nos pacientes.

É incrível ver hoje a medicina tão adiantada e, ao mesmo tempo, tão incapaz de curar muitas doenças simples. Naquela época observei muitas curas de doenças até graves. Comigo mesmo, isso aconteceu: quando eu era criança sofri uma séria queimadura, tentando imitar os mágicos de rua que cuspiam fogo, para mostrar aos meus amigos que podia fazer o mesmo; e acabei por atear fogo em todo o meu corpo.

Meus pais chamaram o médico local, que constatou que eu tinha queimaduras de 3º grau. Não havendo grandes esperanças de cura pelos médicos, meus pais chamaram tio Pinchas. Ele trouxe consigo uma pomada à base de

ervas, preparada por ele, que me curou completamente.

Ele também preparava uma pomada para barbear as pessoas sem o uso de nenhuma lâmina. Pela lei judaica ortodoxa não se pode raspar a barba com lâmina. Com o uso dessa pomada e uma espátula de madeira, ele barbeava os clientes, não infringindo a lei.

Meu tio era uma pessoa muito especial, mas muito pobre, e pela religião judaica todo homem tem que fazer uma Mitzva (uma boa ação). E sua Mitzva diária era distribuir parte do que ganhava aos que eram mais pobres do que ele. Minha tia ficava na barbearia para receber o dinheiro dos clientes, para evitar que ele doasse todo o seu ganho àqueles que eram tão pobres quanto eles.

Vivi com eles alguns meses, mas a insistência do meu tio em me levar à Sinagoga todos os dias para rezar em horários que não me agradavam me deixava muito descontente, pois eu levantava às seis da manhã e ia rezar com ele todos os dias antes do trabalho. Às vezes, quando eu voltava do trabalho para casa, às cinco da tarde, ele também queria que o acompanhasse à sinagoga para rezar. Mas quando eu chegava em casa depois do trabalho, meu desejo era tomar um banho, descansar e ler durante o pouco tempo que me restava antes de ir à escola. Eu não trabalhava aos sábados e domingos, e ele queria que eu fosse com ele no sábado rezar na Sinagoga e que durante o dia ficasse estudando a Tora. Consequentemente, no domingo também. Eu era jovem, e ansiava por outras coisas. Queria sair com os amigos, me divertir, ler meus livros que não fossem a Tora. Por estas razões, pedi aos meus pais para que me arranjassem outro lugar para morar, apesar de todo carinho e respeito que eu tinha pelos meus tios.

Meu pai foi conversar com meu tio, e decidiu-se que eu iria mudar-me para a casa de outra família, de amigos do meu pai. Meu tio Pinchas tinha um carinho especial por mim, e com isso ficou bastante triste, pois apesar de ter dois filhos, eu era o seu xodó. Enfim...

Mudei, então, para a casa dessa família de amigos do meu pai, na mesma cidade. Na casa moravam o casal e suas duas filhas, Pérola e Hanna. A primeira, mais velha, com 14 anos, já tinha um corpo de menina moça, o que me deixou atraído por ela logo na chegada; Hanna ainda era muito criança. Para o pai de Pérola eu era um bom partido, pois já trabalhava e estudava, e principalmente porque, se os meus pais podiam pagar uma moradia para mim, era porque tinha uma condição de vida razoável. Havia muito interesse da parte

dele em me deixar falar e estar com sua filha Pérola. Eu tinha 15 anos e já pensava em namorar. Nós adolescentes, não nos permitíamos ir além de algumas apalpadelas. Se fôssemos além, nos sentíamos como uma espécie de criminosos.

O pai das meninas era um vendedor ambulante, e por se chamar Benjamim Maimon, queria impressionar-me dizendo que era descendente do grande sábio Maimônides, médico e estudioso da Cabalah. Eu tinha de fato uma grande sede de conhecimento e lia de tudo, de romances policiais até grandes clássicos. Às vezes eu ficava lendo até a madrugada usando luz de velas ou mesmo a luz da lua.

Minha situação era de um aprendiz de serralharia, numa época muito difícil para um judeu. Nós, judeus, vivíamos na periferia, à margem da vida oficial, num ambiente de forte anti-semitismo. Podia-se ler em muros pichados de um lado, "judeu capitalista" e de outro, no mesmo local, "judeu comunista". Isso acontecia nas grandes cidades da Polônia e também em Katowice, onde meus pais moravam.

No interior da Polônia a situação não era tão marcante quanto nas cidades grandes. Éramos, assim, um alvo fácil, ovelhas negras que serviam a múltiplos interesses. Por isso, na prática quotidiana os ataques contra os judeus tinham a silenciosa conivência da polícia polonesa.

Por eu estar vivendo já há dois anos em Chrzanow, e por causa desta situação insustentável em Katowice é que meus pais resolveram mudar de Katowice para Chrzanow com grandes perdas financeiras, pois tiveram que vender as instalações e propriedades que tinham por preços muito abaixo do valor real. Foi quando eu saí da casa dos amigos dos meus pais e fui morar novamente com minha família.

Como o ramo de trabalho já era familiar, e com o dinheiro da venda dos bens que tinham, meus pais montaram um depósito de ferro velho em Chrzanow. Eu só podia ajudá-los ocasionalmente no depósito, pois ainda trabalhava na serralheria e estudava à noite.

Chrzanow era uma cidade menor, onde ocorriam com menor freqüência os atentados contra os judeus. Meu pai trabalhava no depósito com meu irmão mais velho, Mosche, comprando ferro-velho que levavam em carroças puxadas por cavalos. Esse ferro-velho era armazenado até haver quantidade suficiente para ser embarcado em vagões de trem que iam para Katowice. Todo

o ferro-velho era mandado à usina, aos cuidados dos filhos do tio Leon.

A família do tio Leon era nesta época muito rica, e chegou a ter vagões próprios para o transporte de ferro.

Além dos irmãos Pinchas e Leon, minha mãe tinha mais uma irmã, chamada Míriam, que morava em Londres.

A respeito dessa época, meu filho Josef comentou o seguinte:

"Pai, sua descrição do ambiente em que vocês viviam dá uma imagem bem clara da situação social e da pouca perspectiva. Os horizontes eram muito próximos. Não se podia esperar muito da vida. Aliás, a constante ameaça dava mais margem a ver um futuro mais negro. Como suas leituras tão amplas influíram na época em sua visão de mundo? Hoje, como você vê essas leituras e suas influências em suas crenças e valores?"

Respondi que, nessa época, a leitura ampliava os meus pobres horizontes. Mesmo assim, sentia-me muito distante do que eu lia. Ficava sonhando com outras realidades, mas a vida cotidiana abafava meus sonhos. No entanto, essas leituras serviam, para me dar uma visão mais cosmopolita da vida. Pelo menos, além de saber de outros costumes, outras culturas e possibilidades, eu sabia da existência de outros valores e das linhas gerais das grandes idéias e teorias.

E de fato eu sonhava. Vivi o fascínio dos ideais de liberdade, justiça social e econômica, estudei e li tudo sobre a revolução francesa. Também tive minhas emoções com a poesia e com a música. É claro que com a guerra tudo isso se desfez. O ser humano nesse momento mostra a sua face mais terrível e, então, podemos ver quanto os ideais escondem suas verdadeiras intenções. E ficamos assim enriquecidos, desconfiados e cépticos.

Atualmente, passadas tantas ilusões, posso perceber a maioria dos valores e reencontro-me com o judaísmo em sua eterna visão da transcendência da vida mundana. Reconheço o valor daquelas leituras, que, se antes me encheram de sonhos, serviram-me, durante a vida, para detectar diferentes opiniões, orientando algumas decisões importantes. Mais tarde, com mais leituras e novas idéias, pude realizar um quadro mais abrangente da vida, e até contribuir de maneira criativa para algumas questões que perturbam o mundo atual. Assim eu acho, sem querer ser pretensioso.

O fato é que quando nos transportamos para esse passado nada distante, vemos o lamentável anti-semitismo tão primário e grosseiro, e ficamos choca-

dos quando hoje essas idéias voltam com o mesmo primarismo e ignorância. Naquele tempo, os piquetes dos hitleristas percorriam as ruas, pichando os muros, as lojas, quebrando vitrines e agredindo pessoas. A diferença hoje, é que podemos ver essa triste degradação também pela televisão, o que torna o fato mais grave. Será que houve evolução?

Estamos no ano 2000. Lamentavelmente lemos nos jornais e assistimos na televisão notícias que revelam que na Europa as coisas não mudaram muito: na França, Le Pen, na Sérvia, Milosevic e na Áustria, Haider incitam a população contra trabalhadores estrangeiros, que eles mesmos levaram para reconstruir seus países destruídos pelo ódio racial. Eles parecem pensar assim: uma vez que suas pátrias já tenham sido reconstruídas, não precisam mais desses estrangeiros pretos e mal cheirosos; então, o que fazer com eles, já que disputam a mão-de-obra com os trabalhadores nacionais? Deportar? Matar? Ou....

Essas pessoas têm influência muito grande em seus países. Le Pen, por exemplo, de um partido nacionalista francês, contou com 5 ou 6% dos votos nas últimas eleições da França, apesar desse país sempre ter sido socialista. E ele incita a população francesa contra judeus e imigrantes principalmente da Tunísia e Argélia, antigas colônias francesas, que vão para a França à procura de trabalho. Le Pen diz que esses imigrantes judeus estão prejudicando o povo, tirando dos franceses as oportunidades de trabalho. Considerando-os indesejáveis, esse político francês “agita” a população para expulsá-los, não dando oportunidades para eles de viverem na França, e voltar para seus países.

Não sei se devemos rir ou chorar deste século XXI.

Faço estas comparações com os dias atuais para que as pessoas que forem ler este livro possam se dar conta do desastre que a história sempre repete, sem nunca se chegar a um bom senso com relação à humanidade.

Capítulo II

Blitz Krieg – Guerra Relâmpago

Em 1º de setembro de 1939 iniciou-se a matança bestial de 50 milhões de pessoas, incluindo-se os 6 milhões de judeus. Os nazistas e seus cúmplices,

utilizando-se de sua equívoca ideologia, despertavam para a sanha assassina. Como explicar que esses alemães que viveram séculos sob a orientação de sua cultura tão extraordinária, que permitiu a expressão de figuras como Mozart, Beethoven, Schiller e Goethe, entre tantos outros, puderam chegar a essa barbárie? Será que, para a maioria dos alemães, essa cultura não passou de um verniz, uma máscara, que escondeu sua grosseria e reprimiu sua enorme ânsia de poder?

A Alemanha já estava se preparando para conquistar toda a Europa, com suas formidáveis máquinas de guerra, sua enorme frota de aviões e tanques.

Sem sequer alguém imaginar, os alemães desenvolveram uma tecnologia de rádio super avançada para a época, onde eles conseguiam captar as ondas das rádios polonesas e, falando em polonês, destorciam as notícias sobre a tomada da Alemanha na Polônia. Nesse 1º de setembro, as rádios emitiam comunicados confusos desde manhã. Criou-se um caos total. O povo já não sabia mais o que estava acontecendo, pois, enquanto as rádios falavam que os soldados alemães estavam tomando o norte da Polônia, repentinamente os alemães tomavam o sul.

A Polônia era muito frágil perante as forças modernamente equipadas da Alemanha. Os pára-quedistas alemães instalaram-se nas costas do exército polonês. Os nazistas dominaram a Polônia numa operação relâmpago. Os massacres que os alemães realizaram, de extrema violência, aterrorizaram a população civil que se pôs a fugir para todos os lados, sem saber para onde ir; muitos perderam o rumo nessas fugas.

Houve nessa época repentistas que em poucos versos, que rimam em polonês, descreveram esta guerra relâmpago.

Dnia Pierwszego wrzesnia armaty zagraly
I na polskão ziemiem kule sie sypaly
Sypaly sie kule bijão samoloty
I ludziska w strachu opuszczajão chaty

Wszyscy uciekali do miasteczka Skaly
Ze ich nie dosiegnão z karabinov strzaly
Niedlugo tam byli juz sie skala pali
Musieli uciekac pod Sandomierz daly
A pod Sandomierzem wrzyscy zaplakali
Ze juz Polskão ziemien niemcy nam zabrali

Tradução:

No dia primeiro de setembro os canhões trovoaram e na terra polonesa obuses estavam caindo.

Estavam caindo obuses e aviões ameaçadores matavam a população aterrorizada, que abandonava suas casas.

Todos estavam fugindo para a cidadezinha de Skala na esperança de que os obuses não os atingissem.

Pouco tempo lá estiveram, e Skala foi incendiada, tiveram de fugir até Sandomierz.

Logo, em Sandomierz todos começaram a chorar, pois toda a pátria polonesa foi tomada pelos alemães.

Meus pais juntaram o que puderam, colocando tudo na carroça. Nessa época, 1939, já existiam caminhões, porém só grandes empresas, o exército e o governo os possuiam. Nós, o povo, o máximo que podíamos ter era uma carroça; e muitos, sem carroça, talvez não tivessem condições de fugir. Andamos em direção ao interior da Polônia, com a meta de chegarmos a Stashow, cidade onde meu pai nasceu, e onde ainda tinha alguns parentes. Stashow ficava a uns 600 km de onde estávamos.

Na confusão reinante, andávamos a uma média de 30 km por dia, devido ao precário transporte e as péssimas condições da estrada de terra. Além de tudo isto tivemos que enfrentar bombardeios e a clara proximidade da morte.

Os aviões militares alemães, os "Stukas", estavam fazendo enormes estragos. Em vôos rasantes metralhavam os comboios da população, procurando desobstruir as estradas para a melhor movimentação das tropas alemãs. Com isso criavam a maior confusão e tragédia.

No segundo dia de nossa viagem vivemos um episódio terrível, porque esses vôos rasantes assustaram os cavalos dos comboios das carroças de tal forma, que meus pais, com tanto medo, enfronharam-se no meio das trouxas de roupas que levávamos, cobrindo-se com o que podiam. Jacob, meu irmão caçula que tinha aproximadamente 8 anos, estava em cima da carroça e começou a gritar desesperadamente. Eu estava na frente da carroça junto com Mosche que tentava controlar os cavalos. Pulei em cima de Jacob, peguei-o e

arrastamo-nos para uma valeta, cobrindo-nos com terra e galhos de árvores. Mosche, a muito custo, conseguiu dominar os cavalos e acabamos saindo ilesos desta tragédia, que custou a vida de várias pessoas que não conseguiram se salvar, e também de muitos cavalos que foram atingidos e mortos.

—Tem coisas que eu lembro como se fosse agora, como essa imagem do meu irmão pequeno, de três ou quatro anos, e de minha mãe, naquela situação. Ela passou um bocado... Tinha 44 anos, e meu pai 45. Nessa fuga, não tinha como chorar. Chorar o quê? Mulheres entraram em pânico, histéricas, mas não resolveu nada. Acho que ela nem falava, porque nem tinha como explicar nada; eu sabia tanto ou mais do que ela, porque eu lia jornais. Ela simplesmente abraçava meu irmãozinho, e ia na carroça, encolhida, com muito medo. Eu e meu irmão mais velho éramos mais adultos, e nós praticamente estávamos protegendo nossos pais, e não os pais a nós. Éramos assim crianças crescidas, de 17 e 18 anos, com sentimentos de criança.

Pernoitamos na estrada e seguimos viagem no dia seguinte.

Ao entardecer do terceiro dia da nossa viagem, depois de termos percorrido pouco mais de 100 km, aconteceu o pior: tropas alemãs desceram de pára-quedas na frente do comboio de carroças, barrando a passagem e causando novamente uma enorme confusão.

Não víamos nada de onde estávamos, pois era um comboio de mais ou menos cem carroças. Só percebemos que havia uma confusão lá na frente e as carroças começaram a parar. Então resolvi descer da carroça para ver o que estava acontecendo mais na frente. Não vimos os alemães quando desceram, mas quando chegaram perto, atirando, todos procuravam se esconder de todas as formas, correndo para todos os lados sem saber para onde ir e o que fazer. Além disso, não existia outra saída, e nos dois lados da estrada havia uma valeta, o que impedia a passagem das carroças. Era um campo aberto, com algumas casas, mas não tínhamos como fugir.

Devido a esta confusão de pessoas e cavalos correndo por todos os lados, acabei me perdendo da minha família. Já era noite, tudo estava escuro, e comecei a procurar em vão pelos meus pais e irmãos. Eu estava exausto e com fome. Deitei-me no terraço de uma casa abandonada, juntamente com outros fugitivos que encostaram suas carroças e seus cavalos, e acabamos adormecendo.

Acordamos com o barulho de tiros e arranque de motos, com soldados

alemães ao redor das casas. Tirei os sapatos e o boné, porque normalmente os camponeses andavam descalços e não usavam boné, misturando-me com o povo, como se fosse um camponês polonês.

Os alemães estavam procurando judeus e soldados poloneses. Judeus, porque, aos olhos do nazismo, eram uma raça inferior que precisava ser eliminada, e soldados poloneses porque estavam em guerra com a Alemanha.

Com meus cabelos loiros e olhos azuis eu mais parecia um lavrador polonês do que um judeu. Por essa razão os alemães nem sequer me importunaram. Consegui com alguns camponeses um pedaço de pão e um pouco de água de poço, o que me deu forças para continuar.

Comecei a procurar minha família pelos arredores de onde eu estava, mas não encontrei ninguém. Sem mais opções, resolvi voltar a Chrzanow, de onde havíamos saído. Vaguei por longos e infinitos quatro dias, escapando de patrulhas e ladeando as estradas. Assim como eu, muitos fugitivos estavam voltando para o lugar de onde haviam saído, e com essas pessoas consegui comer alguns pedaços de pão, que por caridade resolveram me oferecer. Até que cheguei em casa, onde, graças a Deus, encontrei toda minha família sã e salva.

Cheguei com a roupa toda rasgada e suja, os pés ensangüentados pois eu não estava acostumado a andar tantos quilômetros sem sapatos, e com muita fome.

No dia seguinte meus pais me deram uma má notícia: meu tio Pinchas, irmão de minha mãe, em sua simplicidade, recebeu os soldados alemães com um cartaz, que dizia ter ele sido um soldado em defesa da Áustria, na 1ª Guerra Mundial.

Mataram-no a coronhadas, arrancando-lhe a barba branca brutalmente. Ele foi um "Tzadik" (santo), morreu por "Kidush Hachem" (pela fé).

Nossa vida cotidiana era bastante simples, muito perturbada nos últimos anos antes da guerra pelos piquetes hitleristas. Vivíamos comentando os últimos atentados, perguntando-nos deste nosso destino como judeus. Sem a existência da televisão, conversava-se bastante, embora eu na verdade fosse quieto e sempre enfurnado nos livros.

Nossos valores, nossas crenças e expectativas estavam muito permeados pela idéia de um mundo de convivência fraternal, baseada na divisão do trabalho e pelas festas e rituais religiosos. Em geral, não podíamos imaginar muito

mais do que isto. Com minhas leituras, eu vislumbrava um mundo com maior tecnologia e amplas possibilidades, mas isso ficava em algumas longínquas abstrações, rapidamente apagadas pelo dia-a-dia.

Capítulo III

A Ocupação

Depois da extrema violência e barbárie dos primeiros dias, os alemães deram uma trégua. Já estavam consolidados na Polônia ocupada, que traiçoeiramente dividiram com a União Soviética. Muitos judeus, jovens, e mesmo pessoas mais maduras, começaram a fugir para a União Soviética. Depois, chegaram muitas notícias de que os russos os prendiam, mandando-os para a Sibéria ou Ásia Central, o que ficou confirmado após a guerra. Muitos morreram de frio ou de fome, mas muitos também se salvaram.

Eu e Mosche chegamos também a pensar em fugir para a União Soviética, mas sentimos que não poderíamos deixar nossos pais e Jacob sozinhos. Na verdade, em muitos casos isso não ocorria, pois muitos filhos deixaram os pais à própria sorte. Os próprios pais, muitas vezes, incentivavam os filhos para que eles fugissem. Nós no entanto, não o fizemos. E o fato é que estamos aqui, continuando sempre com essa vontade de sobreviver que é mais forte que a consciência. Sempre tínhamos na mente o pensamento de que, como diz o ditado popular, a esperança é a última que morre. Ficamos em Chrzanow.

As forças de ocupação alemãs, com o auxílio dos anti-semitas e traidores, que constituíam a maioria dos poloneses, organizaram uma precária administração civil em todas as localidades. Faltava de tudo. As tropas alemãs arrombavam lojas e armazéns limpando o que havia e levando para a Alemanha. Tivemos então que ser criativos, usando panos velhos, restos, pedaços de madeira, quinquilharias e tudo o que fosse possível para fazermos roupas, pequenos móveis, alimentos e lenha para o aquecimento.

Formou-se, como é comum nessas ocasiões, um mercado negro de trocas, vendas e compras, onde os valores eram totalmente alterados. Um relógio podia valer um pedaço de pão.

Lembro-me, com muita dor, dos olhos marejados do meu pai, quando ven-

deu seu relógio de bolso com corrente de ouro, que era a única lembrança e herança de meu avô. Trocamos este relógio por um pouco de alimento para passar os primeiros dias. Depois foram as alianças e algumas jóias de minha mãe. Procuramos desesperadamente alguma forma de trabalho, alguma forma de sobrevivência. Tínhamos a sorte de ter três cavalos e carroças para fazermos entregas.

Logo no início, no entanto, os alemães confiscaram os cavalos, carroças ou quaisquer outros meios de locomoção. Conseguimos, por conhecer bem a região, esconder um dos cavalos e um tipo de charrete no mato. Com isso, Mosche e eu começamos a fazer alguns transportes ilegais, correndo o risco de confisco, prisão ou até morte.

Depois de algumas semanas, descobrimos um negócio interessante. A uns dez quilômetros da cidade funcionava um moinho de trigo. Fizemos amizade com o dono e eu me ofereci para trabalhar em troca de farinha. Ele não podia admitir judeus, mas simpatizou com a minha cara de "não-judeu" (goi), pelos olhos verdes e cabelos louros, e acabou me contratando para trabalhar no moinho.

Assim, meu irmão ficou fazendo o transporte de farinha, levando 2 ou 3 sacos para um mercado "negro" de padarias judaicas e eu ganhava no fim de semana alguns quilos de farinha para minha mãe. Nossa situação melhorou ainda mais, com outro negócio que descobrimos. Percebemos que as padarias lutavam com a falta de fermento, e o único lugar em que se podia achar fermento era Kracow (Cracóvia), que ficava a uns 50 Km de Chrzanow.

Não havia meio de transporte entre Chrzanow e Cracóvia, pois os alemães haviam confiscado a linha de trem existente.

Nenhum judeu queria arriscar-se a ir buscar fermento em Cracóvia e ser apanhado pelos alemães. Então, eu, aproveitando mais uma vez minha típica aparência alemã, montei minha bicicleta (eu havia desmontado para escondê-la dos alemães, nos primeiros dias) e, duas vezes por semana, ia até Kracow comprar fermento. Eu saía às seis horas da manhã de casa e só conseguia voltar à noite, mas o lucro era muito compensador, embora corresse riscos de vida enormes nessas idas e vindas.

Não posso deixar de contar sobre momentos de esperança e alegria que tive, chegando até a pensar em namoros e outros sonhos. Como o ser humano pode ser tão otimista, mesmo estando na desgraça!!! Mas eu era um adoles-

cente, e, embora eu acabasse por querer cuidar de meus pais, e obedecê-los, eu também pensava em sair dali, deixar tudo aquilo, independentemente da vontade deles, se não concordassem. Havia o fato também de eu nunca ter me sentido totalmente livre na Polônia, até mesmo antes da guerra. Eu não me sentia, vamos dizer, em casa, aquele não era um país livre. Mesmo com poloneses, entre alguns amigos que eu tinha, eu não me sentia livre, podendo fazer o que quisesse. Então havia uma frase muito comum entre nós: "Eu vou para a América, porque lá tem liberdade". Na Europa não havia liberdade, com tantas guerras. Nós sabíamos que na Espanha tinha a Guerra Civil, com o ditador Franco, a Itália guerreando com a Abssínia na África, matando os negros. E nós, sem pensar muito nessas questões, alimentávamos o sonho de ir para os Estados Unidos, eu também partilhava do "sonho americano" e desejava ter aquela liberdade. Passamos assim todo o inverno e a primavera do ano de 1940.

No verão desse ano Hitler invadiu a União Soviética. As tropas alemãs passavam nas estradas com seus tanques e caminhões, onde havia a inscrição: "Jetz Russland und dann die ganze welt." (Agora a Rússia, depois o mundo inteiro). De fato, o avanço dos nazistas foi rápido: entraram profundamente na Rússia, Romênia, Hungria, Bulgária, Iugoslávia, Grécia, todos os países balcânicos, França, e com ajuda de Mussolini, lançaram-se à África do Norte, conquistando um país após outro.

Nós, relativamente politizados, pensávamos ter chegado o fim do mundo. As notícias, vindas de todos os lados, aumentavam ainda mais nosso desespero, pois sabíamos como arrasavam sinagogas e massacravam a população judaica em todos esses locais. Foi extremamente chocante o relato do sobrevivente de um desses massacres, que contou-nos da entrada dos nazistas em uma pequena cidade, onde mandaram que todos os judeus, homens, mulheres e crianças, se reunissem numa sinagoga. Em seguida, atearam fogo e metralhavam todos os que tentavam escapar. Esses fatos, que já foram suficientemente descritos por tantos livros, em alguns casos até buscando o sensacionalismo, é preciso admitir, foram uma terrível rotina em nossas vidas, destruindo qualquer sentimento positivo ou uma esperança.

Embora haja tantos relatos documentados, fico revoltado com informações levianas que procuram convencer as pessoas de que essas coisas são exageros ou mentiras. Quem não viveu extremos, não conhece a loucura

reprimida na alma humana e não consegue acreditar em tanta maldade.

Infelizmente, hoje podemos ver essa maldade e esse absurdo na violência urbana em nossas vidas comuns.

"Al tischkach ma she asa leha amalec" (não estou querendo vingança, mas jamais esquecerei o que eles fizeram a nós) - referência a um texto do Velho Testamento. Estas são também as palavras de Elie Wiesel, Prêmio Nobel da Paz.

Sobre isso, meu filho Josef comenta: "Parece-me que a questão do esquecimento representaria a fuga de um processo de conscientização em relação ao problema do racismo, e mesmo do conhecimento das potencialidades positivas ou negativas de nossa alma. A questão realmente não é de vingança. O que precisamos é resgatar, pela consciência do que sofremos, as forças para o desenvolvimento de uma vida mais fraternal entre as pessoas. Esquecer seria negar a importância da História e sua contribuição à evolução humana. Se esquecermos o que os alemães fizeram, isso vai se repetir. Em alguma crise, é fácil incendiar um povo e escolher um bode expiatório para tentar desviar o pensamento das pessoas dos problemas reais".

Fico contente em ouvir isso, porque muitas vezes fico com receio de que as pessoas não queiram encarar a própria vida, querendo pular por cima, como se nada tivesse acontecido. Já sabemos que a verdade é sempre redentora, doa a quem doer. Não podemos minimizar o perigo da inconsciência. Saber o que ocorreu ajuda a evitar que fatos assim se repitam.

Capítulo IV

O Horror dos Campos de Concentração

Em 1940 o governo de ocupação alemã tornou pública a necessidade de mão-de-obra na Alemanha, pois precisavam substituir, os "gloriosos" soldados do III Reich (Raich), por serem eles necessários para policiar os países já ocupados por Hitler.

Com isso, o governo anunciou que toda família judaica dos territórios ocupados tinha que fornecer um de seus membros para trabalhar por três meses

na Alemanha. Quem não se oferecesse voluntariamente, provocaria a prisão e o extermínio de toda a família. Não sei se fizemos bem ao obedecer como carneiros. Mas, na reunião que fizemos em nossa casa, fui designado a apresentar-me em nome da família, para esse trabalho forçado. Eu tinha 18 anos. Não podia ser de outro jeito, porque meu irmão Mosche praticamente sustentava nossos pais e Jacob tinha apenas dez anos. Assim fui, para nunca mais ver minha família, com exceção de Mosche.

No início de outubro, fui enviado, com cerca de 300 pessoas aproximadamente, a maioria de Chrzanow, para um campo de trabalho numa cidade alemã a uns 250 km da minha casa. Esqueci o nome desse "zwangsarbeitlager" (campo de trabalho forçado), porque durante os quase cinco anos em que estive na Alemanha, trabalhei em onze campos.

Inicialmente eram os "zwangsarbeitlager", mais tarde mudaram para os "konzentrationlager" (campo de concentração) e que, na verdade, tornaram-se no fim da guerra "todeslager" (campo de morte).

Nos vagões em que nos embarcavam como gado, já víamos os guardas da S.A.(Sturm Abteilung) que, na maioria dos casos, não eram tão temíveis como os da S.S. (Sturm Staffe), pois tratavam-se de pessoas de descendência alemã que moravam na ex-Silésia ou Polônia, e muitos deles eram nossos conhecidos.

Desembarcamos numa estação e, após uma caminhada de 5 km, chegamos ao campo. Era uma área cercada com arame farpado, tendo torres de vigia e seis barracões compridos e gelados, onde ficávamos alojados em grupos de cincoenta pessoas por barracão. Esses alojamentos eram dotados de beliches com colchões de palha, um cobertor e um fogão de ferro a lenha no centro. Apenas isto!

Do lado de fora dessa área cercada, existiam algumas casas para os vigias e mais um barracão grande onde estavam instalados o armazém, a cozinha e a lavanderia. Chuveiros e latrinas ficavam num barracão à parte, dentro do cercado.

Cada um de nós trouxe sua mala com roupas, com a ingênua ilusão de que teríamos o suficiente para passar os três meses, conforme foi imposto pelo governo alemão. Como pudemos ser tão ingênuos?

No dia seguinte, logo cedo, tivemos de apresentar-nos, formando fileiras como se faz no exército. Era o chamado "Appel" (apresentação). Chegou o

comandante do campo para transmitir as informações. Perguntou quem falava alemão, para escolher coordenadores "lagerfurhrer" (dirigente do campo), "barrackenfuhrer" (dirigente do barracão), "arbeitfuhrer" (dirigente do trabalho), além do pessoal de cozinha, limpeza, etc. Embora eu falasse perfeitamente o alemão, não quis apresentar-me por medo, e por ser muito jovem.

Estavam lá pessoas com mais de 40 anos de idade. O comandante também deixou bem claro que qualquer tentativa de fuga seria severamente castigada.

Antes de qualquer coisa, perguntavam qual a profissão de cada um de nós, e então, dividiram-nos em grupos de trabalho. Declarei-me serralheiro e puseram-me num grupo de trabalhadores para carregar trilhos e fazer uma linha de trem, que iria dar numa indústria que estava sendo montada.

Ficávamos de 11 a 14 horas por dia trabalhando, tendo uma hora para o almoço, que nada mais era que uma sopa rala de legumes e um pedaço de pão.

Sempre estávamos escoltados por soldados fortemente armados, que eram os donos de nossas vidas, porque poderiam atirar por qualquer motivo, alegando preguiça no trabalho, tentativa de fuga, etc. Acabamos, entre nós, dando apelidos a estes guardas, em função de suas atitudes: "Roitter" (devido à cara vermelha), "Katzev" (açougueiro), "Alter" (velho), "Der Pysk" (porque gritava muito), e assim por diante.

Inventamos também um código de palavras, porque a maioria dos guardas sabia polonês, alemão e até o idishe, já que muitos tinham trabalhado com judeus. Assim, "seks" era atenção, "feifer" era o mestre de obras, além de gestos e trejeitos com os olhos e rosto que formavam um sistema de sinais.

Lentamente formamos grupos de amigos que ajudavam-se mutuamente e tinham discussões sobre os mais variados assuntos, procurando resolver as várias disposições práticas para facilitar a sobrevivência.

Na desgraça, ocorre esse milagre da união e dos debates férteis, que raramente acontecem na vida comum. É claro que apareciam os "porcos-espinhos" e delatores, além dos chefes de grupo (capo) que batiam, muitas vezes sem dó, ganhando com isso alguns privilégios.

Com o tempo, os grupos de amigos dividiam-se em grupos menores de duas a três pessoas, seguindo o que é normal na convivência humana. Se um conseguia roubar uma batata, dividia com seu amigo mais próximo, ou emprestava algum pano para se proteger do frio ou de alguma ferida. Devido à

escassez de alimento ou de qualquer objeto que viesse a amenizar o nosso dia-a-dia, era impossível dividir algo com um grupo de 30 ou 40 pessoas. Por isso, nos juntávamos em dois ou três amigos e fortalecíamos uns aos outros, com aquilo que cada um conseguia arrumar.

Reproduzo aqui uma conversa minha com Josef sobre isso: "Este é um assunto que me fascina particularmente, disse ele. Nos piores momentos de nossa vida surgem esses movimentos criativos e lúdicos, que nos definem como humanos no sentido de que a liberdade e o amor, afinal, representam os elementos essenciais de nossa expectativa. A ociosidade nos leva muito mais ao egoísmo e à alienação. Parece que lamentavelmente precisamos chegar a essas experiências-limite, de dor e desgraça, para aprender e encontrar os nossos "leit-motiv" (algo que nos motiva). Porém, em condições extremas, a necessidade de sobrevivência pode levar à violência e ao egoísmo absurdos.

É claro que não estou aqui pregando a necessidade da guerra. O que quero é chamar a atenção à priorização do trabalho, no sentido de ir ao encontro das reais necessidades sociais, o que para mim constitui a capacidade de estabelecer vínculos maduros com a vida. Afinal, todos nós buscamos, até inconscientemente, experiências-limite quando procuramos a festa, o álcool, o sexo, a droga, etc. Não lhe parece assim? Divergindo (e não divertindo-nos) do caminho de desafios a nossa expectativa de crescimento?".

Parece- me que o Josef tem razão no geral, mas acho que leva essa idéia ao extremo de assumir-se como uma espécie de mártir, um "Cristo" para ser sacrificado no redemoinho dos interesses. A guerra me fez ver que devemos nos manter honestos e trabalhar para poder viver da melhor maneira possível, conquistando uma estabilidade material com conforto e até o que se chama "levar uma boa vida".

A isso, meu filho respondeu: "Meu pai, você está mais do que justificado para pensar e viver conforme esse preceito. Nós, no entanto, essa geração do imediato pós-guerra, nascemos com a ansiedade de paz e de amor. Cansamo-nos dos discursos das diversas ideologias e sentimos a necessidade de reverter e quebrar instituições. Formamos essa geração que conquistou o amor-livre, a queda de tantas instituições formais que já estão há muito tempo falidas, promovemos a revisão dos partidos políticos, a rediscussão da religião e da filosofia, etc. Mas, com isso, também abrigamos enormes problemas. Ficamos no mundo da guerra fria, onde o capitalismo, e o capitalismo do Estado tentaram

resolver, através de fórmulas exteriores, o que só a educação e o tempo poderão solucionar: os caminhos da fraternidade, liberdade e igualdade. Não nos sentimos, então, à vontade com a idéia da "boa vida". Não que nós achemos que devamos viver sofrendo, mas ficou claro que os caminhos da sabedoria da vida são bem mais amplos. Isso explica porque enormes contingentes de jovens colocaram suas mochilas nas costas e foram procurar algo que depois, obviamente, descobriram que estava neles próprios. Agora é realizar o paciente caminho de construir e estabelecer. Mas vamos voltar à sua história que, bem sabemos, é um relato importante que forma o alicerce do que estamos tentando fundamentar."

Pois bem. Continuando, vimos que nada se falava de nossa volta às nossas casas, passados os três meses de trabalho. Logo ficou claro que havíamos sido enganados. Em novembro falamos com o "judenaltester" (o mais velho entre nós). Na prática, ele era um chefe de campo, uma pessoa distinta, respeitado tanto por nós quanto pelos alemães. Ele então pediu uma audiência com o comandante do campo e trouxe-nos a triste notícia de que não havia nenhum plano de substituição. Portanto, tínhamos que ficar onde estávamos.

Em fins de novembro entramos no rigoroso inverno europeu, sem ter nenhuma condição para isso. Não tínhamos roupas adequadas, estávamos desanimados pelo embuste e então, a 20 graus negativos começaram a ocorrer os primeiros acidentes e baixas, como: congelamento de dedos, da ponta do nariz e das orelhas, que formavam feridas e depois simplesmente caíam, ficando tudo em carne viva.

Não tínhamos nenhum tipo de assistência médica, e a situação começou a agravar-se cada vez mais. Nosso chefe, Zaca, improvisou então, uma pequena enfermaria e recebeu do comandante alguns medicamentos, mas a situação ficou tão difícil que, já em janeiro de 1941, vinte por cento dos homens ficaram praticamente inválidos para o trabalho. Os alemães então decidiram mandar os casos mais graves para casa. Nessa época ainda tínhamos o luxo de receber e enviar algumas cartas para parentes, e mesmo receber alguns pacotes com roupas. Mas ser mandado de volta para casa, mesmo muito doente, era uma verdadeira salvação.

No meu caso, preciso dizer que passei um inverno relativamente bem, porque de um lado eu tinha a vantagem de já ter exercido anteriormente trabalho físico pesado e, de outro, não fiquei preso ao vício do cigarro, que acabou

matando muita gente entre nós, nessa época. Tudo dentro do campo tinha valor de troca: roupa, comida, cigarros, etc. Assim, uma camisa valia 5 porções de pão e 2 porções de margarina; 10 cigarros valiam algumas porções de pão e margarina, etc. Cheguei ao campo como fumante, porque já nessa época fumar era sinal de masculinidade. Depois de um mês, percebi que trocando os cigarros por comida, obviamente eu teria mais condições de sobrevivência. Além disso, eu sempre me oferecia para lavar o chão do barracão, o que dava direito a uma porção de sopa extra no almoço.

Descrever a situação em que vivíamos nessa época passa a ser agora algo muito difícil para mim, porque é muito triste ver homens agindo como uma espécie de animais predatórios que podem matar por prazer, ou humilhar-se de maneira deprimente por um simples pedaço de pão.

Algumas pessoas podem até ter uma imagem mais ou menos correta de como é estar nessa situação, mas vivê-la é algo bem diferente. Muitos grandes filósofos do século passado perderam precioso tempo atiçando-se uns contra outros em nome de ideologias e utopias que discutiam raças e formas superiores de vida. Mas foi duro ver alemães matando crianças, incendiando sinagogas, igrejas e escolas em nome de muitas idéias, sendo depois condecorados, distinguindo-se dos demais pela sua bestialidade.

No dia 1º de dezembro de 1991 li um artigo no jornal "Folha de São Paulo", na seção "Personagem", com o *título "SS PRATICAVA TIRO AO ALVO EM CRIANÇAS"*. Tratava-se de Josef Schwammberger, ex-comandante dos campos nazistas na Polônia, que ordenou que os soldados jogassem crianças por uma janela de um orfanato, enquanto tentava acertá-las com tiros de revólver. Tamanha bestialidade, como fato isolado, somava-se a um número incalculável de outras atrocidades. Normalmente, vemos analistas afirmarem que são fatos isolados lamentáveis, que não representam o todo da realidade. A questão, no entanto, é um pouco diferente: a bestialidade é na verdade generalizada, ocorrendo alguns extremos inconcebíveis.

No campo, após o trabalho, conversávamos sobre essas coisas. E, para sonhar um pouco, contávamos, uns aos outros, das comidas gostosas e especialidades da cozinha de nossas casas, numa espécie de masoquismo, que dava um certo nível de satisfação diante do vazio em que vivíamos. Eu, com 18 anos, tinha a consciência equivalente à de um garoto de 13 anos do mundo atual. Embora já tivesse vivido dois anos fora de casa, nosso mundo ainda era

tão restrito que hoje vejo como éramos ingênuos e infantis.

O inverno estava chegando ao fim e, com o sol fraco da primavera, nosso ânimo começava a melhorar. Pensávamos que após aquele inverno infernal a vida iria melhorar.

Até hoje ainda não compreendi o milagre pelo qual, nesses primeiros seis meses, nenhum de nós morreu. Trabalhávamos com roupas insuficientes, sapatos furados, péssima alimentação e tantas outras deficiências, e, apesar de tudo isso, houveram poucos resfriados. Parece óbvio que nessas situações extremas o corpo torna-se muito mais resistente.

Estivemos nesta época num campo de trabalhos forçados, trabalhando na construção de uma estrada, e de vez em quando algum latifundiário da região pedia ao comandante alguns homens para serviços na lavoura. Isso era ótimo porque ganhávamos comida.

Comparando com os outros campos pelos quais passamos, posso dizer que no primeiro campo a vida era relativamente boa!!! Trabalhando em média doze horas por dia e comendo o suficiente para não morrer de fome, com roupa suficiente para não congelar, me lembrei de um sábio ditado: "me queixava que não tinha sapato, mas quando olhei para trás, vi que meu companheiro não tinha pé".

Neste campo, o nosso chefe mantinha um contato bom com o comandante. Soubemos então que em outros campos a vida era bem pior, e agora estávamos com medo de sermos transferidos para esses campos ruins. O que, no final das contas, seria inevitável.

Falo pouco de companheiros porque a luta pela sobrevivência não dava condições de aprofundar amizades.

Houve nessa época um episódio que marcou profundamente a minha vida: um de nossos companheiros, Dunkelblum, tentou a fuga. Devido aos vários acidentes de trabalho, o comandante permitiu que ele, como ex-farmacêutico, atuasse como enfermeiro. Isso lhe dava maior liberdade de movimento ao longo de 2 a 3 Km, de onde nós estávamos trabalhando.

Um dia, quando voltávamos para o alojamento, constatou-se o sumiço dele. Procuraram-no por todos os lados, mas não o encontraram. Fomos trabalhar no dia seguinte com muito medo, porque o comandante nos avisou que ele estava sendo muito bom conosco e que isso iria acabar.

Por volta das 14 horas, dois policiais de uma cidade vizinha trouxeram o Dunkelblum de volta. Pegaram-no na estação ferroviária, onde ele estava ten-

tando embarcar de volta a Katowice. Ele julgou que, devido ao seu bom conhecimento da língua alemã, poderia facilmente voltar a sua casa. No caminho de volta, os policiais já haviam batido bastante nele e quando o trouxeram, largaram-no na estrada, bem perto de onde eu estava trabalhando. Os nossos guardas de certo haviam sido repreendidos pelo comandante alemão por causa da fuga, então resolveram torturá-lo sem dó, com chicotes de pontas de aço e com coronhadas dos fuzis. Na tentativa de esquivar-se da surra, ele chegou a ficar a dois passos de onde eu estava trabalhando com uma pá. Os gritos dele, o choro, os pedidos de clemência, cegaram minha mente, e devido ao seu corpo estar coberto de sangue, por causa dos ferimentos, de repente enxerguei tudo vermelho. Eu não era tão corajoso, mas não sei o que aconteceu, que num instante relâmpago avancei com a pá, batendo na cabeça do soldado que estava à minha frente. Os soldados, surpresos, largaram dele e voltaram-se contra mim. Acho que com meu gesto salvei a vida dele, mas o que apanhei mudou completamente minha maneira e atitudes que tive a seguir na minha vida. Precisaram carregar-me todo ensangüentado até a enfermaria. Pensavam que eu iria morrer. No entanto, o enfermeiro constatou que houve cortes profundos no corpo, com muitos traumatismos, mas nenhum osso quebrado.

Depois desse incidente tornei-me mais cuidadoso e fechado em mim mesmo. Antes eu era muito nervoso e respondia imediatamente a todo desafio. Depois disso, não me meti naquilo que não me afetava diretamente e, quando algo me afetava, aprendi a contar até dez antes de tomar uma atitude.

Este campo era perto da cidade de Gleiwitz, na baixa Silésia. Mais tarde, diante das agruras dos outros campos, chegamos a ter saudades da vida que ali vivemos.

Não sei exatamente a ordem e os nomes dos campos pelos quais passei, por isso percebo que confundo a relação e os nomes dos campos de trabalho ou de concentração. Na verdade não sei se isto tem muita importância, mas vou deixar os nomes dos lugares que ainda lembro: Blechhamer, Brande, Gross Sarne, Bunzlau, Wisau, Gross-Rosen.

Lembro-me agora como os judeus evocavam em suas canções populares a vida nos "steteles" da Polônia, Ucrânia, Rússia e Lituânia. Apesar de sempre serem perseguidos por meio dos "progrons", onde sofriam estupros e matanças (sem direito às leis por serem considerados cidadãos de segunda classe), esses homens e mulheres cantavam:

"As men gevoint zich mit tzures, lebt men mit zei in fraiden" (dito popular em idishe que significa: quando nos acostumamos com a desgraça, vivemos com ela na alegria).

Capítulo V

O Holocausto

Em fins de abril de 1941, transferiram-nos para outro campo (Brande), não muito longe dali, onde continuamos, por uns três meses, a construir estradas.

Em agosto deste ano, fomos para outro campo (Blechhamer), que já era bem maior, talvez com duas mil pessoas, com praticamente a mesma estrutura dos anteriores. Mas logo sentimos a diferença, pela maneira como nos trataram.

Diariamente, às seis horas da manhã, devíamos nos apresentar no "Apelplatz" (pátio), devidamente barbeados e com os sapatos engraxados. No entanto, não recebíamos graxa e navalhas (a gilete ainda não existia). Foram então instaladas: uma barbearia, lavanderia, sapataria e alfaiataria, para que nós nos cuidássemos. Neste campo ainda havia um hospital com dez leitos.

Apesar destas condições, não havia tempo para todos serem atendidos. Assim, todos os dias, na revista diária feita pelo comandante, vários judeus eram violentamente chicoteados pelos alemães porque não tinham, por exemplo, feito a barba. Os castigos eram aplicados, muitas vezes, pelos próprios artesãos responsáveis. Assim, se alguém era flagrado com seu sapato rasgado, chamavam o sapateiro, que tornava-se o executor das torturas. E muitas vezes o próprio artesão era um judeu.

Esses profissionais, ajudantes, como barbeiro, sapateiro etc só trabalhavam dentro do campo atendendo os prisioneiros, e com isso acabavam por ter maiores regalias, como livre circulação e alimentação à vontade. Eram artesãos, médicos, "capos" (pessoas que, mesmo sendo judeus, eram criminosos ou de baixo nível, e que se submetiam aos mandos e desmandos dos alemães). Os "capos" eram escolhidos pelo comandante nazista do campo e porque normalmente eram pessoas brutais.

O nosso "Judenaltester" (administrador geral dos judeus dentro do cam-

po, que era diretamente subordinado ao comandante nazista) era uma pessoa muito viva e ativa, que fazia de tudo para nos poupar dos castigos.

Esse "Judenaltester", que era um advogado antes da guerra, foi uma pessoa muito especial para nós, judeus no campo, porque tentava de várias maneiras proteger os mais doentes e os mais fracos, proporcionando-lhes algumas vantagens, como por exemplo: acomodar vinte pessoas na enfermaria, onde só cabiam dez. E em muitas outras situações ele amenizava o sofrimento de muitos de nós.

Quando íamos em formação para os trabalhos, cruzávamos muitas vezes com prisioneiros de guerra, principalmente ingleses, que nos jogavam comida e cigarros. Algumas pessoas de nosso campo conseguiam entrar em contato com estes prisioneiros, entre os quais também haviam soldados da brigada judaica que lutavam junto com os ingleses. Assim, obtínhamos notícias otimistas, como o fato de existir o movimento de formação do Estado de Israel, e assim por diante.

Nesta época, segundo semestre de 1941, os alemães estavam no apogeu de suas conquistas, dominando um país após outro na Europa, e aventurando-se à conquista do norte da África.

O trabalho pesado e o extremo cansaço formavam a rotina neste campo, e a essa altura dos acontecimentos, muitos haviam morrido. No final do ano muita gente passou a ter disenteria com eliminação de sangue.

Começaram a ocorrer mortes seguidas, causando pânico. Então, veio uma comissão médica, que constatou que havia uma epidemia de vermelhão (tschervonka), mas eu acho que se tratava de tifo. Resolveram então fazer uma quarentena, isolando em barracos os doentes e impedindo a todos de sair do campo para trabalhar. Isso a princípio nos agradou bastante, é claro, mas os cansáveis "apells", (apresentação no campo) três vezes ao dia, quebravam nosso ânimo.

Chegamos nessa época a receber uma melhor alimentação, e como não fazíamos nada o dia inteiro, por iniciativa de um teatrólogo de Cracóvia, montamos uma peça de teatro - uma comédia, que satirizava nossa própria desgraça na vida no campo. Essa peça teve muito sucesso entre nós.

Também formou-se um coro de canções idishe. Essas atividades culturais, permeadas pelo humor negro em torno do tema da morte, provocavam discussões e interessantes questionamentos, bem como a formação de grupos

de filósofos que começaram a questionar a validade de toda nossa vida dentro dos campos. Perguntavam a si próprios se valeria a pena viver nestas condições.

Quanto a mim, mantive-me fora destas atividades, participando do contingente dos que se sentiam como animais querendo sobreviver a qualquer custo. Eu não queria me arriscar nessas atividades culturais, pois logo imaginava que a qualquer momento os alemães iriam castigá-los pelo que estavam fazendo. Eu era muito covarde na época e tinha muito medo de tudo; só pensava na minha própria sobrevivência.

Depois de dois meses de inatividade, quando muitas pessoas morreram, voltamos ao trabalho, que naquela época foi de cortar árvores manualmente, ou seja, com machados e serrotes. Depois de cortados, tivemos que carregar os troncos em condições muito difíceis, porque o peso nos machucava os ombros e as mãos, além de recebermos contínuas chicotadas. Os alemães ironizavam, pedindo-nos que colocássemos esses "palitos de fósforos" ao longo da estrada, onde outros colocavam em caminhões que levavam a madeira para a serraria.

Como sempre ocorre nessas situações, alguns se esquivavam de carregar com toda a sua força, deixando o peso distribuído sobre os ombros de poucos e isso era impossível de resolver. A boa vontade em situação de tal desânimo não é algo que se possa exigir dos outros.

Em fins de 1941, fui transferido para outro campo (do qual não me lembro o nome), e aí iniciou-se meu segundo inverno fora de casa.

Nesse local os alemães juntaram os sobreviventes de vários outros campos, pois, devido às más condições de vida, muitos morriam, e os que sobreviviam eram reunidos em um só campo de concentração, que já tinha outro nome.

Também vinham pessoas da Polônia, das diversas cidades de onde descendíamos, contando-nos dos novos horrores: os nazistas caçavam os judeus nas ruas ou nas casas, prendendo todas as pessoas aptas para trabalhar, incluindo mulheres. Foi desta forma que fiquei sabendo que meu pai fora levado para um campo, ficando meus irmãos e minha mãe em Chrzanow.

Mosche trabalhava numa espécie de milícia judaica que era mal afamada porque ajudava os líderes judaicos na organização e transferência dos judeus para os campos de concentração. A acusação era de que essa milícia, dessa forma, estava ajudando os nazistas.

Em março de 1942 fui transferido para o campo de Gross Sarne, onde

nosso trabalho era construir uma ponte sobre o rio Neisse e prevenir enchentes por meio de construção de diques e barreiras, que levantávamos com troncos de árvores, galhos e terra em várias camadas, plantando em cima uma espécie de gramínea, que fixava a terra dessa barragem.

Nessa época do ano, era inverno, choveu muito e as enchentes perturbavam a economia nazista. Os alemães então aproveitavam a mão-de-obra escrava para resolver todos os problemas do país.

O inverno chegou menos rigoroso, e por isso as perdas humanas foram poucas. O ano de 1942 foi, talvez, o pior ano da humanidade, pelo menos para nós, judeus de todos os países ocupados pelos alemães. Muitos judeus foram mortos, torturados e explorados em condições que só o absurdo da guerra pode contemplar.

Às margens do rio Neisse, construíamos a ponte que tinha mais ou menos 1.000 metros, usando uma engenharia muito rudimentar, que não se importava com perdas humanas.

Trabalhávamos descalços, na lama e na areia, colocando tubulações de concreto com diâmetro de 1.5m, fixando-as no leito do rio. Dentro dessas tubulações fizemos andaimes, pelos quais fazíamos a retirada da terra, que era carregada de um andaime até o outro e colocada num barco que a levava até a margem do rio.

Depois de alcançar o fundo firme, fizemos armações de ferro que então eram preenchidas de concreto. Em cima desses pilares foi feita uma estrada de 10m de largura, com uma armação de ferro de um metro de espessura. Enquanto se encheu tudo com toneladas e toneladas de concreto, ocorreram mortes estúpidas, nas armações de ferro, que eram profundas (com aproximadamente dois metros de altura). Várias pessoas se enroscavam nos ferros, e o rio de concreto que vinha pela tubulação impedia que as mesmas saíssem a tempo, ficando muitas delas cobertas pelo concreto dentro da ponte. Morriam diariamente de 4 a 10 pessoas no meio do trabalho, o que os obrigou a organizar uma brigada para enterrar os mortos.

Vivemos essa agonia, pedindo a Deus que nos salvasse ou apressasse a nossa morte. Nessa época, eu vi pai e filho roubando-se mutuamente a comida e, conforme o caso, o mais fraco morria de desnutrição.

Fiquei neste campo por pouco mais de um ano. De todos os campos em que fiquei, este foi o pior: a comida era escassa, o trabalho era muito pesado,

muito além das nossas forças; o péssimo tratamento dos guardas, que nos batiam constantemente, foi a razão de muitas mortes. Chegamos a este campo em um número de mais ou menos 5000 pessoas e quando nos mandaram para outro campo éramos 106 esqueletos ambulantes, nos segurando uns aos outros para não cairmos. Eu mesmo estava apoiado junto a alguns veteranos, que ficaram juntos desde o primeiro momento.

Lembro-me de alguns nomes: Feiler, Majerowitz, Unger e outros. Não sei se algum deles ainda está vivo, mas em 1983 encontrei Majerowitz trabalhando como motorista de ônibus em Israel. Olhamo-nos por alguns minutos, conversamos um pouco e ficou nisso. O que temos a ver um com o outro...? A emoção foi tão grande, que ficamos mudos. O silêncio falou mais alto.....

Capítulo VI

Ainda nos Campos

Observamos que os judeus orientais (poloneses, romenos, húngaros e russos) suportavam mais o sofrimento, porque historicamente estavam mais acostumados à vida dura do trabalho braçal. Eram na maioria pequenos comerciantes, carroceiros, ferreiros, alfaiates, sapateiros etc.

Já os judeus ocidentais (franceses, holandeses e belgas) eram os mais frágeis, pois eram quase que 90% profissionais liberais, empresários, e políticos, que pertenciam à elite da sociedade.

Os campos de trabalho forçado pelos quais passei eram cercados com arame farpado e torres de vigia espalhadas por todos os lados. Em Wisau, que vinha a ser um campo de concentração, os arames farpados eram eletrizados.

Nos primeiros campos, a maioria era de judeus orientais e de classe baixa, sendo que nos campos de concentração já havia judeus de todas as partes, orientais e ocidentais. Gostaria de frisar com isso a diferença entre os dois tipos de judeus: os orientais agüentavam mais o difícil trabalho escravo, enquanto os ocidentais não suportavam tamanha repressão. Como fuga, estes se suicidavam pendurando-se nas cercas de arame farpado eletrificadas, acabando carbonizados.

Éramos todos judeus. Porém, não havia entrosamento entre nós. Os ocidentais preferiam se matar do que se rebaixar a um trabalho escravo.

Fraternidade... dignidade... não dá para falar nisso.

Depois dessa dura experiência em Gross Sarne, fomos levados a um campo de concentração. Não estávamos mais num Arbeitslager (campo de trabalho forçado), mas num Konzentrationlager. Isso foi em Wisau. Passamos por uma completa desinfeção, que começou por uma depilação completa e aplicação de um desinfetante, que queimou várias partes dos nossos corpos.

Recebemos um banho quente e como vestimenta uma espécie de pijama listrado e um boné, já que todas as nossas roupas foram queimadas. Embora a disciplina e o treinamento fossem muito mais rigorosos, tivemos ali uma vida um pouco melhor devido à melhor alimentação. Qualquer falha ou desobediência era violentamente castigada com chicotadas. O comandante-carrasco recebeu de nós o apelido de Mikvenik (Mikve – casa de banhos), porque os castigos eram dados na sala de banhos para depois facilitar a limpeza, já que, em função das chicotadas, acabávamos por expelir urina e fezes pelas dores que sentíamos, além do sangue que perdíamos devido às feridas que as chicotadas nos deixavam.

Eu mesmo passei por essa experiência, por ter roubado algumas batatas, e por isso fui punido no Mikve. Fiquei sabendo, após a guerra, que um sobrevivente reconheceu esse comandante andando nas ruas da Alemanha, o que o fez chamar as pessoas na rua, denunciando-o, e provocando então o seu linchamento até a morte.

Em Wisau tínhamos que manter a limpeza absoluta: diariamente o chão era lavado, as camas arrumadas como nos quartéis, e tudo devia ficar em extrema ordem. Uma vez por semana recebíamos uma muda de roupa limpa, entregando a roupa suja numa lavanderia. Fazíamos diversos serviços, desde a construção de estradas e de diques, revestimentos de muros de arrimo, etc. Eu trabalhei no revestimento de colunas de concreto, usando pedras para isso. Um dia, uma dessas pedras caiu sobre o meu pé, com o peso de mais ou menos 100 quilos. Tenho até hoje a marca deste machucado, e talvez a dor constante que sinto nos pés provenha disso.

Meu chefe, Wilhelm, era um alemão anarquista, que não ficava preso no campo, mas tinha que trabalhar conosco, talvez por ter alguma discordância com os nazistas. Ele tornou-se meu amigo. Um dia trouxe-me um pedaço

grande de carne assada e depois de eu ter devorado esse naco de mais ou menos meio quilo, ele riu e perguntou-me se gostei. Respondi que ele podia trazer mais e repetir sempre. Então ele me disse que a carne que eu havia comido, era carne de cachorro, e de vez em quando, me trazia outros pedaços.

Também, quando tive o ferimento no pé, ele me trouxe uma pomada caseira, que me ajudou muito a aliviar a dor.

Em Wisau fiz também amizade com Aron, um rapaz dois anos mais novo que eu, que apegou-se muito a mim. Talvez essa tenha sido a minha maior experiência nos campos. Por ser um rapaz bonito, muitos nos olhavam com desconfiança, apontando-nos como par homossexual. Na verdade, éramos tão inocentes em relação a isso, que nada disso passava por nossa mente. Aron era para min uma pessoa com quem eu podia conversar, e talvez por eu ser um veterano dos campos, sentia me superior e carismático.

Dividimos várias vezes comidas roubadas. Aron Firstemberg me contava de sua família, pequenos comerciantes de Sosnowiec, que viviam com grandes dificuldades. Ele começou a trabalhar com doze anos numa fábrica de bolsas para mulheres e o pai tinha uma pequena venda. Estudou só o primário e quando começou a guerra tinha 15 anos. Estávamos em 1943 e nada sabíamos de nossos parentes. Os nazistas, neste ano, já diziam estar completando sua obra de "judenrein" (limpeza dos judeus), em todos os territórios ocupados. Eu tive uma notícia não confirmada de uma pessoa que disse ter visto meu pai num campo de trabalho, o que veio a confirmar-se após a guerra.

Os alemães já dominavam, com a ajuda da Itália e Espanha, quase todos os países da Europa. Os chamados países neutros viviam com medo da insanidade dessa máquina de guerra formada por Hitler, e assim começaram a vir levas de judeus de todos os países para os campos de concentração. Víamos assustados os judeus ocidentais morrendo como moscas, diante do medo e da brutalidade. Como já disse, os ocidentais eram muito mais fracos. Ocorreram muitas fugas desesperadas, que fracassaram em sua maioria. O comandante ordenou então que em cada barracão ficassem dois prisioneiros dos nossos vigiando os outros prisioneiros que ocupavam o mesmo barracão. Se alguém fugisse, os vigias eram espancados. Ficar acordado a noite toda, depois de um dia inteiro de trabalho cansativo, era uma tortura enorme.

Nesse ano, morreu muita gente de frio, inanição e cansaço, e os barracões começaram a esvaziar-se. Começaram a vir novas levas de judeus, prin-

cipalmente da Hungria e Romênia, que nos trouxeram a boa notícia das primeiras derrotas dos alemães, embora ainda resistissem bastante, chegando até a avançar em alguns lugares, como na África. Também estavam surgindo muitos grupos de resistência, como os "Partizans", que lhes inflingiram muitas perdas significativas, principalmente na Iugoslávia e na Rússia ocupada. O próprio levante do Gueto de Varsóvia, embora sufocado, deu um grande susto nos nazistas, porque um punhado de miseráveis conseguiu resistir por grande tempo, causando ainda a morte de mais ou menos 100 soldados alemães. Também em outras partes do mundo já ocorriam levantes bem sucedidos. Ficamos neste campo até outubro, quando, devido à morte contínua de pessoas fomos removidos para outro, nas proximidades deste.

Fomos a pé, andando por mais ou menos quatro horas. Esse campo se chamava Bunzlau, era mais amplo, e já não era exclusivo de judeus. Lá encontramos pessoas de todo o mundo. Eram os iugoslavos (chamados de titos), comunistas alemães, franceses, checos e alguns judeus de outros campos. Passamos de novo pelo "ritual" da detetização e por um corte de cabelo estranho, que era passar a máquina zero pelo meio da cabeça. Cada um tinha que costurar no peito do pijama listrado um triângulo colorido de identificação: os judeus tinham a cor amarela, os assassinos ou criminosos a cor preta, os comunistas a cor vermelha, e os homossexuais e ciganos a cor verde. Os de cor preta dominavam o campo por meio de uma máfia, chegando a assassinar quem não entrasse no jogo deles. Nós judeus tivemos que nos aliar aos comunistas, que tinham uma relativa força, que podia contrapor-se a essa máfia, já que haviam muitos iugoslavos guerrilheiros formando uma maioria.

Lá trabalhamos numa indústria que fazia réplicas de aviões e tanques em tamanho natural, usados para despistar bombardeios. Usávamos madeira ou um metal qualquer. Na época não entendíamos para que essas réplicas eram fabricadas. Só mais tarde viemos a entender que se tratava de uma estratégia de despistamento em relação aos bombardeios de aviões.

Alias, em fins de 1943 e inicio de 1944, assistimos várias vezes a batalhas aéreas entre os alemães e os aliados (que eram contra os nazistas). Nessa indústria pude ter uma grande oportunidade de melhora em minha vida.

De início fiquei impressionado com o tamanho e a precisão das maquinas existentes. Os alemães precisavam, então, de mecânicos para a manutenção, e eu apresentei-me com mais quatro companheiros.

Formamos assim, uma turma de manutenção subordinada a um engenheiro alemão (Schultz), que era um bom sujeito e que falava mais comigo devido ao meu conhecimento perfeito do alemão. Ele estava com grande medo, porque já desconfiava da derrota alemã. Assim, ele passava, de vez em quando, algumas notícias dadas pela rádio BBC de Londres, mas o fazia com muito medo e nervosismo, porque se houvesse uma denúncia de um de nós contra ele, os alemães poderiam matá-lo. Ao nos passar estas notícias ele nos deixava a impressão de estar forjando uma espécie de "salvo conduto", para não ser considerado por nós como um inimigo. Recebemos crachás como funcionários da manuntenção, o que nos dava o direito de livre circulação dentro da fábrica. Eu ia ao escritório do Schultz para receber as ordens, e de vez em quando recebia um pacote com parafusos embrulhados num jornal alemão, através do qual podíamos nos atualizar sobre a guerra e sabermos o que estava acontecendo no mundo; junto com os parafusos sempre havia um pedaço de pão ou outro tipo de alimento.

Os iugoslavos faziam muitas sabotagens com as máquinas, o que nos dava bastante trabalho. Como encarregado, dividi nosso grupo em duas turmas, de maneira que fiquei com um judeu romeno de nome Stein, um homem muito forte de mais ou menos 50 anos. Como os judeus com mais de quarenta anos eram mandados para campos de extermínio, Stein conseguiu escapar dos mesmos em função justamente dessa sua grande força, muito útil para o trabalho. Os outros três formaram uma turma separada com outras funções.

Certo dia, o engenheiro Schultz chamou-me desesperado, porque uma máquina que fazia seis operações simultâneas havia enguiçado. Como havia suspeita de sabotagem, a direção ameaçou chamar os oficiais da S.S. para resolver o caso, o que evidentemente traria grandes transtornos para todos nós.

Essa máquina recebia uma tora de madeira na entrada e entregava uma certa quantidade de sarrafos devidamente aplainados. Minha tarefa era desmontar toda a engrenagem dessa máquina, peça por peça. Na terceira seção da máquina achei o defeito: provavelmente algum "Tito" colocou um pedaço de parafuso para emperrar o funcionamento. Começamos então, a montar a máquina e no final sobraram vários parafusos e arruelas. Com o medo das ameaças e diante do desafio, desmontamos tudo de novo e com a ajuda do Schultz, que tinha o manual da máquina na mão, conseguimos montá-la, desta vez com sucesso. Quando a máquina começou a funcionar adequadamente, só faltou o

engenheiro me beijar, de tanta alegria. Daí em diante ficamos mais firmes neste serviço, o que, sem dúvida, foi uma dádiva dos céus. Não precisávamos mais enfrentar chuva, guardas, frio, etc., estando mais protegidos que os próprios membros da máfia que dominavam o campo.

Essa máfia era chefiada por um assassino de três mulheres. Ele era um advogado de nome Moeller, com mais ou menos 50 anos de idade, um homem frio e calculista que tinha como braço direito outro assassino apelidado de "Ronszka-le", proveniente da palavra "Ronszka" (mãozinha em polonês), por ter seu braço esquerdo decepado pela metade. Mesmo assim, com essa maneta ele conseguia bater com tamanha força que podia deixar uma pessoa sem dentes, o que o tornava temido por todos e em todos os campos. O terceiro da hierarquia era o cozinheiro, um anarquista polonês que odiava judeus. Os outros comparsas eram criminosos comuns, que espalhavam o terror no campo.

Com o nosso êxito na oficinas, adquirimos mais respeito, o que nos dava outras regalias, como poder entrar na cozinha para consertar alguma coisa, ganhando alguma comida extra.

Pai, nesse ponto eu quero interrompê-lo, porque me chama a atenção o fato de que, por sua ativação, seu destino parece ter sido guiado para caminhos redentores. Tenho a clara convicção de que somos os únicos responsáveis por nosso destino, mas quando nos ativamos, recebemos respostas inesperadas da ampla sabedoria da vida, que é sempre maior que nossa consciência. Observando sua vida, e mesmo das muitas outras pessoas que conheço, essa tese se comprova e ainda mostra que muitos se fecharam em si mesmos porque, afinal não se ativaram como deveriam. O que você acha disso?

Isso me parece acertado no geral. Num dia de verão de 1944, estávamos na hora do almoço e eu fui com um colega buscar na cozinha um panelão de comida que iríamos levar ao nosso galpão. Já estávamos com o panelão no meio do pátio, quando iniciou-se um bombardeio, com vários vôos rasantes. Meu amigo fugiu para dentro da cozinha e eu, sem saber o que fazer, resolvi sentar-me no meio do pátio diante do panelão e comer. A fome agiu provavelmente como uma forma de defesa, uma espécie de ato de paralisia com a idéia subconsciente de que, já que era chegada a hora da morte, que o fosse de barriga cheia!... A confusão foi tamanha que enchi o estômago até não poder mais.

Nada me aconteceu. Soubemos, então, que aviões russos estavam voltando de um bombardeio a uma cidade alemã, e foram surpreendidos por tiros de metralhadora disparados por um dos guardas do nosso campo que estava na torre de vigia. Os aviões então, deram meia volta e bombardearam o campo, o que resultou na morte de três pessoas que estavam nas torres e de um dos nossos companheiros, que estava escondido debaixo da mesa, dentro de um dos barracões. Uma bala atravessou o telhado e o tampo da mesa, indo alojar-se na cabeça dessa pessoa! Aprendi então esta lição inesquecível: quando é chegada a hora, não adianta esconder-se onde quer que seja. A morte vai te encontrar no último buraco, mesmo que este possa parecer o mais seguro.

Esse bombardeio, e outros que aconteceram, era uma evidência da derrocada de toda a máquina de guerra dos alemães.

Já no início de 1944 pudemos saber, por intermédio do Schultz, várias notícias sobre as derrotas do exército alemão. Desta forma, soubemos da rendição de meio milhão de nazistas em Stalingrado e do início da grande ofensiva dos aliados, que lentamente fechavam o cerco em torno dos alemães. Assim, o África Corps do general Rommell foi derrotado em El Alamein pelos ingleses e logo depois, os americanos desembarcaram na Itália.

Quase todos os dias o Schultz trazia parafusos embrulhados em jornais que diziam de recuos dos alemães por razões táticas (para bom entendedor meia palavra basta) ...Todos esses fatos aumentaram nossa esperança de sobrevivência, embora eu ficasse com medo de que na hora decisiva em que os alemães estivessem totalmente cercados, eles nos usassem como escudos ou como descarga de sua ira pela humilhação. Havia, no entanto, em cada um de nós uma esperança secreta de que no final tudo daria certo, em meio a tantas incertezas. A esperança é a última que morre!!! De qualquer forma, juntavam-se mais evidências: caminhões vinham carregar algumas máquinas que eram levadas para a Alemanha Central. Tínhamos mais trabalho, porque fomos chamados para desmontar e engraxar os rolimãs das máquinas.

Aproveitamos essa chance para sabotá-las, colocando no meio da graxa parafusos que impediriam o funcionamento desses equipamentos. O outono aproximava-se e o Schultz, como sempre, trazia cada vez mais notícias das derrotas alemãs em vários fronts. Os russos já ocupavam a Polônia e parte da Checoslováquia, aproximando-se da fronteira alemã. Em novembro deste ano, como era esperado, o Schultz apareceu com uma carta que afirmava que du-

rante um ano ajudou-nos a sobreviver com risco da própria vida, pedindo-nos para assiná-la. Embora parte disso fosse verdade, recusei-me a assinar, preocupado com o fato dele querer se safar de uma possível perseguição anterior, pelo que ele tivesse feito a outros judeus. Eu tinha motivos de sobra para ter raiva dos nazistas.

Os últimos meses de 1944 transcorreram num clima muito agitado, em função de todas essas notícias, e pela aproximação do inverno. Os guardas estavam muito nervosos. Falava-se em evacuação do campo e transferência para Gross Rosen, que era a base central de todos os campos da região. Já ouvíamos o som de artilharia de canhões e bombardeios com freqüência cada vez maior. Já se falava também da aproximação dos russos, que estavam do outro lado dos rios Oder e Neisse, esperando o frio aumentar para poder transpô-los com tanques leves e contando com sua melhor adaptação ao inverno rigoroso.

Capítulo VII

A Evacuação dos Campos

Na segunda quinzena de dezembro não fomos mais trabalhar; ficamos andando dentro do campo sem saber o que fazer e esperávamos alguma novidade a qualquer momento. Temíamos a ira alemã, que poderia metralhar a todos nós, sem se dar ao trabalho de levar-nos a outro acampamento, já que as forças contrárias estavam praticamente ali. O ruído da artilharia era tão evidente, que já pensávamos em esconder-nos numa possível hora de partida. Eu tentei manter-me calmo, com a cabeça fria, mas era impossível. Eu pensava: sobrevivi durante cinco anos a esse inferno e agora posso morrer estupidamente. Não era hora de heroísmo, e precisava ficar atento a qualquer oportunidade.

Numa manhã no final de dezembro, fomos acordados aos gritos: “raus, raus, shnell” (fora, fora, rápido) e não tivemos tempo de pensar. Chamei Aron e falei: “vamos, seja o que Deus quiser”. A evacuação já era esperada e acho que os alemães estavam preparados para isso. Distribuíram um pão de 1kg para cada um de nós e apressaram-nos em filas para a saída. Estava muito frio, caindo neve, e vestimos todas as roupas que tínhamos, calçando os sapatos de

sola de madeira com pano em cima porque eram mais quentes.

Percebi que os guardas receberam reforços e falavam russo entre si. Só depois eu soube que se tratavam dos "Vlasovke" (Vlasov era um general ucraniano que debandou com muitos soldados para o lado alemão, sob a promessa de que a Ucrânia ficaria livre do regime comunista). Eles eram terríveis, piores que os nazistas, porque queriam destacar-se perante os alemães na perseguição aos comunistas e judeus.

Pelos ruídos da artilharia, percebemos que os russos haviam passado o rio e já estavam numa ofensiva total. Saímos correndo pela estrada e andamos mais ou menos até o meio-dia, parando para descansar e comer algo. Os guardas, devido a uma cozinha ambulante, receberam comida quente, enquanto nós ficamos com pão e um café ralo. Ficamos parados durante umas duas horas, e puseram-nos novamente em marcha acelerada. Na estrada vimos muitos civis alemães que também estavam em fuga, carregavam carroças e velhos caminhões, tentando levar o que podiam nos fazendo lembrar de nossa fuga há cinco anos atrás. Não pudemos deixar de sentir nossa satisfação por vê-los nessa situação.

Houveram momentos de grandes confusões, porque os "titos", quando podiam, roubavam comida desses civis, ocorrendo tiroteios e mortes. Chegamos à noite, exaustos, e puseram-nos num grande paiol, servindo-nos um prato de sopa rala. Éramos mais ou menos duas mil pessoas, sendo que os mais fortes pegaram os melhores lugares a tapa, ficando os mais fracos esmagados, causando até um humor negro quando alguém gritando perguntava se havia algum lugar e outro respondendo dizia: "sim, aqui tem uma viga. Traga uma corda e pendure-se nela". No outro dia ocorreram algumas mortes, além de outras pessoas que na tentativa de fuga foram metralhadas. Mais uma vez puseram-nos em marcha acelerada e desta vez, os "Vlasovke" metralharam alguns companheiros que caíam de cansaço. Eles simplesmente perguntavam: "você não consegue mais andar?" Diante da resposta afirmativa diziam: "descanse então", e davam um tiro fatal.

Meus pés estavam em carne viva e senti que não agüentaria por muito tempo. Aron estava em melhores condições, mas também exausto. Nesta segunda noite ficamos em barracões na beira da estrada. Chamei o Aron e lhe disse que nessa noite eu iria tentar a fuga, já que não agüentaria andar por mais um dia correndo o risco de ser assassinado por um "vlasovke". Aron, com

medo, decidiu então fugir comigo. Andei por dentro do barracão procurando saídas. Havia duas portas com um guarda em cada uma. Era impossível a fuga. Eu, no entanto, estava desesperado e sabia que com certeza não agüentaria andar mais um dia. Já de madrugada chamei Aron e expliquei-lhe que iria tentar fugir dando a desculpa de que estava com disenteria e precisava sair para fazer minhas necessidades fisiológicas. Aron decidiu fazer o mesmo. Combinamos que uma vez fora, eu iria esperá-lo por cinco minutos e depois correr. Cheguei na porta e com alívio percebi que haviam trocado o guarda, colocando um velho S.A. que já me conhecia. Segurando a barriga, pedi para sair. O guarda indicou um lugar onde havia umas tábuas velhas. Corri até lá e me agachei. Esperei alguns minutos e o Aron chegou junto. Esperamos um pouco e de repente saímos correndo em ziguezague, até a estrada. A uns 100 m havia um bosque onde nos enfronhamos e corremos até cair de cansaço. Não sei até hoje porque o guarda não atirou diante da evidência da fuga.

O fato é que conseguimos, talvez porque Deus quis assim. Descansamos por uns dez minutos e começamos a andar. Tirei os sapatos porque meus pés sangravam muito. Resolvi andar na neve com uns trapos enrolados que tinha, que serviam como meia. Depois de algumas horas, sempre no bosque, meus pés tornaram-se pedaços de carne congelada. Tirei minha ceroula, envolvendo nela meus pés, que estavam em carne viva e sangravam muito.

A fome começou a incomodar bastante e não encontramos nada que pudesse servir como alimento no meio daquele bosque com neve. Lembrei, então, que havia lido em algum lugar que as cascas de árvores poderiam servir de alimento. Arrancamos algumas cascas e começamos a mastigá-las. Era impossível engolir, mas sugando a seiva deu para enganar um pouco nosso estômago. Lembrei-me que em outra ocasião, no campo, nos deram verduras secas dissolvidas em água quente, amargas como fel.

Nos primeiros dias não consegui comer, mas depois acostumei-me e então passei a comer normalmente. Portanto, tudo era possível, até o impossível. Então começamos a procurar por debaixo da neve algum mato que pudéssemos comer, e saciar nossa fome. Também tivemos a idéia de mastigar neve, o que ajudou a enganar o estômago.

O frio não nos permitia descansar por muito tempo. Andamos sem rumo durante algumas horas, até que ouvimos latidos de um cachorro. Orientamo-nos por esses latidos e chegamos a uma clareira, onde vimos uma casa com um

cachorro acorrentado. Não havia nenhuma pessoa à vista. Armei-me, então, com um galho de árvore e lentamente aproximei-me da casa. Eu estava determinado até a matar para conseguir comida e roupa. O cachorro latia desesperadamente.

Cheguei até a porta, que estava trancada. Falando em alemão, chamei por alguém. Não houve resposta. Aproximei-me de uma janela e bati, perguntando: Tem alguém aqui? Também não houve resposta; então quebrei o vidro, abri a janela e entrei na casa. Depois de percorrê-la rapidamente, pude verificar que não havia ninguém. Saí e fiz um sinal para que Aron viesse.

A casa era muito grande, com seis cômodos, uma cozinha e um banheiro, e estava toda desarrumada. Provavelmente os habitantes haviam fugido com a chegada dos russos. Aliás, durante todo o tempo, ouvíamos o troar dos canhões e de aviões que passavam.

Em primeiro lugar, tiramos nossas roupas encharcadas e procuramos outras roupas nos armários. Como estávamos magérrimos, tudo era grande demais, mas deu para ajeitar; para aquecermos ou pelo menos para nos agasalhar um pouco do frio. Procuramos comida, mas não encontramos nada pronto. Achamos farinha de trigo e algumas batatas.

Havia eletricidade na casa. Hoje fico pensando como a Alemanha já era adiantada nessa época. Encontramos um fogão elétrico que podia ser usado, e pusemo-nos a cozinhar um mexido de batatas, farinha de trigo e água. Aron foi procurar qualquer outra coisa nos arredores da casa e achou ovos num paiol. Misturei tudo com um pouco de sal e coloquei no forno para assar. Por não suportarmos tanta fome, tiramos as batatas ainda meio cruas e comemos assim mesmo. Ligamos o rádio e ouvimos notícias, mas como não tínhamos noção de onde estávamos, era difícil a orientação. Ainda ouvi o Goebells afirmar que "der endzieg ist unser" (a vitória final será nossa). Isso não nos afetou, pois já sabíamos das mentiras do locutor, que procurava acalmar, e ao mesmo tempo confundir a população alemã.

O cachorro acalmou-se lá fora e o pão ou bolo ou coisa parecida que fiz ficou pronto. Resolvemos não ficar na casa para não sermos surpreendidos por alguém. Pegamos a comida, um garrafão de água, alguns cobertores, uma faca grande na cozinha e procuramos ajeitar-nos em um sótão no paiol. Nos paióis típicos da Alemanha havia sempre um sótão onde os camponeses guardavam feno, um tipo de alfafa para alimentar o gado no inverno. Subimos a

esse sótão, com os pés machucados e enrolados em panos e meias que tínhamos achado, e enfiamo-nos no meio da palha para nos esconder, ter calor suficiente e dormir, tentando desta forma conseguir um pouco de energia, se é que isto seria possível diante das condições em que nos encontrávamos.

Adormecemos imediatamente, pois, o cansaço era demasiado. Acordamos só no outro dia, com o sol já alto e com o barulho de pessoas. Eram os donos da casa que haviam voltado para buscar mais coisas. Ouvimos os xingamentos deles por perceberem que alguém havia estado lá; mas, apavorados como estavam, levaram algumas coisas, uma vaca e o cachorro, e foram embora.

Tiramos uma telha de cima do telhado do paiol e pudemos olhar as redondezas. Estávamos num bom ponto de observação. Percebemos a existência de outra estrada. Descemos para ver se haviam deixado algo para comermos, mas não havia mais nada. Ficaram algumas galinhas, mas foi impossível pegá-las. Resolvemos ficar lá por alguns dias, imaginando que os russos poderiam chegar, o que seria a nossa libertação. Levamos um balde com água de um poço para o paiol e algumas canecas. O pior era que não tínhamos mais comida; do pão que fizemos havia sobrado muito pouco, mas tínhamos esperança de que os russos chegassem.

Dormimos de novo. Acordamos no outro dia com novo barulho, que julguei ser dos donos que haviam voltado novamente. Mas quando olhei pelo telhado, quase desmaiei de susto. Em volta da casa e dentro dela estava um grande número de soldados alemães. Podíamos ouvir tudo o que eles estavam falando. Os oficiais instalaram-se dentro da casa e montaram barracas do lado de fora, onde ficaram os soldados. Instalaram também uma cozinha de campanha, ou seja, um caldeirão esquentado a base de óleo diesel ou querosene. Ficamos, é óbvio, com muito medo.

Eles entraram no paiol, mas não subiram até onde estávamos. Já, por medida de precaução, havíamos puxado a escada para cima. Com todo o cuidado olhamos ao redor procurando alguma saída, mas nada havia a fazer. Pelas conversas descobrimos que se tratava de uma unidade de artilharia antiaérea, composta por cerca de 30 homens. Eles iam e vinham da floresta, onde estavam camuflados vários canhões. Num sistema de rodízio, um grupo ficava na floresta, enquanto outro dormia, em turnos de 12 horas.

E nós, lá em cima no paiol! Sem opções, fazíamos nossas necessidades

fisiológicas ali mesmo, tornando o ambiente muito desconfortável.

Ao fim do terceiro dia sem comer, resolvi que à noite, quando o movimento fosse menor, eu desceria para conseguir algo. Desci devagar, mas o portão do paiol rangeu um pouco, quando o abri. Tive que segurar minha respiração. Esperei, saí no pátio e lentamente esgueirei-me para os lados da cozinha. Por azar, ainda tropecei numa carabina, mas a sorte foi maior porque ninguém se mexeu. Olhei para dentro da barraca, peguei um saquinho e voltei rapidamente para o paiol. Subi com o coração disparado, e dei o saquinho a Aron, que o abriu e constatou haver ali uns 5 kg de açúcar. Comemos logo quase a metade, até causar queimação no estômago, mas deu para saciar a fome. No outro dia, ouvimos o cozinheiro reclamar que alguém havia roubado o açúcar. Chegaram a vir até o paiol, mas logo saíram dizendo que ali estava fedendo ("es stngt hier"), o que era verdade.

O açúcar deu para três dias, e já estávamos lá há oito. Tínhamos grandes dúvidas sobre o que fazer, ou que atitude tomar, pois já sentíamos muita fraqueza. Perguntávamo-nos se devíamos nos entregar aos alemães ou não. O medo era maior do que tudo. Aron chorava feito criança, nossa fome era imensa, mas nada podíamos fazer, porque o movimento era ininterrupto. Pressentimos a chegada dos russos, que na nona noite descobriram o lugar e o grupo de artilharia. Ouvimos então, pela primeira vez, a famosa katiusha, um canhão com quatro bocas. Os obuses (balas de canhões) caiam por todos os lados, e os soldados alemães fugiram pela floresta. O bombardeio ficou assim a noite inteira. Ainda nessa hora continuávamos com sorte, porque mesmo quando um dos obuses atingiu a casa e fez cair várias telhas do paiol, nada nos aconteceu. Pela madrugada silenciou um pouco, mas ainda ouvíamos o barulho de canhões e a passagem de centenas de aviões.

Pela manhã, alguns soldados alemães voltaram ao local para recolher algumas coisas, que foram levadas a um caminhão, e finalmente se retiraram. Resolvemos não descer ainda, aguardando o anoitecer. Quando escureceu, descemos à procura de comida, mas não encontramos nada. Só recolhemos algumas batatas espalhadas e as comemos assim mesmo, cruas e com casca. Como não havia ninguém pelos arredores, resolvemos fazer uma pequena faxina no sótão. Retiramos a palha suja e colocamos palhas limpas, para termos condições de passar mais uma noite.

Pela manhã ouvimos novo barulho. Eram dois soldados, possivelmente

russos. Mas como de cima não podíamos ver o que estava acontecendo na casa, e mesmo ouvindo-os falar em russo, resolvemos ainda ficar escondidos, com medo de que fossem os "vlasoske". Preferimos não descer. Depois de algum tempo eles foram embora, levando algum embrulho. Descobrimos depois que eles faziam esses embrulhos com roupas para mandar às suas casas como lembrança. Só então descemos do paiol, e ao entrarmos na casa ficamos contentes ao ver o retrato de Hitler inteiramente destruído. Com isso deduzimos que os soldados eram realmente russos.

Estávamos em janeiro de 1945, e o frio era muito intenso. Mesmo assim, já que estávamos dentro da casa, tiramos as roupas depois de 11 dias sem nos lavar e tomamos um banho com uma bacia de água fria. Procuramos mais algumas roupas, agasalhamo-nos com qualquer coisa e pusemo-nos a caminhar, desta vez com os pés em melhores condições, cicatrizados, pois foram nove dias sem andar. Seguimos pela estrada no sentido contrário ao dos alemães. Depois de andar alguns quilômetros, começamos a ver caminhões e carros quebrados que ficavam em valetas à beira da estrada. Avistamos de longe um vilarejo com casas, e nos dirigimos para lá. De repente ouvimos gritos: "stoi" (parem), que vieram de uma valeta. Do lado da estrada saltaram três soldados russos, que estavam bem camuflados num abrigo. Chegaram perto de nós e nos revistaram à procura de armas. Como não tínhamos nada, perguntaram-nos quem éramos e de onde tínhamos vindo. Respondemos que éramos poloneses sobreviventes do campo de concentração. Quero ressaltar que as línguas polonesa e russa, são como espanhol e português, apenas algumas palavras são diferentes, por isso entendíamos quase tudo o que eles falavam.

Tivemos medo de nos identificarmos como judeus, devido ao anti-semitismo que havia nesse tempo, mesmo entre os russos. O soldado nos deu uma fita vermelha e mostrou-nos que nas árvores e postes haviam fitas vermelhas amarradas, indicando território russo. Coisa que nós nem sequer tínhamos reparado, devido a tanto medo que tínhamos. Pediram-nos que seguíssemos pela estrada sempre olhando as marcas de fitas vermelhas, até chegarmos ao acampamento russo, que ficava no vilarejo que tínhamos avistado.

Capítulo VIII

Rumo a Berlim com o Exército Vermelho

Ao chegarmos ao acampamento, o oficial novamente nos parou e mandou que nos revistassem. Falei em polônes: "ïa golodny" (estamos com fome). O oficial mandou-nos para a cozinha, dizendo que após comermos teríamos que nos apresentar ao comandante. Como já era tarde, o cozinheiro mostrou-nos uma bacia de *Shti*, uma comida típica russa: repolho, batata e carne de porco. Eram mais ou menos uns cinco quilos de comida, que engolimos em alguns minutos. Mesmo com a barriga estufada, continuávamos com fome; não era possível esquecer que estávamos há onze dias sem comer. Então Ivan, o cozinheiro, deu-nos uma bacia com bolos de carne moída. Depois de comermos e bebermos muito, ficamos satisfeitos e fomos procurar o comandante para arranjar um lugar para dormir. Estávamos exaustos e sonolentos.

Quem nos recebeu não foi o comandante, e sim o capitão Bóris, que logo nos identificou como judeus, dizendo também ser um dos nossos, mostrando-se interessado e muito amigável. Mas não houve condições físicas de falar com ele, porque começamos a ter convulsões e uma forte disenteria, e fomos parar no hospital de campanha. O médico nos disse depois que passamos por perigo de vida por comer tanto após anos de inanição. Mais uma vez tivemos sorte, pois esse médico já tinha muita experiência com esses casos, por ter encontrado muitos sobreviventes neste estado.

Depois de dois dias no hospital, que não passava de algumas tendas, tivemos que sair para dar lugar a feridos que chegavam continuamente da frente de batalha. Procuramos pelo capitão Bóris mas, apesar de muita busca, não o encontramos. Recebemos ordens de outro oficial para cavarmos valetas para enterrar os mortos. Embora estivesse muito frio, os russos estavam com medo de epidemias, como tifo ou cólera. À noite fomos para a cozinha e comemos comida mais leve, com medo de termos outra vez disenteria. Lá apareceu o capitão Boris que, após ouvir nossa história, aconselhou-nos a seguir com o seu regimento para que pudesse nos ajudar. Como a cozinha precisava de ajudantes, acabamos ficando lá. Lavando panelas, descascando batatas, etc.

Desnecessário dizer que este era o melhor lugar que poderíamos querer naquele momento. Além de termos comida à vontade, tínhamos um lugar quen-

te para dormir e a companhia de Ivan, com quem fizemos uma boa amizade. Estávamos a salvo!

Logo ficamos conhecidos como LEW e ABRASHA, meu nome Leon vem a ser em russo Lew e como os russos não conheciam o nome Aron, chamavam-no por Abrasha. Os ajudantes de cozinha, fazendo muita amizade com os jovens soldados. O regimento avançava lentamente para o centro da Alemanha. Após transpor os rios Oder e Neisse, a armada russa, sob o comando do marechal Jukow, dirigiu-se para a capital da Alemanha, Berlim. O regimento no qual estávamos constituía-se de uma companhia de tanques e caminhões que puxavam os canhões. Íamos na frente, vindo atrás de nós a administração e todo o exército russo.

Convivemos, nesse início do ano de 1945, com fatos e situações que nunca poderei esquecer: os civis e soldados alemães fugiam dos russos como de uma peste, porque, conforme os boatos, o ditador Stalin dera aos soldados russos a liberdade de fazer o que quisessem com os alemães, em resposta ao que os alemães fizeram quando invadiram a Rússia. Presenciei fatos deprimentes, vendo mulheres de todas as idades sendo estupradas e mortas brutalmente. Vi os russos pegarem um oficial da S.S. que estava escondido, encharcá-lo com gasolina e atear fogo. Assisti a vários fuzilamentos sem nenhum motivo aparente, além, é claro, do referente à própria guerra. Em muitos casos servi de intérprete para as conversas entre os russos e soldados alemães, mas logo fui afastado, porque os russos acharam que eu era suave demais.

Estávamos numa pequena cidade, perto de Liegnitz. Todas as noites o capitão Bóris ia até a cozinha falar conosco e ouvir nossas histórias e sobre os campos de concentração pelos quais havíamos passado, até o dia em que os soldados russos nos encontraram.

Numa noite o capitão Bóris me chamou, pedindo que eu o acompanhasse a uma casa semi-destruída, informando-me que se tratava da casa do líder nazista local. Lá chegando, ele mostrou-me ao lado da lareira uma mulher idosa com uma menina de uns 10 anos de idade. Então entregou-me o revólver e ordenou: Mate-as! Embora sabendo do parentesco delas com o líder nazista, não tive coragem de fazê-lo. Em tom de brincadeira, eu disse que se um cachorro me mordesse, eu não iria sair mordendo o cachorro. No entanto, o capitão Bóris ficou furioso comigo, chamando-me de covarde, fraco e muito mais. Afirmou que eu nem poderia chamar-me de judeu, já que a lei mosaica

afirma: olho por olho, dente por dente, etc. Depois deste episódio, nunca mais me chamaram para ser intérprete. Bóris matou as duas mulheres no ato.

Os russos vieram com toda a fúria para a guerra. Além disso, sua consciência é muito diferente da nossa educação européia.

Eram soldados russos, do Kasaquistão e das muitas repúblicas asiáticas, que formavam a já extinta União Soviética. A relação dessas pessoas com a vida era bastante diferente. Eles achavam os ocidentais muito amortecidos e covardes. Consideravam-nos pessoas sem orgulho e sem amor à vida.

Sobre isso, meu filho Josef comentou: "*este é um assunto que me interessa de perto, porque eu acho que, sob certa ótica, bem diferente da do absurdo da guerra, eles têm razão. Os russos e os orientais em geral não passaram por essa educação tão amortecedora que os europeus inventaram para esconder sua fraqueza e seu medo de viver com plenitude. Os europeus expulsaram a alma poética e viva da Universidade, dando lugar ao racionalismo anêmico de Kant. Não estou aqui defendendo a morte sumária daquela senhora e da menina e aliás, acho que o caminho proposto pelo judaísmo nada tem a ver com esse modo de aplicação da lei mosaica. Mas também é um fato que os judeus só ultimamente tornaram-se mais assertivos, quando se libertaram desse jugo racionalista e dos tantos anos de subserviência e marginalização.*"

Acredito que ele tenha razão. Nós fomos massacrados por séculos de sofrimento e tivemos muitas dificuldades para reagir.

Educaram-nos sob o signo do medo e ficamos gerações e gerações sem poder de reação e sem saber como fazê-lo. Poucos entenderam o que significava o Estado de Israel para nós. A afirmação de uma nação e a afirmação de um povo que originalmente era pacato, vivendo do pastoreio até que desde o Império Romano veio esse triste castigo da diáspora. É uma história que ainda precisa ser muito bem revista e reestruturada.

No entanto, quando servi de intérprete e vi esses arianos de "raça pura" implorar pela vida, não pude deixar de sentir o início de uma vitória sobre séculos de opressão a que fomos submetidos.

Mas os russos entraram mesmo para valer na Alemanha e seus excessos são sobejamente conhecidos. Eu vi um tanque russo derrubar, sem necessidade, um prédio de oito andares, simplesmente pelo prazer de derrubar coluna por coluna, até que todo o prédio desabou sobre o tanque, que com muita dificulda-

de saiu dos escombros e o soldado russo satisfeito.

Certa noite, depois de uma conquista sobre um povoado ou cidade, os soldados russos faziam uma grande bebedeira e, quem não bebesse com eles poderia até ser morto por ofendê-los. Eu passei um aperto desses quando em certa ocasião, forçaram-me a beber álcool puro. Fui "salvo pelo gongo", quando me chamaram na cozinha, eu nunca tinha experimentado nenhum tipo de bebida alcoólica antes.

A direção do exército russo dava uma dose de vodka para todos os soldados, mas para eles isso não era suficiente. Então procuravam qualquer coisa que contivesse álcool para beber, como perfumes e essências de qualquer tipo.

Após dois meses com os soldados russos, comecei a pensar que não tinha mais sentido ir com eles até Berlim, correndo risco de vida e até podendo ser morto por um soldado russo bêbado. A Alemanha já estava praticamente derrotada, mas foram nos últimos meses da guerra que a Alemanha começou a usar foguetes de longo alcance, pois até então só haviam canhões. E, mesmo sabendo que estava quase aniquilada, persistia na luta. Eu já sabia que mais cedo ou mais tarde os russos ganhariam a guerra, procuramos então um jeito de escapar, até que um dia um motorista de um militar falou-nos que no dia seguinte iria para perto da fronteira com a Polônia, e ofereceu-se para levar-nos, desde que não tivesse problemas conosco e com as autoridades. Ele concordou em levar-nos depois que expliquei que não éramos soldados russos e nem fomos alistados em nenhum exército.

Fomos num caminhão carregado de roupas e objetos que os soldados russos retiravam das casas abandonadas pelos alemães e enviavam para suas casas. Na União Soviética dos anos quarenta não existiam indústrias de roupas finas, devido às grandes dificuldades do regime comunista; o governo só permitia fabricar roupas com tecidos rústicos, como por exemplo lençol de algodão cru ou camisas e calças de um único tipo de tecido. Por isso, quando os soldados do exército russo ocupavam uma cidade da Alemanha, eles percorriam as casas e retiravam das camas os lençóis, pegavam todas as roupas finas e objetos de valor que encontravam, e faziam trouxas, bem amarradas com nós e cordas. Quando não havia cordas, amarravam com fios elétricos que encontravam. Identificavam essas trouxas com seus endereços na União Soviética, e o caminhão militar as levava até um armazém próximo à estação ferroviária, de onde eram despachadas pelos trens até seus destinos finais. A

Alemanha nesta época era bem desenvolvida em aparelhos eletroeletrônicos, pois, já tinha inclusive luz elétrica, mas os russos não podiam mandar além de roupas para suas casas, primeiro porque os aparelhos não iriam funcionar na Rússia, devido a falta de energia elétrica que não havia, segundo que não era tão fácil mandar coisas para suas casas, tudo era enviado meio que clandestinamente, mas chegava, porque havia um correio militar onde os soldados recebiam cartas de suas famílias que avisavam da chegada das roupas.

De madrugada escondemo-nos no meio das trouxas de roupas, que eram cobertas por uma lona para proteger da chuva. Por volta das seis horas da manhã o motorista chegou e, depois de se certificar da nossa presença na carroceiria do caminhão, partiu em direção ao seu destino. Depois de umas cinco horas de viagem, ele parou o caminhão e pediu que descêssemos, porque ele iria ao armazém entregar as roupas; portanto, não poderíamos estar junto. Ele disse que voltaria dentro de uma hora para levar-nos mais perto da Polônia.

Descemos e esperamos até a noite, mas o caminhão não voltou. Com certeza o motorista estava com medo de encrencas e nos abandonou. Já estávamos no fim de março e ainda estava muito frio, o que nos obrigou a procurar um abrigo para não morrermos de frio. Abandonamos o exército russo para garantir a nossa sobrevivência. Embora quiséssemos ver de perto a derrota final dos alemães, tínhamos, é claro, que cuidar de nossas vidas.

Capítulo IX

De volta à Polônia

Agora estávamos perto da Polônia, no meio de uma estrada e... bem, tínhamos que ter a coragem de ir em frente. Avistamos ao longe uma cidade e nos dirigimos para lá. Assim que chegamos na estrada fomos mais uma vez presos pelos soldados russos, que nos levaram ao oficial. Após o interrogatório, explicamos nossa situação: havíamos sido libertados de um campo de concentração pelo exército russo, nos deram uma super alimentação e nos trataram muito bem; explicamos também que, após estarmos com eles alguns dias, decidimos que já tínhamos condições físicas para voltarmos para nossas casas

na Polônia, que era o que estávamos fazendo. Depois de tudo esclarecido, enviaram-nos a uma hospedaria, onde haviam muitas pessoas de várias nacionalidades, principalmente poloneses e checos, perseguidos pelo regime nazista.

Nessa hospedaria havia um posto da Cruz Vermelha, que fazia o registro de todas as pessoas que lá chegavam. Como não tínhamos nenhum documento, eles, após colherem todos os nosso dados, como nome, endereço, procedência, etc., nos deram um tipo de passaporte, escrito em russo, polonês e inglês. Esse documento servia de salvo-conduto, e dava direito a transporte gratuito para os sobreviventes do regime nazista.

Essa foi a primeira vez que declarei ser judeu, pois, por esse mesmo motivo, estive nos campos de concentração.

Desconfio que no meio daquela gente toda, pudesse ter havido até colaboradores dos nazistas que, diante da perspectiva da derrota, fingiram-se de sobreviventes. Também percebi que no meio deles havia muitas mulheres. Acontece que à primeira vista só se viam homens; depois percebi que as mulheres cortavam os cabelos bem curtos e vestiam-se com roupas de homens (pois naquela época as mulheres só usavam vestidos ou saias) com medo de serem estupradas pelos soldados russos.

No outro dia, pela manhã, fomos chamados para ouvir um discurso do prefeito militar da cidade, que nos informou da necessidade de colaborarmos com as forças russas, trabalhando na limpeza e no enterro de cadáveres. Assim, ficamos o dia inteiro com pás e picaretas à procura de cadáveres nas casas e nas ruínas, pois os russos temiam por uma epidemia, como o tifo.

Informei-me sobre nossa localização na Alemanha. Soube então que a cidade polonesa mais próxima era Poznan, e para chegar até lá era preciso atravessar o Rio Oder de balsa, já que a ponte que interligava as antigas fronteiras entre Polônia e Alemanha havia sido destruída. Havia uma balsa particular que fazia a travessia, mas cobrava muito caro e nós não tínhamos nenhum dinheiro, a não ser os dez rublos que o capitão Bóris nos dera, no tempo em que estivemos com ele. Tínhamos, então, que pegar a balsa do governo, por ser gratuita. Tivemos que esperar na fila por dois dias, porque havia muitas pessoas que queriam atravessar para a Polônia. Voltamos para a hospedaria, onde dormimos e comemos. Nos dois dias na hospedaria ouvimos muitas histórias que estavam acontecendo nas terras libertadas pelos russos (Polônia, Alemanha e Checoslováquia). Ficamos quietos, só ouvindo os horrores, e os comentá-

rios sobre a matança feita por todos os lados.

Os alemães nazistas ao retirar-se, prevendo que já tinham perdido a guerra, saqueavam e matavam todos os que estavam pela frente, ajudados pelos maus elementos do povo polonês. Alguns dias depois, com a chegada do exército russo, esses mesmos elementos poloneses, declarando-se agora libertadores da Polônia e dos povos subjugados pelos nazistas, saqueavam o mesmo povo indefeso.

A violência desenfreada estava solta e ninguém estava seguro. Assim, era melhor ficar quieto nas terras libertadas em nome da justiça comunista.

Para entrar na balsa, tínhamos que apresentar nosso passaporte, nosso primeiro documento legal que tivemos e que também abriu muitas portas para nossas necessidades. Apresentávamos esse documento para os milicianos poloneses, que, ao examinarem nosso salvo-conduto da Cruz Vermelha, comentavam: "znowu zydy imowili ze Hitler ich zabil wszystkich" (novamente judeus, e ainda falaram que Hitler matou todos...). A surpresa dessa recepção deixou-nos muito deprimidos e alertas perante o anti-semitismo.

Atravessamos o rio e, já em terras polonesas, seguimos uma parte a pé e a outra parte de carona numa carroça até Poznan, que ficava a mais ou menos 50 km do Rio Oder. Chegando em Poznan, ficamos num asilo provisório, onde recebemos uma sopa e permissão para pernoitarmos. Como nosso objetivo era ir a Katowice, fomos logo pela manhã à estação de trem. Porém como não havia trem de passageiros, demos graças a Deus por poder embarcar num trem de carga que levava gado, e que demorou sete horas até chegar a Katowice. Chegando lá, resolvemos dormir na estação, pois já era noite e portanto impossível encontrar qualquer meio de condução. Eu queria ir à casa onde eu morava antes da guerra, em Konigshutte, um subúrbio de Katowice.

Pela manhã tomamos o bonde e chegamos ao prédio onde vivi dos 4 aos 16 anos. Haviam pessoas desconhecidas morando no apartamento onde morei por doze anos. No apartamento da frente encontrei a senhora Maron, nossa antiga vizinha, uma das únicas moradoras do meu tempo de criança. Ela quase desmaiou ao saber quem eu era. Conheciam-me por Leonek, e eu acho que nem eu me reconheceria.

A senhora Maron acolheu-nos prontamente, dando-nos muitas roupas decentes, comida e pernoite em seu apartamento. Ela contou-me sobre tudo o que aconteceu durante o tempo em que estivemos fora de lá, das pessoas e dos

conhecidos de infância, com os quais eu brincava, inclusive a filha dela, Trude. Essa sua filha casara-se durante a guerra com um nazista, que estava preso. Logo a senhora Maron pediu-me para intervir neste caso, já que os sobreviventes dos campos de concentração eram agora respeitados. Soube que a grande maioria desses amigos de infância se tornaram colaboradores dos nazistas, então recusei-me imediatamente a intervir em favor deles. É claro que deixei essa senhora aborrecida. Como não havia muito mais a falar, despedimo-nos e resolvemos partir para Sosnowietz, que ficava a mais ou menos 30 km de Katowice e onde, além de morarem os parentes de Aron, havia uma comunidade judaica maior.

Não encontramos nenhum parente dele vivo, mas apenas o seu apartamento, que estava vazio, com apenas alguns móveis quebrados. Resolvemos então nos instalar lá e demoramos alguns dias para limpar e arrumar tudo, inclusive mobiliar um pouco com móveis que retirávamos das casas abandonadas pelos alemães e colaboradores nazistas. Fomos então ao centro da cidade, onde soubemos da existência de um comitê judaico, e nos registramos.

Esse comitê passou a ser o centro de nossa vida, pois lá recebíamos notícias de todos e de tudo que nos interessava. Havia um painel muito grande onde se colocavam bilhetes com nossos nomes e os nomes dos parentes ou amigos que procurávamos. Dessa maneira muitas famílias conseguiram se reencontrar. Por não sabermos bem o que fazer ou para onde ir, resolvemos ficar ali por algum tempo, para ver o que iria acontecer, afinal de contas tínhamos uma casa onde abrigarmos. As pessoas do comitê ajudavam os sobreviventes com comida, moradia e arranjando algum trabalho. Como tínhamos moradia, fui procurar trabalho. No comitê perguntaram-me sobre o que eu sabia fazer, e respondi que era encanador e serralheiro. Então me empregaram como "serviços gerais de manutenção". Todos os dias eu me dirigia ao encarregado à procura de pedidos de consertos. Atendíamos aos judeus sobreviventes da guerra, que estavam se instalando em casas abandonadas, e portanto precisavam de pessoas para consertar canos, pias, torneiras e todo tipo de manutenção de uma casa. O encarregado do comitê acertava o preço e depois de me repassar o serviço, dividia comigo o valor. Como não havia muito dinheiro, ganhávamos muito pouco e às vezes o pagamento era feito com roupas e objetos.

Um dia pediram-me para ajudar a descarregar um caminhão de farinha.

Eram sacos com 100 kg. Quando pus o saco nas costas, caí e quase fiquei esmagado pelo peso. Percebi então como aqueles anos haviam debilitado minha saúde. Além de tudo, fiquei muito doente, e meu corpo se encheu de furúnculos, causando um mal-estar tremendo. Então pedi ajuda a Aron, e foi nessa hora que percebi que não se pode contar com ninguém, a não ser consigo mesmo. Aron não se mostrava disposto a ajudar e tive que me tratar sozinho.

Os furúnculos no meu corpo me faziam sentir muitas dores. Tentei fazer a limpeza dos ferimentos com lisoform, único produto de limpeza que havia na casa, o que provocou queimaduras fortíssimas e febre muito alta. Depois de alguns dias comecei a melhorar, até que pude voltar a trabalhar.

Nesse meio tempo muitas pessoas começaram a voltar para Sosnowietz, entre elas a irmã de Aron, Rosa, e uma conhecida minha de quando morei em Chrzanow, Sara. Tivemos que acolhê-las com mais uma amiga e assim rapidamente o apartamento virou uma verdadeira hospedaria. Lá também conheci Fela, que, como todos os sobreviventes, estava voltando para sua casa. Não encontrando nenhum parente vivo e sendo amiga de Rosa, veio também morar conosco.

Um dia, de madrugada, quando eu estava saindo para trabalhar, fui abordado pela milícia polonesa que me pediu para que eu os acompanhasse até Katowice. Assustei-me bastante, mas eles me acalmaram, e vivi um episódio que me marcou bastante: os milicianos disseram-me que eu estava sendo chamado para testemunhar um caso. Com o coração na mão, cheguei ao quartel general da milícia de todo o estado. Andando por lá fiquei ainda mais assustado, porque nos corredores ouviam-se gritos de pessoas que estavam apanhando. Puseram-me só num quarto e pediram-me que esperasse.

Logo fui servido com queijo, café quente, pão e manteiga, o que na época era muito raro. Ainda assim não entendi o que eu estava fazendo lá. Depois de esperar por uma hora, chamaram-me para um interrogatório. Perguntaram-me se eu havia conhecido um senhor de nome Moskowitz, que estivera comigo no campo de concentração. Eu de fato o conheci como capo usado pelos alemães. Ele antes da guerra foi um boxeador profissional, e no campo deliciava-se em nocautear pessoas fracas, vingando-se de alguns conhecidos e torturando muitas pessoas, o que lhe dava muitas regalias com os alemães. Por ter sido de uma família pobre, torturava aqueles que julgava mais ricos e era muito cruel com várias pessoas. Após os campos de concentração, voltou à Polônia

e chegou a ser um oficial da milícia polonesa. Mas, por azar, um sobrevivente o reconheceu e o denunciou, causando sua prisão. Ele cortara os pulsos, e os amigos dele estavam tentando livrá-lo, precisando de testemunhas.

Não sei como me encontraram, mas o fato é que eu estava lá para testemunhar. Respondi que o conhecia e, apesar de não ter apanhado dele, eu o havia visto torturando muita gente. Perguntaram-me se ele matou alguém e eu respondi que nunca soube disso, o que era verdade. Ele era brutal, mas eu não ouvi nada sobre a possibilidade de algum assassinato, apesar dele dizer na época: "agora estou por cima do cavalo e vou triturar todos vocês". Depois de fazerem mais algumas perguntas liberaram-me, agradecendo pelo meu depoimento.

Passados alguns dias, recebi em casa a visita de uma moça bem vestida, bonita, acompanhada de outro homem que também serviu de testemunha favorável ao Moskowitz. Ela informou-me ser esposa de Moskowitz. Disse que estava grávida e pediu-me que testemunhasse mais uma vez, porque no interrogatório anterior eu não fora muito convincente. Respondi a ela que apenas disse a verdade e não iria mentir, porque além disso eu poderia ser preso como conivente. Os dois insistiram para que eu fosse. Conforme ela disse, ajoelhando-se diante de mim, só eu poderia salvá-lo da prisão. Em função do choro dela e dos tantos pedidos, concordei em ir mais uma vez testemunhar. Na semana seguinte fui para Katowice, onde repeti o mesmo depoimento, omitindo apenas que o vi machucar alguém. Trouxeram-no à minha presença para reconhecimento e ele então agradeceu-me. Não sei se agi certo, mas naquele momento achei que era a melhor saída.

Capítulo X

Formação do Núcleo de Kibutz na Polônia

Nesse tempo em Sosnowietz aconteceram muitas coisas que mudaram o rumo de minha vida.

Estávamos no mês de abril de 1945, e a guerra estava acabando. Os Aliados cercavam os alemães por todos os lados, libertando todos os que esta-

vam nos campos. Consequentemente, estes voltaram para suas cidades de origem, na esperança de encontrar algum parente vivo.

Foi assim que aquele painel de informações tornou-se tão importante: todos os dias vinham pessoas de diferentes lugares e deixavam suas mensagens. Nós, que já estávamos morando lá em Sosnowietz, íamos diariamente ao comitê saber de novas mensagens.

Foi dessa forma que obtive notícias do meu irmão Mosche. Uma pessoa que nos conhecia viu meu anúncio no painel e me deixou uma mensagem avisando que meu irmão estava em Walbrzych.

Assim que li essa mensagem, preparei-me para ir até lá, pois Walbrzych era uma pequena cidade que pertencia à Alemanha, passando a pertencer à Polônia a partir de 1945, quero salientar que na época esta cidade tinha um nome alemão o qual não me lembro mais. Demoraria aproximadamente sete horas para chegar lá. As fronteiras estavam abertas e o meu passaporte me facilitava todos os meios de transporte. Finalmente encontrei-o morando com uma prima nossa, de terceiro ou quarto grau, que eu não conhecia. É impossível descrever a emoção do nosso encontro, já que não nos víamos há cinco anos. Tivemos muitas coisas tristes a compartilhar e a contar um ao outro e também muito a relembrar da nossa casa e de nossos pais. Através dele soube do destino da nossa família: Mosche teve notícias da morte de nosso pai através de conhecidos nossos que o viram nos campos de trabalhos forçados. Ele morreu de inanição, provavelmente por trocar comida por cigarros. E minha mãe e nosso irmão caçula, Jacob, foram levados para o campo de extermínio em Auschwitz, onde provavelmente foram cremados, pois todas as pessoas idosas e crianças que não serviam para trabalhar eram levadas aos campos de extermínio. Mas são apenas suposições, pois, nunca tivemos informações concretas de como eles morreram.

Na cidade onde estava meu irmão, Grunwalden, encontrei duas primas minhas, muito bonitas, Sônia e Pola, filhas da irmã do meu pai, tia Keila e tio Zalman.

Conto aqui uma passagem muito triste sobre o que a fome pode fazer com os relacionamentos humanos. Quando me instalei em Sosnowietz com Aron, também instalou-se conosco, Sara, que era colega minha dos tempos em que morei com tio Pinchas, ela era irmã da nora do meu tio, e como meu primo casado morava na mesma casa do tio, ela vinha sempre visitar a irmã dela, daí

ficamos tão amigos. Ela me contou que em um dos campos de trabalho em que esteve, encontrou-se com Sônia e Pola. Conversando, descobriram que eram todas conhecidas minhas.

Nesse campo, Pola trabalhava como chefe de cozinha, e um dia Sara pediu-lhe um prato a mais de sopa, acreditando que, devido as amizades que tínhamos em comum, haveria alguma regalia. Mas o que recebeu foram estes dizeres de Pola: "Que amiga coisa nenhuma!", e jogou-lhe um colherão de sopa quente no rosto.

Sara contou-me esse fato logo que nos encontramos em Sosnowietz. Quando encontrei Mosche, lá estava também Pola. Logo tive um atrito com ela, pois, fui cobrar-lhe "considerações" pelo que fez a Sara, mas durante a guerra esta palavra desaparece para qualquer ser humano. Desde este dia nunca mais nos falamos. Quando eu mencionei esse fato, ela ofendeu-se, e não quis mais falar comigo.

Quanto a Sônia, fiquei muito entusiasmado com ela e até lhe propus namoro. Mas ela recusou explicando que primos entre si poderiam ter problemas. Eu na ocasião estava muito carente de companhia feminina.

Após passar alguns dias com meu irmão e minhas primas, voltei a Sosnowietz, onde tinha emprego e moradia. Fiz um acordo com meu irmão: assim que surgisse uma oportunidade de sair da Polônia, um chamaria o outro, para seguirmos juntos.

Em Sosnowietz eu e Aron compartilhávamos um quarto da casa, enquanto que sua irmã, duas amigas dela e minha prima Sara dividiam-se nos outros dois quartos. Aron era um rapaz bonito, e fazia muito sucesso entre as moças, trazendo-as ocasionalmente em casa para fazer amor. Eu não tinha tanto sucesso e tampouco coragem para tanto. Não fui preparado para um sistema de vida em que o amor livre pudesse ter a expressão que tem atualmente. Eu tinha muita inveja da facilidade com que Aron tinha as mulheres, e por isso ansiava por encontrar alguém.

Por várias vezes, minha prima Sara insinuou que queria namorar comigo. Mas, além dela ser minha prima, eu estava interessado em namorar Fela, amiga de Rosa. Passado algum tempo, eu e Fela começamos a namorar, e Sara por ciúmes tentou interferir; mas não chegou a perturbar a ponto de me separar de Fela.

Formávamos, assim, uma pequena comunidade de judeus sobreviventes,

esperando do comitê judaico uma chance de voltarmos a uma vida normal.

Nossas esperanças estavam depositadas no comitê judaico. Toda a vida cultural e assistencial vinha por intermédio deles. O comitê também nos representava junto às autoridades.

Ocorreu então o convite do comitê para assistirmos palestras dos "sclichim", pessoas que estavam sendo mandadas para levar os sobreviventes para Israel, dentro da política de formação de um novo país. "Schiliach" em hebraico significa literalmente "mandado". As palestras impressionavam-me vivamente, e com muita emoção aderi à idéia básica do sionismo. Nas suas explanações, os "sclichim" traziam muitos dados que demonstravam que nenhum país tinha real interesse por nós, judeus.

Precisávamos de um lugar nosso, um país onde livremente pudéssemos decidir por nosso destino e evitar de vez as perseguições bestiais, lembrando a recente e absurda matança de seis milhões de judeus. Se havia alguma ajuda de algum país, era por pura piedade diante do holocausto, uma evidência que gritava aos olhos do mundo. Todos esses dados, unidos à extrema necessidade de liberdade individual, de poder escolher o próprio caminho sem ser importunado impunemente, deu-me força e entusiasmo para ligar-me firmemente ao movimento sionista. No entanto, era ainda uma iniciativa que ficava na clandestinidade, porque com os russos em seu regime comunista, o sionismo foi considerado um crime.

Com poucos recursos começamos a formar uma espécie de kibutz. Juntamos aproximadamente 60 jovens e, para não aparecer perante as autoridades locais, dividimos o grupo em dois, alugando uma casa em Kielce, a mais ou menos 300 km de Sosnowietz. Estávamos em fins de abril de 1945 e a guerra estava prestes a terminar. As autoridades polonesas organizavam-se, começando a formar seu exército. Quando recebi o aviso para alistar-me, rechacei imediatamente a idéia, (não iria agora morrer pela Polônia) e preferi entregarme a Israel, livre, mesmo que a vontade de Deus fosse pela minha morte.

Diante dessa decisão, chamei meu irmão e mudamo-nos com Fela e Sara para Kielce. Aron, sua irmã e amigas ficaram em Sosnowietz, e com eles mantivemos ligações diretas pelo fato de formarmos um só kibutz.

A idéia do movimento sionista era a de retirar-nos clandestinamente da Polônia para um país não comunista e de lá, também de maneira clandestina, levar-nos a Israel.

Enquanto isso, em Kielce, tivemos que nos sustentar por nós mesmos, com muito pouca ajuda do movimento sionista. Formamos uma comissão "vaad", que administraria nossos recursos, providenciando comida e outras coisas necessárias. Enquanto isso iríamos procurar trabalho. Eu era o único do grupo que tinha uma profissão e logo arrumei um serviço relativamente bem pago.

Trabalhei como encanador numa oficina local, onde fui considerado um bom profissional. A região sul da Polônia (Silésia), era mais adiantada técnica e culturalmente, o que facilitava a valorização de uma profissão. Assim, o que eu ganhava, mais a ajuda do comitê e alguns ganhos ocasionais de outros membros, foi suficiente para garantir nossa sobrevivência. Todos tratavam-me muito bem, mas Fela aproximou-se de mim de maneira especial, guardando-me comida e proporcionando-me maior aconchego, contribuindo para confirmar nosso namoro. Não tivemos grandes intimidades, talvez por falta de ocasião ou timidez de ambas as partes.

Vivíamos num grande grupo e à noite fazíamos reuniões com várias discussões políticas e muito canto. As canções hebraicas preenchiam nossos sonhos e preparavam nossa ida para a nova terra. Nas discussões políticas, os socialistas formavam uma tendência mais forte, ajudados pelos "partizans", que eram guerrilheiros da resistência judaica. Eles estavam escondidos nos bosques da Bielorússia, atrás das linhas de guerra; sua função principal era destruir as vias férreas, e ocasionalmente também atacavam os alemães, fugindo de volta para os bosques. Um grupo dos sobreviventes desses partizans judeus juntou-se ao nosso kibutz.

Numa das discussões defendi a idéia de centro, propondo uma sociedade democrática tendo sido bastante criticado por isso. Uma das moças integrantes do grupo dos partizans deu-me o apelido de "cavalo", no sentido de que as pessoas são de direita ou esquerda, e quem anda no meio é cavalo! A facção socialista ficou vitoriosa e minha inexperiência política não me deu chances de equilibrá-la.

Em 8 de maio de 1945 acabou a guerra na Europa, mas na Ásia o Japão ainda continuava. As notícias da rendição da grande máquina de guerra alemã, o suicídio de Hitler e a prisão de grandes cabeças do Terceiro Reich encheram-nos de muita alegria, e em julho desse ano recebemos a notícia de que nossos documentos forjados estavam prontos, e iríamos partir logo para Israel. Vieram os documentos rubricados e devidamente carimbados por uma prefei-

tura polonesa, identificando-nos como italianos que deveriam ser repatriados. Nessa época qualquer carimbo era muito respeitado, porque só o governo podia fazer carimbos. Tivemos aulas de italiano com um Schliach, onde aprendemos as principais palavras e números em italiano.

Em fins de julho de 1945 saímos de Kielce, embarcando num trem que a princípio ia nos levar para Budapeste, na Hungria. Em Katowice, a turma de Sosnowietz juntou-se a nós e rumamos através da Checoslováquia para a Hungria.

Discretamente estávamos acompanhados pelos "Slichim", pois parecíamos um bando de refugiados, e já os Slichim viajavam como civis, vestidos com terno, gravata, etc., assim podiam intervir para solucionar qualquer problema. E tivemos vários: na fronteira da Polônia com a Checoslováquia, soldados russos desconfiaram de nossos documentos e tivemos que lhes dar algumas garrafas de vodka e "tchases" (relógios), para não nos molestarem. Era muito fácil subornar um russo, pois apreciavam muito qualquer garrafa de vodka e um relógio; na Rússia não havia fábrica de relógios de pulso, somente de relógios de parede.

Mais tarde no trem, como viajávamos muito à vontade, brincando e até andando pelo telhado do vagão, alguns soldados russos se excederam, e começaram a mexer com as meninas do nosso grupo, querendo sexo de forma até um pouco violenta. Tivemos que apelar aos oficiais comandantes, elogiando-os pela nossa libertação do nazismo. Falamos no sentido de que eles eram os libertadores do mundo, e com isso, sentindo-se muito importantes e orgulhosos de seus atos heróicos, deixaram as meninas em paz.

Na fronteira da Checoslováquia com a Hungria, os soldados fizeram-nos descer do trem e interrogaram-nos um a um. Ainda bem que nenhum soldado sabia italiano, porque, quando nos fizeram falar nessa língua, misturamos algumas palavras em italiano, idishe e hebraico, e com isso conseguimos ludibriá-los. Finalmente chegamos a Budapeste. A viagem que deveria durar no máximo dois dias durou uma semana, devido a muita confusão na rede ferroviária, e isso nos obrigou a viajar em péssimas condições higiênicas. Em Budapeste já nos esperavam.

A sochnut (agência judaica) tinha, em todas as grandes cidades, agentes que se encarregavam de resolver problemas referentes à Aliá (emigração). Esses agentes tinham influência sobre as autoridades locais, e, por seu intermé-

dio, fomos instalados provisoriamente numa escola judaica, que, devido às férias de julho, estava vaga. Lá estávamos num paraíso, pois nos banheiros havia água quente, o que para a maioria de nós era desconhecido. Nessa época, na Europa Oriental não existia água quente nas casas particulares. Quando alguém queria tomar um banho de corpo inteiro, tinha que ir aos banhos públicos ou esquentar um panelão de água no fogão, que era jogado numa tina, espécie de banheira que tínhamos em nossa casa.

Recebemos da colônia judaica local roupas limpas e comida farta. Fizemos até um pouco de discreto turismo, já que não podíamos chamar a atenção das autoridades locais, pois era proibido viajar para o exterior; além do mais, todos os países exigiam visto de entrada e passaporte. Embora, com o fim da guerra, os países ainda não estivessem devidamente estruturados, e existisse muita bagunça, sendo relativamente fácil ir de um país a outro, a fiscalização nas fronteiras era muito cerrada por causa de muitos nazistas que tentavam fugir.

Com a aproximação do início das aulas, tivemos que desocupar a escola depois de uma semana. Em agosto levaram-nos para Shombatel, uma pequena cidade na fronteira com a Áustria, onde permanecemos por mais de um mês. Lá nos despedimos do regime comunista e vivemos a situação curiosa de estarmos abrigados num refúgio de vários judeus ortodoxos, que não aprovavam nossa atitude, dizendo-nos que deveríamos esperar a chegada do Messias, que nos levaria de volta a Jerusalém.

Devido aos acordos de Yalta, feitos entre os aliados (Churchill, Stalin, Roosevelt e De Gaule), a Europa foi dividida em zonas de influência oriental e ocidental. Dessa forma, a Hungria passou a ser zona de influência oriental, e a Áustria, ocidental. Como Shombatel era a última cidade de influência russa, lá se reuniram muitos refugiados que queriam passar para o lado ocidental, unindo-se a nós.

Assim, já formávamos um grupo com mais de 100 pessoas e estávamos alojados num local onde só havia dois banheiros sem chuveiro, nem água quente. Como sempre, nossa higiene estava muito precária, mas tivemos a sorte de não ser época de muito frio, portanto podíamos tomar banho num rio que ficava a uns 5 km de distância. Essa situação de banhos coletivos facilitava a promiscuidade entre nós, pois todos os rapazes queriam assistir ao banho das meninas.

Eu, pela minha timidez e seriedade, consegui até um certo prestígio entre

as garotas, e aí houve também uma maior aproximação entre eu e Fela. Embora houvesse o falatório de que estávamos namorando, eu não queria comprometer-me, porque não sabíamos como seria nosso futuro. Relembrando esse tempo, percebo uma grande encruzilhada em minha vida. Sem condições pessoais de clareza, a pressão do grupo nos leva a tomar decisões precipitadas. Fela demonstrava abertamente muito interesse por mim, sendo fortemente apoiada pelas outras meninas. Com a minha seriedade, comecei a levar com muita responsabilidade esse relacionamento.

Em outubro de 1945 chegou o momento de seguirmos nossa viagem, saindo do "mundo comunista" para o "mundo livre", ou seja, através das montanhas, ultrapassar a fronteira entre a Hungria, dominada pelos russos, e a Áustria, dominada pelos ingleses. A agência judaica local havia contratado um guia que faria o caminho pelas montanhas conosco. Numa bela manhã saímos, embrenhando-nos pela mata, mas não podíamos andar muito depressa porque tivemos que carregar alguns judeus húngaros mais velhos. As montanhas eram cheias de mato, dificultando a escalada, e ficavam mais difíceis ainda na descida, onde escorregávamos e fazíamos barulho, pisando em folhas e gravetos secos, apesar da severa proibição do guia, para que não chamássemos a atenção.

Andamos aproximadamente seis horas e paramos para descansar num local onde podia-se avistar a estrada e a fronteira. Andamos mais um pouco e começamos a descer para sair do outro lado da fronteira. De repente alguém atirou e ouvimos gritar: "stoi" (parem). Estávamos cercados por soldados russos, que nos levaram até um acampamento, exigindo nossos documentos. Entregamos nossa "bumashka" (certificado) com os devidos carimbos. O comandante mandou chamar alguns representantes do grupo. Tínhamos vários membros que sabiam falar perfeitamente o russo, mas o grupo preferiu que eu fosse, por eu ser calado, quieto e ter prestígio. Assim, eu fui ter com o comandante, que imediatamente riu de todos os documentos, dizendo que eram falsos.

Disse então que iria nos prender e nos mandar de volta. Depois ele perguntou se eu falava idishe, e eu, desconfiado, respondi que sabia muito pouco. Aí ele disse que poderia dar um jeito na situação, mediante o pagamento de alguma quantia, de preferência em dólares e algumas garrafas de vodka. Fiquei de falar com o resto da turma, adiantando-lhe que não tínhamos dinheiro. Depois de consultar o "vaad" (membros dirigentes do grupo), voltei a negociar

com ele, que identificou-se como judeu russo. Apelei a ele, pedindo que nos tirasse daquela situação. Mostrei-lhe que éramos sobreviventes dos campos de concentração. Então ele me disse: "arrumem algumas garrafas de vodka que vou dar um jeito". Conseguimos então as garrafas de vodka e lhe demos um relógio. Ele sugeriu que acampássemos ali naquela noite e que partíssemos de madrugada. Ele iria dar vodka aos soldados e tirar os vigias do posto da fronteira.

Com muito medo, às quatro horas da manhã passamos pela fronteira sem nenhuma dificuldade, e nos dirigimos à cidade mais próxima. A agência judaica já nos esperava na Áustria. Na cidade de Gratz, que ficava uns cinqüenta km da fronteira, a brigada judaica local enviou caminhões do exército inglês até a estrada próxima à fronteira, para nos levar até a cidade. Caminhamos aproximadamente dez km, até encontrarmos os caminhões. Em Gratz, uma bela cidade de montanha, nos instalaram numa escola sob a proteção do exército inglês, que nos deu alimento. Essa alimentação era insuficiente para nós e tivemos que complementá-la de outra maneira.

Estávamos no outono, e nesse período do ano, na Áustria, é época de colheita de frutas, especialmente maçãs e pêras. Para suprir a falta de alimentos, os membros do kibutz resolveram que, diariamente, algumas pessoas do grupo iriam até os subúrbios para conseguir frutas. Em certo dia, éramos quatro do grupo, e tomamos o bonde em direção a um sítio com pomares. Chegando lá, entramos por uma cerca baixa, fácil de pular. Dois de nós subiam nas árvores para apanhar as frutas, e os outros dois enchiam as mochilas. Quando as mochilas estavam praticamente cheias, saímos do pomar. Já fora do sítio, fomos surpreendidos pelo proprietário, que tinha um cachorro bravo consigo. Ele nos ameaçou com o cachorro, chamando-nos de ladrões. Como já estávamos preparados pelos partizans que estavam conosco, sabíamos da possibilidade de sermos surpreendidos por cachorros nessas ocasiões. Usamos então um tipo de lança, uma madeira com ponta aguda, preparada pelos partizans, que levávamos conosco para nos defender. Provocamos o proprietário dizendo: "Pode soltar os cachorros... Nós estamos preparados..." e muitas outras coisas. Seguimos em direção à estação do bonde, e voltamos.

Estivemos nessa cidade por três meses, até o final de novembro de 1945. Era uma cidade realmente linda, sob total proteção da força de ocupação inglesa. A população de Gratz era predominantemente nazista, e todos tinham mui-

to medo de nós, por tudo o que nos haviam feito.

O meio de transporte eram os bondes, que cortavam a cidade por todos os lados. Vivíamos livremente, viajando de trem sem pagar nada, e nessas condições nós nos portávamos como vândalos: tínhamos muitas regalias, mas, aproveitando-nos delas, tomávamos atitudes indecentes. Quando um austríaco nos ofendia, quebrávamos coisas do bonde e jogávamos os pacotes dos passageiros pelas janelas. Tínhamos muito ódio dentro de nós, e, se alguma pessoa nos advertia, respondíamos com palavras agressivas. Hoje envergonho-me disso.

Nessa época assumi seriamente o namoro com Fela, e começamos a falar de nosso futuro. Ela não estava propensa a ir junto com o grupo para Israel, principalmente porque sabia que seus irmãos estavam vivos, em alguma parte da Alemanha. Ela queria encontrar-se primeiro com eles, para depois seguir para a Palestina.

A vida em Gratz era muito ativa, pois recebíamos pessoas da brigada judaica que estavam incorporadas ao exército inglês e também recebíamos os "sclichim", que preparavam nossa ida à Palestina. Eles passavam filmes sobre a vida na Palestina, mostrando o dia-a-dia na cidade, nas colônias e nos kibutzins. Faziam diariamente palestras, fazendo-nos compreender a oportunidade histórica de construir uma pátria para todos os judeus do mundo.

Os sclichim tinham grande interesse em convencer-nos a ir para a Palestina, pois nós, como vítimas do nazismo, tínhamos possibilidades de morar na Europa ou emigrar para outro país qualquer.

A agência judaica fazia pressão internacional. Com a ajuda financeira dos judeus americanos eram comprados navios velhos de toda parte do mundo: onde se sabia que havia um navio velho, a agência judaica o comprava, porém tudo era bem planejado. Todo navio passava por uma reforma, ficando em condições de navegar. Era então enviado para algum porto da Itália, onde um grupo de pessoas já o aguardava para embarque, sem documentos. Toda essa operação que levava judeus para a Palestina foi chamada de "Operação Êxodus".

E assim, milhares de judeus foram ilegalmente para a Palestina. Se acontecia de serem interceptados pelos navios militares ingleses, eram levados para a Ilha de Chipre, no Mediterrâneo, onde eram instalados provisoriamente em abrigos construídos para esse fim. Ficavam sob proteção da ONU, aguardando soluções das autoridades internacionais.

Alguns navios conseguiam furar o bloqueio dos ingleses, e entravam na Palestina, sendo recebidos com entusiasmo. Temos o exemplo do navio Êxodos que, contado em livro, virou um "best-seller" e posteriormente foi transformado em filme.

Em fins de novembro de 1945 recebemos vistos para a Itália e todos estavam prontos para viajar. Com muita tristeza por ter de me separar de meu irmão, amigos e primas, resolvi não ir com toda a turma para a Itália, cedendo aos pedidos de Fela para que voltássemos à Alemanha, e encontrar os parentes dela.

Todos os nossos amigos, inclusive meu irmão Mosche, embarcaram para a Itália à espera de um navio que os levasse a Israel. Soube mais tarde, no início de 1946, que o grupo conseguiu furar o bloqueio inglês, e teve a felicidade de desembarcar bem na Palestina.

Capítulo XI

A Saída de Gratz , de Volta à Alemanha

Com o coração meio partido, por causa de nova separação de meu irmão, de minha prima e de amigos, preparei-me para viajar de volta à Alemanha, desta vez para o lado ocidental, sob proteção americana (Estados Unidos).

Precisávamos ir a uma cidade grande, e a mais próxima era Munique. Saímos de Gratz pela manhã, e já bem tarde do mesmo dia chegamos à estação ferroviária de Munique. Era dezembro, e fazia muito frio. Nós não tínhamos para onde ir; apenas sabíamos que deveríamos procurar o quartel general do exército americano, nos apresentar como refugiados, sobreviventes dos campos de concentração, e pedir ajuda.

Na estação de trem, ao desembarcar, pedi informações e me indicaram o Museu Nacional (Deutsche Museum), onde estava o quartel. Quando chegamos lá já era noite. Fui direto ao guarda, um soldado americano, que, sem me entender direito, chamou uma moça de uniforme militar para falar conosco. Era uma oficial do serviço social americano, que já falava alemão. Identificamo-nos como refugiados, mas ela disse que era muito tarde e tudo estava fechado,

e que voltássemos no dia seguinte. Conseguimos explicar a ela que não tínhamos sequer lugar para dormir, e, ao final, ela permitiu que passássemos a noite ali, dando-nos alguns cobertores. Dessa forma nos acomodamos no chão de uma das salas do museu.

No dia seguinte procuramos por ela, e conseguimos que nos enviasse a um campo provisório de Passingen, subúrbio de Munique. As forças de ocupação americanas estavam fazendo grandes esforços para acomodar os sobreviventes judeus. Para que isso acontecesse, desocupavam ruas em várias cidades alemãs, expulsando os moradores de suas casas, e ali colocando os refugiados. Nesse tempo os jornais internacionais estavam divulgando os horrores dos campos nazistas. O mundo aparentemente não sabia o que havia acontecido durante a guerra, e por isso as tropas de ocupação estavam cuidando muito dos sobreviventes. Ficamos um mês num lugar meio ruim em Passingen, enquanto esperávamos um novo local. Em fins de janeiro colocaram aproximadamente cinqüenta famílias de refugiados na cidade de Lampertheim, a dez km de Mannheim.

Recebemos ali uma casa grande, um sobrado, com quatro quartos, sala, cozinha e banheiro. Nesse meio tempo, Fela viajou para Frankfurt, onde encontrou num campo da UNRRA (refugiados das Nações Unidas), sua irmã Míriam, que já morava com seu namorado, Natan Martin e o irmão Selig. Depois de se encontrarem, eles vieram morar conosco em Lampertheim, onde a casa podia acomodar a todos.

Nessa cidade não tínhamos nada para fazer, porque a UNRRA (órgão social da ONU para refugiados) criou um grande restaurante onde as cinqüenta famílias lá acomodadas recebiam comida gratuitamente.

Por falta de outros meios, começamos a nos dedicar a negócios do mercado negro, na maior parte constituído de provisões de soldados americanos, que eram contrabandeadas e vendidas à população alemã que tinha recursos. Assim trabalhamos vendendo café, arroz, carne enlatada e principalmente cigarros. Eu não consegui me adaptar a isso, mas os irmãos Martin procuraram logo se entrosar com esse mercado, comprando e vendendo tudo o que aparecia na praça, principalmente os produtos mais fáceis de comercializar, como: Nescafé, cigarro e chocolate.

Eu fui trabalhar no restaurante comunitário, como ajudante de cozinha. Em pouco tempo, devido à minha criatividade com os pratos, cheguei a ser o

chefe dessa cozinha. Os irmãos Martin conseguiram encontrar os outros dois irmãos de Fela, Haim e Abraham, pois, com o comércio de produtos, eles viajavam para as principais e maiores cidades vizinhas, e iam dessa forma procurando-os, até que os encontraram, em diferentes cidades.

Estando parte da família reunida, resolvi marcar o meu casamento com Fela para fim de março de 1946. Foi um dos primeiros casamentos de sobreviventes judeus, na Alemanha, e por essa razão foi também festejado pelas autoridades da ocupação americana. O capitão rabino realizou o nosso casamento no autêntico estilo judaico da época. É incrível como nós tivemos coragem e senso para começar uma nova vida, casar e constituir uma família.

Haim, como irmão mais velho, e muito religioso, no início se opôs ao nosso casamento, alegando que eu não era suficientemente religioso. Mas, após a insistência dos outros irmãos, deu-nos o seu consentimento. Depois tivemos um bom relacionamento, de verdadeira amizade, que se prolonga até hoje, mesmo depois de minha separação.

Abram, o irmão caçula de Fela, que tinha na ocasião 16 anos, veio também morar conosco. Era um menino alegre, que logo tornou-se muito amigo, a ponto de adotar-me como uma espécie de irmão mais velho. Com Míriam sempre tivemos um bom relacionamento, embora um pouco reservado.

Víamos a Alemanha em ruínas após os bombardeios dos aliados. A população alemã estava com medo e sem nada diante dos conquistadores. As outrora orgulhosas arianas, vendiam-se aos soldados negros americanos por um chocolate ou qualquer outra guloseima. Nós judeus as desprezávamos, lembrando das atrocidades nazistas. Vivíamos nos bairros reservados para nós, à espera de uma solução definitiva, que estava sendo discutida na recém criada Organização da Nações Unidas (ONU). Acredito que nessa época moravam na Alemanha, espalhados, cerca de 45 mil judeus, sem nenhuma orientação ou entidade cultural, ficando à mercê da administração dirigida por militares americanos. De vez em quando vinha um "schliach" de Israel, na tentativa de alistar pessoas.

Fela engravidou logo depois do nosso casamento, o que aliás estava acontecendo com a maioria da nossa comunidade.

Um dia recebi a visita de um "schliach" natural de Katowice, mas que já morava há algum tempo em Israel trazendo-me notícias de meu irmão, que insistia muito para que eu fosse para lá. Aric, o schliach, contou-me que meu

irmão estava muito bem num kibutz na Galiléia e que ocorriam muitas perspectivas de uma nova vida. Devido à gravidez da Fela, nós não podíamos nos arriscar com emigração clandestina, tendo ainda que enfrentar os ingleses que ocupavam a Palestina. Aric, então, ficou de estudar a possibilidade de arranjar uma emigração legal, pois havia uma licença dos mandatários ingleses na Palestina que permitiria a emigração legal de 1.500 judeus por mês.

Nesse tempo ocorreu um incidente em Lampertheim que reforçou o nosso desejo de sair de lá o mais rápido possível: um alemão, antigo morador de uma das casas ocupadas por nós, foi visitar a casa que lhe pertencera e começou a brigar com a pessoa que lá estava, que aliás era amigo meu. O motivo da briga era algo ridículo: ele queria reaver seus potes de vidro, que havia deixado num quartinho no fundo da casa. Não houve acordo amigável entre ambos, e então o novo morador colocou o alemão para fora da casa à força. Não demorou muito, e o alemão voltou em companhia de outras pessoas armadas com paus e outros objetos, exigindo a imediata desocupação da casa. Diante do pedido de socorro do meu amigo, nós, vizinhos, corremos em sua defesa. Éramos mais de cinqüenta pessoas, causando uma batalha infernal. A guarnição militar americana de Lampertheim era muito pequena, e teve que pedir reforços em Mannheim. Uma hora depois vieram caminhões e tanques americanos, e os soldados prenderam todos que estavam nas ruas. O saldo dessa batalha foi o seguinte: uma pessoa ficou gravemente ferida e uma mulher grávida perdeu a criança. Com isso, os antigos moradores alemães ficaram proibidos de visitar suas antigas casas, mas esse incidente reforçou em muito nosso desejo de emigrar para a Palestina.

A respeito disso, meu filho Josef fez o seguinte comentário: *Pai, "não lhe passou pela cabeça dar uma outra virada na vida? Por exemplo, não ir à Palestina com a família, nessa época? Pois de um lado podemos observar nesta sua história a mão forte de um destino que, em várias ocasiões, intervém favoravelmente. Mas, de outro lado, ocorrem decisões imaturas, precipitadas, que somente mais tarde serão percebidas. Em geral, nesses momentos temos medo de voltar atrás, mas é importante confessar a nós mesmos que passamos por isso. Minha experiência mostra que nossa vida interior se enriquece bastante com isso, e, assumindo nossa verdade, podemos dar passos mais amplos, tanto interiormente quanto na vida exterior. Como você sente isso?"*

Não ir à Palestina nessa época? Acho que dei uma tremenda virada na minha vida indo à Palestina. Compreendo que seja difícil entender isso, e que seja fácil pensar que eu continuo sendo o mesmo judeu fatalista seguindo o destino. Ao contrário, eu nunca na vida me perdoaria, se desistisse dessa fase (que ele chamou de "destino"), e não fosse para a Palestina. Precisamos então voltar um pouco à história universal, para as pessoas compreenderem isso.

Nós, que nascemos judeus, éramos praticamente escravos ou reféns no ambiente em que vivíamos na Europa Oriental, até o fim da Segunda Guerra Mundial. Foi quase impossível o entrosamento na sociedade de cada país em que vivemos, com raras exceções em países ocidentais. Pagamos o preço da perda da nossa identidade.

O regime nazista reforçou ainda mais essa separação, perseguindo descendentes de judeus até a quarta geração. O judeu escondia sua descendência. Depois da criação do estado de Israel, da qual participei ativamente, todo descendente do nosso povo avisa orgulhosamente sua origem, e é reconhecido em todo o mundo como um ser igual aos outros.

Por isso minha ida à Palestina fez uma revolução na minha identidade, que assumo sem remorsos ou outras conseqüências.

Com o final da guerra, após ter visto e passado tantas barbaridades me tornei uma pessoa fria, descrente e muito dura. Porém após ter me casado e sabendo que iria ser pai, algo foi mudando dentro de min, pois sentia a responsabilidade e orgulho de ter uma família. Muitos de nós sobreviventes não acreditávamos que após ter passado o que passamos íamos chegar a constituir uma família.

Por isso o ano de 1946 foi um ano muito especial para min, pois havia uma expectativa muito grande de uma nova vida.

Capítulo XII

O Início da Minha Família

O começo de 1947 ficou marcado pelo início da realização de minha família, que se constituiu a partir do nascimento do Josef, no dia 17 de janeiro.

Havia uma senhora que trabalhava em nossa casa, uma alemã, que era parteira, e que ao ver Fela sentir dores e a criança não nascer, nos aconselhou a levá-la ao hospital. Nós morávamos em Lampertheim perto da estação ferroviária, e então eu e Selig (irmão do Natan) a levamos de trem para o Hospital Municipal de Manheim, que ficava a meia hora dali.

Me lembro que o Selig levou consigo um pacote de maços de cigarros e logo na chegada deu ao médico chefe, pedindo-lhe que desse uma especial atenção a Fela. Cigarros valiam muito, era como se fosse uma moeda forte. Ficamos no hospital esperando o nascimento, e mais ou menos uma hora mais tarde, o médico veio nos avisar que havia nascido com bastante dificuldade um menino, mas que estava tudo bem com a mãe e com o bebê também.

Era de manhã, mas como em hospital municipal tem hora marcada para visita, voltamos a Lampertheim, pois a hora de visita aconteceria somente no final da tarde. Quando eu e Selig voltamos para visitá-la à tarde, a encontramos bastante abatida, mas feliz pelo nascimento de um menino. Então pedimos à enfermeira para ver o bebê, pois o Selig tinha levado uma máquina fotográfica e como tudo nesta época funcionava através de corrupção, tivemos que subornar a enfermeira com mais um pacote de cigarros para podermos ver o bebê.

Por motivo de contaminação não se podia entrar no berçário, então pelo vidro a enfermeira levantou um bebê e me mostrou, querendo dizer que aquele bebê era meu filho, mas não me conformei, pois ele tinha a pele escura, cabelos compridos e bem pretos.

Como na época nasciam muitas crianças negras, filhos de soldados negros americanos com mulheres alemãs, desconfiei que a enfermeira havia trocado o bebê e me mostrado outra criança. Chamei-a então e disse-lhe que aquele não era meu filho, foi quando ela me explicou a razão do bebê estar com a pele escura: ele havia nascido com o cordão umbilical enrolado no pescoço, o que causou algumas dificuldades, mas, com certeza, era meu filho. No quarto dia eu já pude ver o bebê de perto, ele já estava mais clarinho e pude carregá-lo sentindo pela primeira vez a sensação de ser pai.

Após oito dias Fela voltou para casa com o bebê e pedimos ao comitê judaico para providenciar um Mohel para fazer o Brit-Mila de Josef David (nome escolhido dos nossos pais). O Brit foi feito em nossa casa, era inverno e fazia muito frio na Alemanha, e como a situação não era das melhores comemoramos apenas com um bolo e vinho Kasher.

Em junho deste ano (47), Aric voltou avisando-me que conseguira arrumar a documentação legal para entrar em Israel, mas somente para Fela e o bebê, na condição de que eu esperasse mais seis meses, trabalhando na cozinha de um campo de trânsito de imigrantes, em Bocholt na Alemanha, perto da fronteira com a Holanda. Obviamente não gostei dessa situação, mas, conversando com Fela, vimos que essa seria a melhor maneira de evitar viagens incômodas e ilegais, que só iriam prejudicar nossa ida para a Palestina.

Além disso, Fela já estava grávida novamente, e isso tornava as coisas ainda mais complicadas. Então, com toda essa carga de tensões, concordamos que Fela e o bebê, com seis meses de idade, partiriam para a Palestina. Como havíamos combinado com Aric, eu aguardaria em Bocholt, até conseguir embarcar de alguma forma legal.

Bocholt era um campo de trânsito, dirigido pela UNRRA, com mulheres oficiais americanas e de outras partes do mundo. Por esse campo passavam todos os refugiados, que de alguma forma esperavam sua vez de embarcar para vários destinos, principalmente a Palestina.

Cheguei em Bocholt já com documento de cozinheiro, porém, quando fui para a cozinha, logo fui designado para a função de lavar panelas. No dia seguinte fui conversar com o chefe do campo, que era uma oficial sueca. Expliquei-lhe que eu havia trabalhado por dois anos como chefe de cozinha, e, se fosse para ficar lavando panelas, eu iria embora. Ela foi muito gentil e compreensiva, transferindo-me para a função de cozinheiro.

Por ser Bocholt um campo de trânsito, havia períodos em que o mesmo ficava vazio, após a partida dos refugiados para seus destinos.

Como eu tinha o direito de levar para a Palestina um container, resolvi ir comprando coisas que mais tarde eu poderia usar ou vender lá. E foi desta forma, comprando coisas, que acabei viajando pelas cidades vizinhas de Bocholt, que ficava numa região próxima às maiores indústrias de aço. Com isso, empreguei quase todo o meu salário de cozinheiro em materiais de aço, que levaria para Palestina, pois sabia que lá não havia equipamentos de qualidade, e também porque não tinha ainda indústria de aço.

Passados seis meses em Bocholt, Aric voltou, pedindo-me uma fotografia. Após alguns dias, retornou com um passaporte de um soldado da brigada judaica, com o nome de Abraham Stiglitz e também um uniforme de cor cáqui, com um distintivo da brigada judaica, que teríamos que usar na viagem.

Encerrei minha história na Alemanha partindo em fins de 1947, a caminho da Palestina. Cada um dos integrantes do nosso grupo recebeu um passaporte com outra identidade e outras datas de nascimento.

Éramos um grupo de seis pessoas, quando saímos de Bocholt: quatro homens e duas mulheres. Não me lembro do nome deles, nem dos privilégios dos meus companheiros de viagem. Sim, privilégios, porque, na época, a grande maioria viajava ilegalmente em pequenos e velhos navios ou barcos. E nós fomos com passaportes, embora falsos, mas num navio legal, italiano.

Saímos de trem de Colônia, na Alemanha, e chegamos mais ou menos 24 horas depois em Gênova, Itália, onde pernoitamos num hotel de quinta categoria. Na madrugada seguinte embarcamos no navio com o nome de SS Argentina, mas era um navio italiano. Rumamos para a Palestina, sabendo que desembarcaríamos no porto de Haifa.

Durante a viagem, nosso grupo se mantinha isolado para não dar muito na vista, apesar do nosso uniforme nos diferenciar dos soldados ingleses: além do distintivo da brigada judaica, a cor dos uniformes era diferente, pois os soldados ingleses usavam uniformes verde-oliva. Mesmo assim, mantínhamos a maior discrição possível dentro do navio.

A viagem durou três dias, e em 10 de janeiro de 1948 cheguei ao porto de Haifa na Palestina.

Capítulo XIII

Minha Vida em Israel

A instrução que recebemos para nos parecermos o máximo possível com soldados da Brigada Judaica em férias, fez com que a viagem transcorresse sem incidentes, e passamos pela alfândega e pela polícia britânica sem nenhum problema.

Durante o tempo que estive longe da Fela, nos correspondíamos por carta, portanto eu já sabia onde ela estava, e o endereço correto de onde eu tinha que ir chegando ao porto de Haifa.

Já em terra, olhei para ver se alguém me esperava, e como não vi ninguém, entrei no ônibus com destino a Tel Aviv. Nós já sabíamos das embosca-

das árabes nas estradas, mas estranhamos o ônibus blindado, e logo na saída de Haifa, alguns passageiros que viajavam conosco de repente tiraram armas das mochilas e nos mandaram abaixar. Era um ataque de árabes do povoado chamado Kfar-Tira, que viviam ali à beira da rodovia Haifa - Tel Aviv, e sempre atacavam ônibus e caminhões com judeus.

Ouvimos alguns tiros, mas conseguimos passar sem inconveniências, e logo depois o ônibus parou em Kfar-Saba, que era um povoado judaico. Havia um pomar de laranjas próximo, onde descemos, e mesmo sendo mês de janeiro, inverno portanto, sentíamos muito calor, pois vínhamos de um rigoroso inverno europeu. No ponto de ônibus haviam caixas com laranjas com as quais nos empanturramos de tanto comer, o que aliás, me fez mal, causando-me asia a ponto de vomitar muito na chegada.

Cheguei a Tel Aviv à noite, e me levaram à Beit Olim (casa dos imigrantes) e aí minha alegria se completou.

Depois de seis meses longe, vi minha esposa grávida de nosso segundo filho, já com a barriga bem grande e meu filho Iosi. Embora seis meses não fosse muito tempo, meu filho havia mudado: de um bebê sempre em fraldas, era agora uma criança bonita, já engatinhando.

Cheguei muito cansado, ruim do estômago e fui logo dormir. Embora desejando muito ficar com Fela e com meu filho, não pude fazê-lo, porque a ordem era colocar os homens, mulheres e crianças em quartos separados para evitar bagunça.

Depois de algum tempo dei razão a eles, pois o lugar era relativamente pequeno para abrigar a todos, e todos os dias chegavam novos olim (imigrantes). No dia seguinte, meu irmão Mosche veio me visitar e me transmitiu uma notícia trágica: meu primo Monick Greenwald, que fora me esperar em Haifa, caiu numa emboscada árabe e foi esfaqueado até a morte. Essa triste notícia abalou minha vida nos primeiros meses em Israel. Sobre meu primo vou tentar mais tarde fazer um capítulo à parte. Mas a vida continuava, e já nessa época (e infelizmente até hoje), a violência e a insanidade tomavam conta de todos.

Pouco tempo depois da minha chegada nasceu minha filha, Shoshana (Rosa), cujo nome escolhemos em reverência a minha mãe.

A Shoshana também nasceu em um hospital municipal, Hadassa, em Tel Aviv, e desta vez o parto já foi mais tranqüilo, sem complicações, além disso também não havia aquela expectativa do primeiro filho, que eu acredito que

quase todas as mulheres tenham. A Shoshana já era um bebê normal, com pele bem clarinha, sem cabelos e bonitinha.

Eu precisava, como pai de dois filhos, tomar alguma providência a respeito de trabalho e moradia. Os tempos na Palestina eram difíceis, com novos imigrantes chegando diariamente, o país em guerra contra árabes e ingleses, e o despreparo da agência judaica. Tudo isso causava falta de moradia e comida. Eu disse despreparo, mas hoje reconheço seu valor, sabendo de todas as dificuldades pelas quais esses nossos heróis passaram. Não fosse o dinheiro enviado pelos judeus do mundo, especialmente dos EUA, e o desprendimento de todo o povo, tanto os novos olim como os sabras (nascidos na Palestina), não conseguiríamos chegar a esse milagre. Sim, Israel é um milagre!

Ainda no Beit Olim arranjei trabalho numa metalúrgica, que de dia funcionava como oficina de tratores e de noite transformava os tratores em carros blindados e produzia armas (clandestinamente). Trabalhava no turno da noite, dormia de dia, e nos dias de folga ainda precisava ajudar na hagana (defesa paramilitar) fazendo a shmira (vigilância noturna). Já trabalhando, consegui com a Sochnut (agência judaica que era na época um tipo de governo) uma casa num pardes (laranjal). Eu tinha na época grande necessidade de ter um lugar só meu e de minha família, onde pudéssemos estar todos juntos.

Cheio de idéias e patriotismo, com o pronunciamento do Estado Independente de Israel, fui chamado a servir no exército. Assim, no dia 14 de maio de 1948 me alistei.

Hoje vejo quanta injustiça cometi com minha mulher e meus filhos, mas a onda e o entusiasmo me levaram a fazer isso, como aliás, aconteceu com todos. Acredito que hoje faria o mesmo.

Fui designado para a companhia de transporte de armas e comida, que tinha sua base não muito longe de casa. Por isso eu podia de vez em quando dar um pulo até lá para ver minha família.

Morávamos num pardes perto da localidade de Kiriat Matalom, na estrada de Tel Aviv (Petach Tikva). Dentro do pardes havia uma casa, parece-me que de um caseiro ou guarda. A casa tinha dois quartos e um banheiro. Para minha família era suficientemente boa nesta época. Havia um poço de água para irrigação do laranjal e também eletricidade, o que era raro na época.

Hoje, mesmo que me pagassem, eu não moraria lá, nem deixaria minha família, devido à segurança. A casa era isolada, sem vizinhos; podíamos pas-

sar dias sem ver uma viva alma. Eu estava no exército e só vinha duas ou três vezes por semana para casa, e a minha família ficava sozinha. Hoje não dá para imaginar tanta irresponsabilidade ou desprezo pela vida: lembro que meu filho Josef, sem saber falar direito, insinuava como ouvia tiros.... ("Bumm... Bumm...."). Morando lá, houve um tempo em que minha filha Shoshana ficou muito doente, com inflamação na bexiga, e eu tive que tirar licença no exército para ficar em casa cuidando do Josef, enquanto Fela ficava no hospital com Shoshana. Foi nesses dias que passei em casa que senti o drama do que é uma família, e o sacrifício que a Fela fazia para cuidar dos dois bebês naquele ambiente tão isolado de tudo e de todos. A única coisa boa é que estando no exército eu podia trazer comida para casa, até que razoavelmente suficiente para todos.

Mas no exército as coisas também não eram fáceis. A nossa companhia era encarregada de levar munição, peças de reposição para caminhões e tanques, etc., descarregar e carregar caminhões durante o dia, e ainda de noite fazer plantão como guarda do quartel. Lá também passei pela primeira vez na vida a usar armas e conhecer (aprender) a lidar com vários tipos de armamentos. No nosso regimento, havia gente de quase todos os países do mundo, judeus sefaradim da Turquia, Egito, Itália, Tunísia, Algéria e Marrocos, mas a maioria era de askenazim, sobreviventes do holocausto da Polônia, Romênia, Hungria e Rússia.

Era uma verdadeira Torre de Babel; os oficiais ou responsáveis (Achraim) eram sabras, descendentes dos judeus poloneses ou alemães, treinados na hagana e Palmach, vários recrutados da Legião Judaica, combatentes com ingleses na Segunda Guerra, idealistas e sionistas fervorosos. Embora falassem e entendessem todos os idiomas possíveis, não falavam outra língua senão o hebraico, Rak Ivrit (só hebraico), e soubemos depois que muitos de nossos soldados morreram por não compreender as ordens, como aconteceu na tomada do quartel Latrun. Ficou claramente entendido que precisávamos aprender a falar hebraico. Em vista disso, em cada unidade se criou um curso onde cada soldado tinha diariamente três horas de aula de língua hebraica. Em poucos meses começamos a nos entender e falar hebraico.

Depois da independência de Israel, os primeiros meses foram passados entre guerras curtas e semanas de tréguas ordenadas pela ONU. Na maioria dessas guerras ou combates conseguíamos conquistar mais alguma colônia ou cidade pequena. Acho que a história já descreveu bastante sobre essa heróica

luta do nosso povo, que, praticamente sem armas, conseguiu segurar cada palmo conquistado.

Vou descrever somente alguns episódios, dos quais participei pessoalmente. Falei que não havia armas para todos; por isso um soldado tinha uma escopeta, outro tinha um revólver, ou uma granada, ou um fuzil de cem anos de idade, ou uma carabina checa, já considerada moderna.

Em meio a esse tempo (isso foi em junho de 1948), os judeus argentinos conseguiram mandar um navio de nome Altalena, cheio de armas e munições, que gerou um episódio muito famoso, que passo a narrar: Do nosso lado, além da hagana (defesa militar) e Palmach (soldados profissionais) que eram o exército oficial do recém criado Estado de Israel, tinha também o Herut e o Stern (grupos terroristas judeus), que combatiam os ingleses, e eram dirigidos respectivamente pelo Menahem Begin e Yitzhak Shamir. As armas do navio eram enviadas pelos simpatizantes do Herut, um partido político. Mas, porque o grupo era semi-clandestino, a Hagana, que era governo, proibira o descarregamento das armas, atendendo a pedido da ONU, conforme o acordo estabelecido.

Fomos designados a descarregar, durante a noite, tudo o que tinha no navio, usando pequenos barcos. O meu destacamento estava estacionado num lugar denominado Beit Adom (casa vermelha), onde os caminhões já esperavam para levar as armas para os depósitos. Aconteceu que o Herut reivindicou as armas, alegando que eram deles, e então houve uma briga violenta em terra entre o grupo do governo (Hagana) e o grupo terrorista dos Herut. Infelizmente, o grupo do Hagana acabou matando um dos homens do Herut, causando uma grande polêmica em Israel. No dia seguinte, o governo de Ben Gurion mandou afundar o navio, conforme ordens da ONU, e o caso se tornou muito discutido na ocasião. Menciono este caso pois participei diretamente dele.

Outra participação minha foi numa patrulha que fizemos perto de Petah Tikva, na estrada que vai para Ramleh. Éramos oito pessoas, e de repente fomos surpreendidos por um comboio de carros blindados e tanques do exército iraquiano, que veio em ajuda aos palestinos. Nosso achrai (oficial) resolveu atacá-los. Posicionamo-nos para os dois lados da estrada e recebemos instruções de atacar somente com granadas, pois não tínhamos outras armas. Somente o oficial tinha uma sten (uma pequena metralhadora) de fabricação ca-

seira, que freqüentemente enguiçava. Havia no total uns dez caminhões com soldados, entre eles carros blindados e na frente estava um tanque com canhão. O tanque tinha o objetivo de proteger os outros, porque eles sabiam que não tínhamos armas anti-tanques. Deixamos passar o tanque e, com diferença de alguns segundos, jogávamos cada um duas granadas. A explosão de uma granada faz um barulho muito grande e para gente inexperiente, a explosão de mais ou menos 15 granadas, dá uma idéia de inferno.

Dois caminhões pegaram fogo, e os soldados pulavam dos caminhões fugindo apavorados. Tão apavorados que tiravam os pesados sapatos, para correr mais depressa. O tanque deu um tiro de canhão, mas não podia nos atingir, porque estávamos muito perto. Jogamos mais algumas granadas e os deixamos fugir porque não tínhamos armas e soldados suficientes para aprisioná-los. Com o barulho, vieram de Petah Tikva duas caminhonetes com mais soldados nossos. Voltamos triunfantes com o tanque, muitas armas, sapatos, caminhões e uns dez soldados iraquianos feridos.

Estive até o fim do ano de 1948 nessa unidade, e no começo do ano seguinte, nossa unidade passou para Saravant, um grande quartel construído pelo exército inglês, onde comecei a trabalhar como cozinheiro. Como eu já tinha experiência em cozinha, em Bocholt, na Alemanha, em pouco tempo me tornei o cozinheiro chefe. Isso melhorou bastante a minha vida particular, porque podia levar para casa comida, que na época era racionada. Nossa vida também mudou bastante, porque, nesse tempo, consegui receber uma casa popular por um preço razoável e para pagar em 15 anos. Assim, mudamo-nos para Kiriat Ono. Não estou escrevendo quase nada sobre minha vida familiar. Só posso dizer que foi um sacrifício para todos nós.

Eu e minha companheira Fela somos de uma geração muito sofrida. fomos surpreendidos como adolescentes pela Segunda Guerra Mundial, com todas as bestialidades possíveis, e logo depois encarcerados em campos de concentração sem saber por quê. Nós, sobreviventes, que não tivemos uma infância adequada, saímos de lá doentes, cheios de ódio e revolta contra o mundo dito "civilizado". Consequentemente, neuróticos, esquizofrênicos, e apesar de tudo, tentamos construir uma família. As perseguições se tornaram uma doença imaginária. Saímos dos campos para enfrentar a luta de ter um país nosso, onde não seríamos mais perseguidos; e foi preciso de novo pegar em armas, passar fome e medo dos terroristas. As pausas entre as guerras e armistícios

atiçavam os nervos que já estavam no seu limite: sempre esperávamos que o amanhã fosse declarado matzav hahem (estado de sítio), e isso afetou bastante nossa convivência familiar. Brigávamos por qualquer coisa, mas estávamos sempre juntos. Acho que, no meu caso, foi pela responsabilidade para com os filhos, do outro lado, não tivemos outra opção.

Essa situação nos causava muitos sofrimentos, porque em Israel, devido à constante guerra, não se tinha o que comer. Todos eram soldados e 70% do orçamento eram dedicados à defesa (armas, munições, etc...). O racionamento de comida estava terrível. Cada pessoa recebia um kg de carne por mês, três ovos por semana; cereais e frutas eram escassos, legumes quase não existiam. A única coisa que o governo subsidiava era pão e massas. Assim, trabalhando na cozinha do exército, eu podia trazer para casa um pouco de mantimentos, principalmente margarina, carne e legumes.

Trabalhava na cozinha por 24h, tinha 12h de folga e também fazia um curso de hebraico. Tive muita vivência e experiência por conviver com pessoas de várias culturas, principalmente com sefaradim e judeus de países árabes. Aprendi como a influência do colonialismo fazia parte da formação de cada povo. Por exemplo, as pessoas da Tunísia tinham mais cultura do que as da Líbia, os mais cultos eram do Líbano ou Egito e os mais atrasados e brutos eram de Marrocos e Iraque. Uma procedência especial eram os originários do Yemen. Gente simples, bonita, que saiu praticamente da idade da pedra para a civilização. Lembro-me de coisas simples que eles não compreendiam, como a saída de água de um cano: eles pegavam no cano e olhavam para dentro sem compreender o funcionamento; ou o interruptor que acendia a luz elétrica.

Kiriat Ono, o bairro popular onde conseguimos a casa, era distante mais ou menos 2km da cidade de Petah Tikva. No começo, precisávamos ir a pé para a cidade para comprar qualquer coisa, mas depois de alguns meses colocaram uma linha de ônibus com dois horários diários. Hoje, com a tecnologia e os transportes tão avançados, não posso entender como nós aceitávamos isso com tamanha naturalidade e até alegria. Quando voltava do quartel, tinha que ir de carona até Petah Tikva e de lá ir a pé até Kiriat Ono.

Telefone!!... Telefone não existia lá, mas vivíamos contentes com o que tínhamos: uma casa, um lar, uma família. Meus dois filhos eram minha alegria, meu motivo de viver, com todos os sacrifícios que a vida exigia de nós. Fiquei no exército de Israel de maio de 1948 até janeiro de 1950, e no último ano

trabalhei na cozinha. Isso ajudou bastante na vida financeira de casa, tanto que me inscrevi para ficar como cozinheiro após minha libertação, isto é, como militar profissional. Não me aceitaram, e assim fui desmobilizado em janeiro de 1950.

Neste ano, devido à maciça imigração de judeus do mundo inteiro, houve um enorme desemprego em Israel. Tentei trabalhar em qualquer coisa que aparecesse, mas havia dificuldades enormes para conseguir alguma coisa. Comecei a montar uma pequena oficina de encanador e serralheiro no quintal da minha casa. Eu tinha trazido comigo algumas ferramentas da Alemanha, principalmente um aparelho de soldar com carbureto e oxigênio; com isso consegui alguns trocados. Mas não era fácil, e comecei a passar dificuldades a ponto de faltar comida em casa. Além disso, veio o meu cunhado, Abraham, que ficou em casa algum tempo.

Depois de alguns meses procurei meu irmão Mosche, que trabalhava também como cozinheiro no exército, para ver se podia me ajudar em algum serviço, pois eu tinha bastante dificuldade para poder simplesmente sustentar minha família. Meu irmão Mosche ou Monieck, como nós o chamamos, nessa época também saiu do exército, mas conseguiu ficar mais algum tempo como profissional pago. Embora mais velho que eu, ele casou-se somente em 1950, quando eu já tinha dois filhos. A esposa dele, Lúcia, morava com o pai dela em Ashkalon e ele se mudou para a casa do sogro.

Ashkalon, era uma cidade povoada por árabes. Após ser conquistada por Israel, passou a ter casas vagas, abandonadas pelos árabes. Essas casas foram dadas aos novos imigrantes judeus, mediante aluguel simbólico. Conforme a Bíblia, foi nessa cidade histórica que Sansão, seduzido pela bela filistéia Dalila, derrubou o templo do deus Baal, morrendo nos escombros. Até hoje existem ruínas desse templo.

Bem, Monieck me aconselhou que me mudasse para lá, porque lá havia muito serviço para encanador e serralheiro e não havia profissionais, e ele me ajudaria a fazer um barracão-oficina no terreno do sogro dele, que dava para uma rua principal. Depois de muito hesitar, vendi a casa em que morávamos, e mudamo-nos para Ashkalon, onde abri minha oficina. Minha mudança, lembro-me até hoje, foi uma façanha.

Quando chegamos lá, não havia mais casas abandonadas, e me ofereceram uma construção, quero dizer: quatro paredes de blocos sem reboque, com

uma laje de concreto, sem piso. Essa construção havia sido um estábulo para camelos. Não tinha água encanada, nem luz elétrica.

Comecei sozinho a fazer uma reforma no estábulo, com o dinheiro que tinha da venda do shikun (casa) em Kiriat Ono. Levantei no meio paredes de blocos para dividir o estábulo, e assim construí um dormitório, sala, banheiro e uma pequena cozinha. De um vizinho, puxei a água encanada e a princípio usávamos um lampião de querosene para iluminar durante a noite.

Minha oficina começou a se desenvolver lentamente, e com o passar do tempo progredi bastante. Fazia um pouco de tudo, desde pedreiro, encanador, soldador, serralheiro e até consertava aparelhos elétricos. Trabalhava em média 14 horas por dia e com o tempo tornei-me conhecido nas redondezas de Ashkalon. Até a famosa construtora Solel Bone, que pertencia a Histadrut (sindicato nacional do governo) começou a solicitar meus serviços em Ashkalon e nas obras que iam até Bersheva.

Vou descrever algumas das obras que executei neste tempo: O governo de Israel realizou no inicio dos anos 50 uma grandiosa obra para levar a água desde o mar da Galiléia "kineret" até o deserto do Neguev. O governo planejava colonizar a área até Bersheva. Assim, no trajeto foram projetadas várias colônias e foi construída uma adutora de água que tinha mais ou menos 80 polegadas de diâmetro. A empresa Solel Bone, que fazia as obras, sub-empreitava trechos que iam da adutora até a respectiva colônia, (moshav). Assim, consegui pegar duas empreitadas dessas, para levar a água até o moshav, e distribuir em 50 casas de colonos. Era um trecho de mais ou menos 3km. Eu soldava os tubos desde a adutora até as casas, e deixava um registro de água na entrada de cada casa. A partir daí, o colono fazia a instalação interna. Os mistanenin (sabotadores árabes) quebravam e roubavam durante a noite os tubos grandes que eu soldava durante o dia. Eu precisava trabalhar, mesmo durante o dia, acompanhado de um ajudante e de um guarda armado. Além de muito perigosos, os serviços eram também penosos, pois eram realizados a uma temperatura de 40 graus.

Também somava-se o fato de não haver água potável no local. Por isso eu tinha que levar um latão com água para beber durante o dia. Mas, devido ao calor infernal, logo pela manhã a água já estava quente; sem outra opção, tomava essa água assim mesmo.

Trabalhava de domingo a sexta, às vezes até com ferimentos, como quan-

do queimei a mão ao fazer uma solda. Eu dormia durante a semana num kibutz próximo, e tinha condução para ir para casa somente às sextas e domingo. Hoje em dia é difícil compreender isso, por que as facilidades de transporte e a tecnologia chegaram a anular a frase: “Com o suor do teu rosto ganharas o pão de cada dia”.

Vivendo dessa forma tão sacrificada, Fela começou a se queixar do estilo de vida que nós levávamos, desde 1953. E com razão do ponto de vista dela. O raciocínio dela era o seguinte: ela ficava sozinha durante a semana, e quando eu voltava para casa estava tão cansado que só queria dormir, e para as crianças não havia futuro, porque o país vivia sempre em guerra e dificuldades. O racionamento de comida era cada vez mais duro e o clima quente e seco provocava doenças. “Esse país serve só para secar roupas”, ela falava e eu não tinha contra-argumentos. E assim começamos a observar o país com desgosto cada vez maior. Por exemplo, a Terra Santa e o povo judeu teriam que dar o exemplo de honestidade e boa conduta para o mundo. Ao invés disso, aconteciam roubos, assassinatos, prostituição, estupros, etc... como em todo o mundo. E nós pensávamos que isso não podia acontecer, porque a Terra e o povo eram escolhidos por Deus, para trazer luz para a humanidade. Por isso começamos a pensar em sair de Israel.

Percebemos que éramos iguais aos outros. E isso pudemos constatar quando o então primeiro ministro de Israel, Ben Gurion, ao saber que na rua Yarcon em Tel Aviv começaram a aparecer meninas prostitutas judias, disse: “Graças a Deus. Agora somos um povo igual aos outros “. Mas para mim e os meus, isso não podia ser, ou fomos ingênuos? Um judeu podia enganar, roubar, mas estuprar, vender seu corpo, matar simplesmente por matar, isso não! Mas aos poucos eu me convencia de que isso podia acontecer, sim. Apesar de todas as idéias nobres, somos iguais aos outros povos.

Estava amadurecendo a idéia de sair de Israel. Comecei a me informar sobre possibilidades, custos e também para onde emigrar, já que a maioria dos países não aceitava imigrantes. Cheguei a conhecer um macher (despachante), que me deu as dicas e condições para entrar nessa aventura.

Capítulo XIV

Retornando à Alemanha

Os documentos, vistos e passagens de navio até Marselha para nós quatro custavam mais ou menos dois mil dólares, o que era para mim muito dinheiro. Em Marselha teria que me virar por conta própria.

Na época eu trabalhava para o governo, e quando o engenheiro responsável soube que eu queria abandonar o serviço, criou todas as dificuldades possíveis para eu não receber os pagamentos pelos serviços já executados.

Eu programei minha viagem para o verão de 1953, porque seria difícil enfrentar o inverno na Europa, com dois filhos pequenos. Fela me estimulava muito, dizendo que não tinha medo de enfrentar dificuldades, porque confiava em minha vontade de trabalhar em qualquer ramo ou circunstância. Embora receoso, concordei em realizar mais essa fase difícil de minha vida.

A resolução não foi fácil, pois os filhos já freqüentavam a escola, e eu recebia muitas ofertas de trabalho. Também, eu já começava a ser reconhecido como bom profissional na região de Ashkalon até Bersheva. Mas a situação difícil do país e a nossa esperança de chegar até a América (EUA) e dar um futuro melhor para os nossos filhos pesaram bastante na decisão.

O plano consistia no seguinte: como a maioria dos países não aceitava imigrantes de Israel, o despachante arrumava para nós um visto de turista para a França. Em Paris, faríamos contato com um contrabandista, que nos colocaria num trem noturno para Munique, e lá deveríamos nos apresentar às autoridades alemãs como sobreviventes de campos de concentração. Isso nos dava o status de perseguidos do nazismo, e com isso tínhamos o direito de emigrar para outros países.

Comecei a liquidar tudo o que era vendável, inclusive meu direito de receber o que o governo estava me devendo. Consegui juntar um pouco mais de US$ 4.000 e com a metade disso paguei imediatamente a agência (despachante). E assim, em meados de setembro de 1953 me coloquei a caminho de volta a galut (exílio) na Europa.

Depois de cinco dias de viagem de navio, desembarcamos no fim do mês em Marselha. Ao desembarcar, fomos diretamente à estação rodoviária para pegar um trem até Paris. Ficamos com as malas, embrulhos, etc... até meia-

noite, na estação de Marselha, quando tomamos o trem. Chegamos no outro dia de tarde em Paris. Conforme informações que já tínhamos, eu deveria estar na Place Concorde, onde estava nosso contato. Assim, pegamos o metrô e sem falar uma palavra em francês, conseguimos chegar à Place Concorde, nos instalando num hotel barato nas vizinhanças da praça.

Exaustos da viagem, fomos dormir. No outro dia encontrei o contato no lugar determinado. Eu tinha que pagar a ele mais US$500 pela passagem e pela "vista grossa" do condutor de trem na fronteira franco-alemã. Com as passagens em mãos, no mesmo dia tomamos um trem que nos levaria até Munique. Tivemos que ficar fechados e quietos dentro de uma cabine, até o trem passar pela fronteira. E assim, depois de umas quinze horas de viagem e muitas aventuras, chegamos à estação de Munique.

Uma vez lá, seríamos conduzidos a um campo de refugiados, onde teríamos de esperar algum tempo para conseguir visto de imigrante para algum país. Chegando lá, soubemos que não aceitavam mais refugiados nos campos, e tampouco deixavam alguém entrar. Sem outras opções, ficamos na estação de trem em Munique, sem saber o que fazer.

Soubemos então que os novos refugiados estavam se abrigando numa sinagoga, e resolvemos ir para lá. Na sinagoga já havia muita gente, mais ou menos 40 famílias nas mesmas condições que nós. E qual não foi a nossa surpresa e desânimo ao sabermos que há mais de uma semana havia passado o dia D (stich-tag), de receber mais refugiados nos campos da UNRRA. Ficamos na sinagoga por muitos dias, dormindo no chão, supervisionados pelo rabino local, que era um homem santo, e vigiados discretamente pela polícia.

O convívio na sinagoga não era fácil. Havia gente de toda espécie, inclusive do submundo, em especial um açougueiro, que aterrorizava a todos, ameaçando-nos com um jogo de facas e estiletes. Vivíamos da ajuda do rabino e da coletividade judaica local. A situação piorava a cada dia. Conhecemos lá um rapaz de uns 30 anos, paranóico, perturbado. Nos momentos em que estava bem, revelou sua extrema inteligência, era conhecedor da literatura clássica. Mas, de um momento para outro, virava um bicho, gritando palavras incompreensíveis e rasgando a própria roupa. Soube depois, através do rabino, que o rapaz passou maus bocados nos campos de concentração e por isso tinha alucinações incontroláveis, o que me impressionou muito.

Numa bela madrugada, já no mês de novembro, fomos surpreendidos pelo

cerco da polícia na sinagoga. Algumas pessoas que queriam sair foram abordadas e presas, houve um distúrbio com uma senhora já de idade, que se atracou com agentes da polícia, gritando e xingando-os de SS e nazistas. Ela conseguiu feri-los e correu de volta para a sinagoga. Logo chegaram mais carros de polícia, repórteres, e se formou a maior confusão. Com a chegada do rabino e alguns líderes da comunidade local, começou a negociação. O rabino achou por bem chamar a força de ocupação americana para nos ajudar. A polícia alemã alegou que estávamos perturbando a ordem pública e quis prender todo mundo, só que estavam impedidos de entrar na sinagoga. Após horas de conversações, ficou acertado que os homens se entregariam para a polícia e as mulheres e crianças seriam transferidas para um sanatório e ficariam bem acomodadas até que se resolvesse o problema.

Criamos uma comissão, da qual participei, e concordamos com as condições apresentadas. Deixamos os documentos e os passaportes com o rabino e os homens foram presos e levados para a prisão central. Eu fiquei numa cela com mais um companheiro, e comecei a sentir o que era uma prisão. É muito diferente do campo de concentração, tanto pelo tratamento melhor quanto pela farta comida, mas senti bastante o isolamento. No segundo dia fomos levados diante de um juiz, que nos condenou a uma pena de 10 a 12 dias de prisão pela entrada ilegal na Alemanha, embora tivéssemos alegado que éramos sobreviventes dos campos de concentração. E no meu caso, tinha até um filho nascido na Alemanha, mas isso não convenceu o juiz, que me condenou a 12 dias de prisão e expulsão do país.

No outro dia soubemos pelos jornais que nosso caso teve uma repercussão mundial e também logo fui chamado como membro da comissão, para uma entrevista com militares americanos, jornalistas e um rabino do exército americano. Eles queriam saber o que estávamos fazendo naquele lugar e o que queríamos. Respondemos que queríamos emigrar para os Estados Unidos ou Canadá, e de jeito nenhum voltaríamos para Israel. Fizeram um levantamento de todos, e prometeram que nos ajudariam a emigrar. Depois de cinco dias voltaram, avisando que haviam conseguido vistos de entrada no Brasil para 18 famílias, 12 na Bélgica e 10 na Noruega. Cada um de nós fez sua opção, e eu optei pelo Brasil, pensando que, uma vez saindo da Europa, seria mais fácil para nós alcançarmos o lugar preferido (EUA).

Depois de sair da prisão, fui procurar minha família, que estava alojada

numa pousada fora da cidade.

Ao chegar lá, Fela veio me receber. As crianças estavam brincando num jardim de infância próximo, e chamei-os para vê-los, pois estava com muita saudade. Somente depois de muita insistência de Fela, Josef veio até mim, mas com tanta indiferença, dizendo apenas: "Oi, pai...", e na mesma hora virou as costas, saindo correndo para brincar novamente. Fiquei chocado, mas, enfim, percebi que, graças a Deus, Fela e as crianças estavam muito bem nesse local. Ficamos por mais duas semanas na Alemanha.

Capítulo XV

Rumo ao Brasil

Já com documentos e vistos para a entrada no Brasil, no fim de dezembro de 53 embarcamos no navio Louis Loumiere. Era um navio grande, de passageiros, que fazia a rota entre Europa e Brasil.

O sétimo aniversário de Josef foi comemorado no navio, exatamente quando passamos pela linha do Equador. Foi muito alegre, e até nos ofereceram uma festinha para comemorarmos, com bolo e tudo.

Durante a viagem procurei me informar sobre o Brasil. Eu só sabia um pouco sobre o país porque tinha lido alguma coisa muito vaga antes, e pelo pouco que havia estudado em Geografia e História Geral, na escola. No navio conheci uma senhora brasileira que passara férias na Alemanha, e através dela fiquei sabendo que existia uma grande comunidade judaica em São Paulo, já bem organizada e planejada. Os judeus já estavam construindo o hospital israelita Albert Einstein, e também já havia o clube A Hebraica. Ela me informou que havia várias sinagogas e escolas judaicas.

A viagem durou mais de 20 dias de Bremen até o Rio de Janeiro, onde o navio fez uma parada e desembarcaram algumas famílias. Desembarcamos no dia 20 de janeiro de 1954 no Porto de Santos. Toda a viagem era financiada pela Joint (organização de mulheres judias americanas) para refugiados judeus e assim um representante desta organização nos recebeu em Santos e nos encaminhou para um albergue para imigrantes no bairro do Brás em São Paulo. Cheguei no Brasil com ainda US$300 em três notas de cem, e isso era tudo o

que tínhamos. Para mim era um tesouro.

Durante a viagem recebíamos comida no navio e assim não gastamos nada. No desembarque em Santos nos deram sanduíches e chá-mate gelado. Logo em seguida providenciaram nosso embarque no trem de Santos a São Paulo. Fazia muito calor, e as crianças e nós mesmos tínhamos uma sede tremenda. Havia um bar no trem e cheguei a pedir água, mas não falava uma palavra em português.

Pela primeira vez na vida ouvi a expressão "está servido?", com que os brasileiros de todas as classes oferecem tudo o que têm a um estranho, sem esperar nada em troca. Até a marmita do almoço, que mal o alimenta, ele oferece. Esse fato nos chamou muito a atenção, pois não estávamos acostumados com essa hospitalidade. Isso jamais se vê na Europa. As pessoas que viajavam no mesmo vagão que nós ofereceram guaraná para meus filhos, e eu não sabia como pagar. Fiquei muito constrangido, pois não estava acostumado a receber nada de graça.

Chegamos a São Paulo, desembarcando na estação do Brás, e fomos encaminhados a um albergue de imigrantes. Ali ficamos por alguns dias, em situação nada agradável. A Joint e a comunidade judaica de São Paulo ofereceram para cada família um apartamento em diferentes bairros da cidade, e pagaram por três meses de aluguel. Depois disso, deveríamos "nos virar" sozinhos.

O bairro que nos foi oferecido chamava-se Santana, e nesse apartamento já havia alguma mobília. No dia seguinte, fui ao bairro do Bom Retiro, pois já haviam me informado que era nesse bairro onde viviam os judeus. Lá chegando, me dirigi ao pletzel (pracinha), onde os judeus se encontravam, e pude me comunicar em idishe com eles, indagando sobre tudo: trabalho, moradia, como trocar meus dólares, e modo de vida dos brasileiros. Perguntaram-me de onde eu viera, e ingenuamente respondi que viera de Israel. Em resposta tive que ouvir um belo sermão, me chamaram de traidor da pátria, etc. Tratei de trocar cem dólares e voltei para casa, contando a Fela o que havia se passado com os patrícios do Bom Retiro.

Resolvi procurar trabalho através de um jornal alemão que era vendido nas bancas. Para minha sorte (ou desgraça?), encontrei um anúncio que procurava um serralheiro e soldador. A oficina ficava no bairro do Cambuci,

oposto de onde eu morava. Informei-me sobre como chegar lá, e soube que precisava tomar dois bondes, sendo um do bairro de Santana até o Largo São Bento, no centro da cidade, e o outro que ia do centro até o Cambuci. Precisando economizar tudo o que fosse possível, e também devido à dificuldade da língua, eu entrava no bonde mas descia na parada seguinte, e tomava novamente outro bonde. Isso tudo sem pagar nada, o que causava certo desconforto, pois, quando eu percebia a presença de um cobrador, tratava logo de pular, mesmo com o bonde andando.

Por fim, com bastante dificuldade, consegui chegar até o endereço do anúncio. O dono da oficina era um alemão, o que me facilitava muito a comunicação. Expliquei minha situação de imigrante, ocultando minha origem judaica. Sem muita conversa, ele logo me contratou, pedindo que começasse a trabalhar no dia seguinte. Voltei para casa muito contente e surpreso por ter conseguido um emprego tão rapidamente.

Após um mês de trabalho, recebi meu primeiro salário, que era exatamente 1.800,00 cruzeiros. Fiquei perplexo, pois eu já sabia que o aluguel da casa onde eu estava morando era 2.700 cruzeiros. Quando comentei isso com o dono da oficina, ele me perguntou onde eu morava. Respondi que era no bairro de Santana, e ele riu, dizendo que eu estava morando num bairro de ricos, e que deveria mudar-me para um bairro afastado, onde o aluguel era bem mais barato.

Voltei para casa decepcionado!.... Não se podia viver nesse país trabalhando somente em uma empresa, pois o aluguel da casa superava o salário mensal.

No mesmo prédio em que morávamos vivia uma família que veio conosco da Alemanha, e que também estivera na sinagoga em Munique. Conversamos, e eles me deram a idéia de mudar da cidade grande (SP), onde fomos recebidos como traidores da pátria, me estabelecendo num subúrbio, sempre contando com a ajuda da coletividade judaica, e tentar um meio de sobrevivência mais digno.

Sabendo que em Santo André havia uma comunidade judaica maior, resolvi ir até lá para conhecer. Chegando lá, procurei estar na rua principal para reconhecer algum judeu. Vi uma senhora que, pela aparência, não podia negar ser judia. Aproximei-me dela, dizendo ser israelita, e perguntando sobre algum representante da comunidade. Ela me indicou uma loja em frente de onde

estávamos, e sugeriu que eu procurasse o Sr. Smojs.

Entrei na loja, apresentei-me, contei-lhe toda minha estória, e como havia chegado até ele. Antes de mais nada, ele me perguntou se eu estava com fome, mandando um funcionário comprar um sanduíche e um refrigerante para mim, atitude tipicamente brasileira. Pensei comigo: embora ele fosse um autêntico judeu polonês, eu havia encontrado uma alma caridosa, que acreditou em mim e na minha vontade de trabalhar, e pediu-me que voltasse no dia seguinte com toda a minha família, para almoçarmos na sua casa.

Voltei a São Paulo todo feliz e contei a Fela o acontecido. No dia seguinte, nos vestimos com nossas melhores roupas, deixando as crianças bem bonitinhas e arrumadinhas, e fomos para o tão esperado almoço. A família dele mostrou-se encantada com a educação e os bons modos dos nossos filhos. Então, logo após o almoço, o Sr. Smojs levou-me para falar com outro dirigente da comunidade local, que me recebeu muito bem.

Com a ajuda deles e da coletividade local, aluguei uma casa no centro de Santo André por mil cruzeiros a menos que em São Paulo. Orientado por eles, aluguei um pequeno espaço e montei uma modesta oficina de serralheiro e encanador, perto da casa onde morávamos, e comecei a trabalhar até tarde da noite. Tanto que os vizinhos começaram a se queixar do barulho, e com toda razão.

Eu fazia de tudo: consertava aparelhos elétricos, soldava coisas de ferro quebradas, confeccionava vitrôs, janelas, etc. Fiquei alguns meses tentando ganhar meu sustento, mas a coisa não era fácil. Mesmo trabalhando quatorze horas por dia, era difícil sustentar a família com o que eu ganhava. Então Fela engravidou novamente, e resolvemos ter mais um filho para nos trazer mais sorte e alegria.

Santo André era para mim um novo laboratório da vida. Meus filhos estavam na idade escolar, e a primeira coisa que fizemos foi inscrevê-los na escola, logicamente pública. Em pouco tempo eles já começaram a falar português, enquanto eu e Fela capengávamos na difícil aprendizagem da língua portuguesa. Lembro-me de coisas impossíveis de compreender, como por exemplo a palavra "borracha". Fui comprar uma mangueira para gás e, com meus conhecimentos de vários idiomas, tentei explicar para o vendedor que queria um tubo de "gumi", como é chamada em várias línguas a borracha. Em hipótese alguma o vendedor me entendeu, e ao final desisti sem poder comprar a coisa desejada.

O meu total desconhecimento da língua me obrigou a conviver com a comunidade judaica local, e assim conheci os líderes da comunidade, Sr. Idel Waisberg, Daniel Yantevi, Boris Betis e outros.

Mesmo pagando mil cruzeiros a menos de aluguel, ainda assim era difícil ganhar essa quantia. Após alguns meses, mudamo-nos para um cortiço onde pagávamos 600 cruzeiros mensais de aluguel. Neste tempo, por insistência e conselhos da comunidade, especialmente o Sr. Smojs, fechei a oficina e comecei a vender roupa de todo tipo à prestação nos bairros pobres da cidade.

Capítulo XVI

A Profissão de Mascate

Tornei-me um "clientelchic", ou mascate, contra meu desejo, porque parecia que eu estava indo pedir esmola. Mas...para que eu ganhasse mais ou menos 2.500 cruzeiros por mês, era preciso trabalhar 14 horas por dia martelando e soldando ferros, sendo que, quando fui para rua vender roupas, no primeiro dia já havia ganho hipoteticamente 1.000 cruzeiros. Assim, fiz a seguinte conta: trabalhando 25 dias no mês, poderia ganhar 25.000 cruzeiros, o que era para mim uma fortuna. Isto na teoria, porque na realidade a coisa era bem diferente, mas de qualquer forma eu ganharia muito mais do que soldando ferros numa oficina. E sem outras oportunidades, simplesmente me tornei um mascate.

O ano de 1954 foi um ano de muitas incertezas para nossa família, tivemos que mudar de casa várias vezes, devido ao alto custo do aluguel, e a adaptação a uma nova realidade de vida, num país desconhecido, com uma língua totalmente diferente para nós. Enfim tentávamos de todas as maneiras nos adaptar, e foi em meio a esta adaptação que Fela acabou ficando gravida. Não planejamos esta gravidez, devido as tantas dificuldades do momento, porém quando aconteceu pensamos que talvez esta criança viesse melhorar nossa vida. E então em 16 de março de 1955 nasceu Paulina. Seu nome foi dado em homenagem à avó materna. Nasceu prematura, com oito meses, pesando um quilo e oitocentos gramas, e tivemos que deixá-la na estufa do hospital em São Paulo, até que completasse dois quilos.

Após alguns dias, fui até o hospital saber como ela estava, e me avisaram que já podia levá-la para casa. Totalmente despreparado, coloquei-a debaixo do meu paletó para aquecê-la e a levei para casa, de trem, pois morávamos em Santo André.

Devido a escassez de dinheiro em casa tínhamos que dar prioridade para a alimentação e as necessidades mais urgentes do dia-a-dia, e com isto acabamos deixando de lado a compra de um berço para Paulina; quando cheguei em casa é que vimos que não tínhamos onde acomodá-la, mas como tudo nesta vida, demos um jeito. Contando ainda com a ajuda da comunidade, pudemos criá-la da melhor forma possível. Ela era uma criança muito linda.

Nessa altura do campeonato eu já estava firme no trabalho de mascate; tinha de encarar essa dura realidade porque isso dava dinheiro suficiente para sustentar a família com 3 filhos. Estava também em contato direto com o povo, com quem aprendi devagar a compreender a língua e os costumes do país. Logo vi que esse povo despreocupado com o futuro vivia dia após dia, só pensando em carnaval, dançando e torcendo por um clube de futebol. Compravam de tudo, pagando em prestações suaves. Assim eu podia ganhar bem, porque eles não se preocupavam com os preços.

Algum tempo depois recebemos a tão esperada indenização pela época de vida passada nos campos de concentração da Alemanha. O governo alemão estava concedendo, a todos aqueles que provavam sua passagem pelos campos, indenizações com valores estipulados conforme a gravidade das seqüelas causadas pela guerra. Para nós foi concedido o valor mínimo, porém, retroativo desde 1945. Esses dez anos de indenização formaram uma soma considerável, que chegou em boa hora.

O negócio de mascate era naquele tempo, desde muitos anos anteriores, um oficio natural para quase todos os imigrantes judeus e árabes, tanto que chamavam a todo mascate de "turco". Os árabes vieram antes da primeira guerra mundial para o Brasil. Nessa época, o Oriente Médio era ocupado pelo Império Otomano (Turco). Então, como todo árabe tinha passaporte turco, a população chamava pejorativamente de "turco" todo mascate. Ninguém se ofendia com isso, porque era a única maneira de ganhar com relativa facilidade o sustento diário, ainda sem o domínio total da língua.

Com o dinheiro recebido da indenização da Alemanha comprei um lote de terreno, num bairro próximo ao centro de Santo André, pensando em construir

lá uma casa para morar, pois com o tempo, eu já concluíra que a principal despesa da família era o aluguel. Continuei mascateando e aprendi devagar a língua portuguesa falando, lendo jornais e, é claro, com o convívio com os filhos, que só falavam português.

O negócio de mascate estava prosperando tanto que, após certo tempo, comprei uma charrete com cavalo para poder vender em lugares mais distantes, sem precisar carregar as malas com roupas. O dinheiro da indenização me ajudou a comprar um estoque maior de mercadoria, que valorizava com a inflação que, por pequena que fosse, já existia naquele tempo.

Em 1956 apareceu uma oportunidade de alugar uma casa boa, oferecida pelo Sr. Idel Waisberg (líder da comunidade). A casa ficava em frente a escola que meus filhos freqüentavam, e o aluguel era razoável. Assim pude melhorar o conforto da família. Trabalhar nunca me assustou, e assim seguia pelas ruas, a vender, nos 30 dias no mês, 12 horas por dia. Economizava o máximo possível sem me dar ao luxo de tomar um refrigerante sequer; comia qualquer coisa e, já que tinha charrete, podia voltar para casa para almoçar, economizando ainda mais. Com o passar dos anos troquei a charrete e o cavalo por um carro velho, nada menos que um Ford Bigode 1929, que me ajudou ainda mais a expandir os negócios, entrando também no ramo de móveis e colchões.

Prosperando, ajudei a trazer de Israel para o Brasil minha prima Sônia, o marido e duas filhas. Eles moraram conosco por algum tempo, mas logo compraram uma boa casa no centro de Santo André. Eu os induzi a começar a mascatear e, em pouco tempo já andavam “com as próprias pernas”.

Em 1957 novamente ajudei a trazer de Israel outras pessoas, desta vez meus cunhados Abraham e Míriam e seus dois filhos, Pnina e Yehoshua. Eles também se hospedaram em minha casa nos primeiros tempos no Brasil, e também ensinei-os a trabalhar na rua, vendendo roupas. Em pouco tempo conseguiram se fixar, mascateando. Graças a Deus sempre pude ajudá-los.

Em 1958, novamente com a ajuda do Sr. Idel Waisberg comprei uma casa, em prestações, colocando no negócio o terreno que havia comprado anteriormente. Assim realizei meu sonho de ter uma casa própria, para mim e minha família. O negócio de vender roupas a prazo nos bairros continuava, e ainda é, um bom negócio, mas este tipo de trabalho nunca foi do meu agrado. Eu sou um profissional de construção, um trabalhador braçal, e vendas não era o meu

forte. Fazia este trabalho com má vontade, mas sabendo que só assim poderia sustentar minha família. Trabalhei com muito afinco, e economia de um miserável, não gastando nada supérfluo. Consegui, com o tempo (1960), reformar a casa que havia comprado, fazendo uma loja embaixo e moradia em cima.

Instalei uma loja de móveis na loja construída e continuava a vender à prestação na rua, mascateando também móveis, no mesmo sistema. Muitas pessoas dizem que tenho dom e carisma, o que faz com que as pessoas gostem de mim, e que isso inspira confiança na minha pessoa. Parece que é realmente assim... Que bom!!

Então, quando comecei a vender móveis, entrei em contato com fabricantes (indústria moveleira) de São Bernardo e, com esse meu dom, conquistei a confiança de vários fabricantes, que por sua vez abriram crédito para eu vender os móveis diretamente da fábrica. Dessa forma, o volume do negócio e as respectivas vendas aumentaram bastante. Sempre trabalhando e economizando, melhorei bastante minha situação financeira.

Em 1961 Fela ficou doente, com bronquite asmática, e essa doença começou a prejudicar nossa vida em geral, tanto no relacionamento como na vida financeira. Com os gastos com médicos, remédios e também a assistência que precisei prestar a minha esposa, os negócios começaram a decair. Precisei hipotecar a casa para enfrentar as dívidas adquiridas, e logo depois fechei a loja de móveis e aluguei o ponto para ajudar um pouco nas despesas.

A doença dela complicou bastante a minha vida, porque, além dos negócios, precisei me dedicar aos cuidados dela, especialmente em levá-la a médicos e outros lugares. Até agora escrevi quase que exclusivamente de mim sem mencionar a família e a minha vida afetiva.

Capítulo XVII

Minha Família

Minha vida afetiva: Será que eu a compreendi durante todos esses anos? Entrei ainda adolescente numa guerra, justamente em campos de concentração. Logo ao sair da guerra, meu ideal era constituir uma família, ter mulher e filhos, mas.... os acontecimentos e a realidade da vida foram outros. Sem orientação e com o desejo sexual natural desta idade, eu queria me casar rapidamente. Penso até que queria recuperar os anos perdidos da minha juventude.

Eu era totalmente inexperiente e naquele tempo era praticamente impensável ter relações sexuais com uma moça sem se casar com ela. Assim, me apaixonei por Fela, uma menina bonita, esperta e muito rígida nos costumes. A solidão, a carência afetiva, e o desejo de construir uma família me fizeram casar o mais rápido possível.

Hoje eu penso que todos nós, sobreviventes, éramos perturbados mentalmente. E éramos mesmo! Os horrores da guerra e o holocausto deixaram em cada um de nós uma marca: em alguns mais, em outros menos. No meu caso, penso eu, a marca foi menor, e talvez em Fela tenha sido um pouco mais forte. Creio que, nos primeiros anos da nossa convivência, eu tenha cuidado da família mais pelo instinto do que pela razão e coração. Com o passar dos anos, vim a perceber que tudo aquilo não era amor.

Quem sou eu para desenvolver a filosofia do amor? Mas sinto que me faltou, por parte dela, companheirismo, dedicação e principalmente compreensão para minhas fraquezas. Faltou também o reconhecimento das minhas grandezas, embora tivesse uma base cultural que me ajudasse a compreendê-la nesse sentido, devido às leituras e à lição cruel da sobrevivência. Devido a esses acontecimentos, meu coração não estava suficientemente preparado para dar a ela todo o amor que havia dentro de mim. E, por parte dela, menos ainda.

Creio que, por causa das neuroses da guerra, ela não conseguiu me conquistar com amor, tentando me atrair com chantagens emocionais.

Passamos os primeiros anos do nosso casamento sempre brigando, na maioria das vezes por nada. E foi assim durante os 37 anos em que estivemos casados. Para meus filhos procurei dar, desajeitadamente, todo meu afeto.

Espero que eles reconheçam isto um dia. Sei que deveria ter dado mais, pois meu coração ansiava por eles. Mas a vida cotidiana não me permitia, e eu sofria inconscientemente com isso.

O dia-a-dia, e talvez a vontade de sair de casa me levaram a procurar outras opções de trabalho para minha vida. Tentei viajar com meu carro para o interior deste imenso país que é o Brasil e vender roupas por atacado Acho que isso era uma fuga, mas durante o tempo em que viajava (quase 2 anos) aprendi muitas coisas, além de conhecer o país e povo do interior, que era muito diferente da capital. Talvez as pessoas das cidades grandes, pelas dificuldades da sobrevivência, tenham se tornado mais frias e egoístas.

Encontrei nessas viagens pessoas que me ajudavam, nem me deixando trocar o pneu quando furava. Pessoas que me levavam para dentro de suas casas me oferecendo comida, carinho e amizade. A riqueza do interior me impressionou bastante. Viajava horas e dias vendo terras sem fim, mal cuidadas, mas que com sua fertilidade devolviam para o povo mais que o pão de cada dia. Vi imensos rebanhos de gado, rios e águas por todo lado. Enfim, este país rico e explorado por poucos, em prejuízo da grande massa.

Outros povos (raças) que se instalaram no meio dos nativos, como italianos, japoneses e árabes, com seu maior conhecimento do mundo, souberam explorar melhor a terra, fazendo melhores negócios e desta forma trabalhando muito mais do que os brasileiros, tornando-se ricos.

Por várias vezes levei meus filhos comigo nestas viagens, para que tivéssemos um maior contato. Mas, apesar de toda minha boa vontade, percebo que não consegui transmitir-lhes todos os sentimentos, conhecimentos e todo amor que tinha e tenho por eles.

Acho que vou precisar reescrever todo este meu diário ou, como chamo, minhas memórias. Estou escrevendo passagens da minha vida, que é muito rica em acontecimentos.

Ao relatar minhas lembranças, me perco nas palavras e nos fatos, pois relembrar o passado me deixa perturbado e revoltado. Relendo algumas páginas, vejo que deixei de fora muitas coisas importantes

Voltemos às minhas viagens ao interior. O sacrifício era grande, eu ficava fora de casa por uma semana ou mais, vivendo praticamente na estrada, sem grandes vantagens financeiras. Após dois anos viajando, voltei a pensar em fazer outras coisas. Tentei então trabalhar como corretor de imóveis numa

imobiliária em São Paulo.

(É abril de 1996. Tenho agora uma vontade louca de acabar de escrever minhas memórias, com medo de que possa morrer sem terminá-las e deixá-las para que meus descendentes, ao lê-las, possam lembrar sempre das lições de minha vida).

Através de um anúncio de jornal encontrei esse trabalho. A imobiliária chamava-se Sana, e seus donos eram Manoel Sanches e Aldo Canoni. Como corretor, eu tinha de ter carro, para levar clientes aos imóveis, mostrar-lhes e eventualmente convencê-los a comprar. Eu ganhava somente a comissão da venda dos imóveis, isto quando vendia, e as despesas ficavam por minha conta, inclusive o combustível do carro.

Hoje estou certo de que esta profissão só era boa para quem tinha alguma renda, e esse não era o meu caso. A venda de um imóvel podia demorar um mês ou mais, e enquanto isso eu precisava de dinheiro para comer e sustentar minha família, com uma mulher doente e três filhos. No entanto, consegui agüentar, com muitas peripécias, quase dois anos nesta profissão, mas não deu certo. Com o passar do tempo, tive que voltar à antiga profissão: mascate. Porque sempre foi um ganha-pão mais fácil para quem não tinha capital para começar seu próprio negócio.

Sempre trabalhando com vendas de roupas e móveis, em 1964, com algumas economias, resolvi comprar um apartamento em construção (na planta) da construtora Adolfo Lindenberg, para investimento. O apartamento seria pago mensalmente, durante a sua construção. Cada prestação era paga com enorme dificuldade, mas fiz mais este sacrifício, pensando que, pagando devagar, em alguns anos eu teria um imóvel de grande valor, num dos lugares mais badalados de São Paulo. Agora, já com camioneta própria, os filhos já adolescentes me ajudavam um pouco. A vida, com muitos contratempos e dificuldades, além da doença de Fela, fluía quase que normalmente.

Em 1966, após pagar por quase dois anos as prestações do apartamento comprado, constatei que a construtora não havia nem começado a construir. Os pagamentos mensais, feitos com tantas dificuldades, me enervaram bastante. Um dia, ao pagar a mensalidade no escritório da construtora, desabafei violentamente, xingando e me queixando do não cumprimento das condições prometidas pela mesma. O corretor me chamou de lado, querendo me acalmar, explicando que nesses empreendimentos as coisas são assim mesmo, mas

com algum atraso o apartamento sairia. Não fiquei muito convencido. Então o corretor me aconselhou a vender minha parte, pois, se eu continuasse assim, teria um ataque do coração. Concordei com a venda à vista, calculando que, recebendo o que já havia pago, cerca de US$ 9.000,00, eu poderia fazer um outro negócio. Passados alguns dias, o corretor me ligou dizendo que tinha um comprador para o apartamento, e que oferecia US$ 5.000 à vista e mais 3 parcelas de US$1.500 mensais. Aceitei e fechei o negócio, pois achei uma boa proposta, e foi com esse dinheiro que dei inicio a minha vida como construtor de casas.

Capítulo XVIII

O Tempo das Construções

Em poder do dinheiro, procurei o meu amigo Sanches, dono da imobiliária, para me ajudar a comprar um terreno. Estava iniciando meu sonho de construir casas. Comprei um terreno na rua Luís Góes (Vila Mariana) e comecei minha primeira construção, erguendo dois sobrados geminados.

Mas continuava a vender roupas, mascateando, e investia os lucros na construção. A obra estava crescendo, e eu me realizando, vendo a cada dia mais uma parte construída. Comecei devagar a conhecer na prática a profissão de construtor. Embora em quase toda vida, eu atuasse em construção, como encanador e serralheiro, aprendi todos os detalhes do oficio trabalhando junto com os pedreiros. Falei “todos”! Ainda hoje, depois de muitos anos, estou aprendendo a cada dia novas coisas. Uma das principais habilidades dessa profissão de construtor é saber lidar com os operários. Assim como todas as profissões, essa é uma arte; e arte maior é lidar com esse povo. Todos sabem que brasileiro tem alma boa, é despreocupado com o futuro e irresponsável com gastos, sempre estando sem dinheiro. Eu já sabia disto desde quando vendia roupa nas ruas, mas nessa época conheci na própria pele essa irresponsabilidade.

A maioria queria ganhar sem se dedicar completamente ao trabalho, e eu, não agüentando isso, trabalhava junto com eles, cuidando para evitar desperdício de material. Eu ficava catando metade de tijolos, massa que jogavam fora,

etc... Não que eles fizessem isso de propósito, mas, a meu ver, devido à facilidade com que a natureza os compensava, eles nem pensavam em economizar material, quebrando e destruindo, principalmente madeiras. Tentei explicar que a floresta é nossa vida, e que uma árvore demora vários anos para crescer, não podendo por isso ser cortada "a torto e a direito", mas... foi pura perda de tempo!!

Eu tinha vários problemas com funcionários, mas aprendi a superá-los e compreendi que isso eram "os ossos do ofício". Sempre ficando "em cima" e trabalhando junto, comecei a entender cada vez mais a mentalidade e a alma dessas pessoas. Respeitando seus costumes e pagando pontualmente salário justo, ganhei o respeito e, porque não dizer, a admiração dos "baianos".....Baianos sim, pois a maior parte dos trabalhadores na construção era de nordestinos. E, como a maioria era do Estado da Bahia, chamavam-se a todos de "baianos". Com o tempo formei uma equipe que me acompanhou por muitos anos de construção.

Os primeiros sobrados estavam quase prontos, mas meu dinheiro estava acabando. Por experiência própria, eu sabia que emprestar dinheiro era bom para o banco, mas não para quem tomava emprestado. Por isso, diminuí o ritmo da obra, e pedi para corretores amigos que forçassem a venda dos sobrados, ainda não completamente acabados.

Com meu dom carismático fiz muitos amigos entre os corretores. Um deles, o Sr. Penteado, que ia se casar em breve, me fez uma proposta de compra de um dos sobrados: ele me daria 6.000 cruzeiros (dinheiro da época) de entrada e os 36.000 cruzeiros seriam pagos através de empréstimo da Caixa Econômica. Após pensar muito e me aconselhar com Sanches, aceitei a proposta. Com os 6.0000 cruzeiros restantes iniciais daria para acabar as casas, e o restante, que normalmente demorava de quatro a cinco meses para ser liberado, seria empregado na construção de outras casas.

Em casa a situação não era tão boa como eu gostaria. Eu ainda morava em Santo André, e, com essas idas e vindas a São Paulo, não me sobrava muito tempo para a família, a doença da Fela (asma) me deixava muito aborrecido e nervoso, porque eu não podia ajudá-la. Era terrível vê-la sofrer com as crises freqüentes, lutando por falta de ar. Aprendi a aplicar injeções porque as crises se prolongavam noite a dentro, mas isso não ajudava em nada minha vida afetiva. Eu tinha de engolir e agüentar suas ofensas, quando ela me dizia que eu estava

contente, esperando a morte dela.

Com tudo isso, meus filhos, já adolescentes, procuravam fazer a vida deles, quase sem minha participação. É claro que sabia quase tudo o que eles faziam e estudavam, mas acho que não consegui influenciar muito, nem dar-lhes o que queriam, como mais amor paternal, mais participação na educação, mais conhecimento da vida judaica.

Com esses desacertos na minha vida, me enterrei no trabalho (construção) e não percebi quando meus filhos começaram a freqüentar outros ambientes e ter amigos fora da sociedade judaica. Quando me dei conta, meus filhos Josef e Shoshana já tinham um círculo de amigos e namorados fora da coletividade. Descobrindo isso fiquei assustado. Embora eu tenha sido sempre muito liberal e extremamente anti-racista, minha consciência judaica e meu medo de que um não-judeu pudesse maltratar meus filhos, e até levá-los a outra crença (religião), era para mim insuportável.

Eu sempre vivera num ambiente e educação judaicos. Até minha saída de Israel, um goi (não-judeu), a meu ver, desprezava os judeus. Com os acontecimentos do passado (holocausto), eu pensava que todos os povos do mundo tratavam a nós, judeus, como assassinos de Cristo. E que, numa briga entre familiares de raças diferentes, os outros sempre jogariam isso "na cara" dos judeus, e mais outras coisas odiosas. Somente mais tarde vim a perceber que, com o nascimento do Estado de Israel, os judeus de todo mundo e principalmente nos países que não tinham uma tradição anti-semita, eram tratados de forma muito diferente. Antes as pessoas escondiam suas origens (descendência) e agora pronunciavam abertamente, e até com orgulho, que eram judeus. Mas, voltando à narrativa, quando soube que minha filha tinha um namorado não-judeu, tratei, embora com grandes dificuldades, de enviá-la para Israel.

Nesse meio tempo, o meu amigo Sanches, com quem eu trabalhara como corretor, me fez uma proposta de sociedade. Graças a Deus, meu comportamento honesto, principalmente em questões econômicas, sempre me dera credibilidade nos meios em que eu freqüentava. E eu sempre alegava, e até hoje tenho certeza disso, que não importa o quanto se ganha, e sim o quanto se gasta. Então Sanches, que havia acompanhado a construção e venda dos sobrados, e sabia que eu estava esperando o restante do dinheiro, me disse: "Arie, eu tenho um dinheiro guardado, mas como sou gastador, como todo bom brasileiro, quero fazer uma sociedade, construir casas com você". Então acei-

tei, pois eu também não tinha planos sobre o que fazer naquele momento.

Abrimos uma conta bancária conjunta com o dinheiro que ele tinha, com a finalidade exclusiva de construir. Assim, em 1967 iniciamos nossas obras. Compramos um terreno na Rua Dr. Barcelar, na Vila Mariana, e começamos a construir com esse dinheiro, e, contando com o saldo que eu tinha a receber da venda dos sobrados, vimos que daria para acabar as construções. Essa sociedade com ele durou quase 14 anos.

Na nossa primeira obra fizemos dois sobrados. Com a experiência que eu já tinha adquirido, dispensei empreiteiros que ganhavam só reempreitando serviços para outros. Assim consegui baratear bastante o custo da construção. Estava sozinho comprando o material, trabalhando e dirigindo as obras. Eu era engenheiro, mestre-de-obra, pedreiro, encanador e tudo mais, logicamente contando com a ajuda dos outros empregados. Eu dirigia uma turma de dez a vinte pessoas. Com o dinheiro que recebi como término do pagamento dos primeiros sobrados, acabamos as casas e compramos outros terrenos. Sanches, que era dono da imobiliária, fazia de tudo para vender em primeiro lugar as nossas construções.

A nossa vida financeira melhorou bastante, e, trabalhando muito, deu para construir e vender quatro casas em um ano.

Essa profissão me proporcionava grande satisfação e prazer. Tomei tanto gosto pela coisa, que chegava a discutir com os engenheiros sobre a arquitetura das casas e a forma de construção, pois eu já conhecia o gosto dos clientes com relação a cada tipo de casa. Com o conhecimento que o Sanches tinha sobre as áreas de São Paulo, pudemos comprar bons terrenos, e principalmente, em bairros e localidades mais procurados. Fazíamos assim ótimos negócios imobiliários.

Em 14 anos consegui construir 64 casas, e nos últimos anos só construía casas de alto padrão, com piscina e jardins trabalhados.

Sempre quando acabávamos uma construção, parávamos um mês, e foi assim que tive tempo de viajar e conhecer o mundo.

Nesses tempos, já com uma condição financeira melhor, e temendo sobre o namoro de Shoshana com um rapaz não-judeu, decidi mandá-la para Israel, acompanhada da mãe, na esperança de que lá ela conhecesse outros rapazes judeus, podendo assim ter no futuro um marido que pertencesse à nossa comunidade. E, segundo as cartas que eu recebia delas, as coisas se encaminha-

vam conforme o esperado.

Shoshana começou a estudar e também a trabalhar na profissão dela (química) em dois lugares. Eu tinha a consciência um pouco pesada, porque havia interferido num amor talvez verdadeiro e profundo. Mas com o tempo recebi notícias de que ela estava namorando um rapaz sério, de família sefaradi muito conceituada. Fela ficou com ela em Israel por mais de seis meses, e voltou para o Brasil quando Shoshana já estava noiva. Enquanto isso eu estava muito ocupado com as obras, e, na falta da Fela, eu tinha também os afazeres da casa. Eu cozinhava e limpava a casa, porque Josef já estava fazendo faculdade, e Paulina estava na escola, podendo me ajudar muito pouco. Não havia outro jeito!

E, pela primeira vez, após 15 anos, retornei a Israel para o casamento de Shoshana com Avraham. Ela se casou no dia 25 de dezembro de 1968, uma cerimônia tipicamente judaica sefaradi. Havia muitos convidados, porém a maioria deles pertencia à família dele, que era muito grande. De minha parte, só estavam meu irmão e meu cunhado Haim com suas famílias.

Foi com enorme satisfação e alegria que conduzi minha filha para Chupã.

Estando há aproximadamente um mês em Israel, aproveitei a oportunidade e conversei muito com Shoshana e o marido. Avraham era bancário, com salário baixo e pequenas chances de crescer no trabalho. Como eu já estava bem encaminhado no ramo da construção e com relativa estabilidade financeira, convidei-os para vir morar no Brasil, onde, logicamente, com a minha ajuda, poderiam começar vida nova.

Assim, eles vieram comigo de avião para o Brasil; me lembro que fizemos conecção em Roma e que fazia muito frio naquele ano; era o mês de janeiro.

Eles moraram conosco por quase um ano, Shoshana ficou gravida logo após o casamento e em outubro de 1969 nasceu Lina, minha primeira neta.

Durante o ano de 69, o Bero (seu apelido) tentou se adaptar no Brasil, não foi tão difícil para ele aprender a língua portuguesa, porque falava francês, mas sua adaptação no trabalho não teve muito sucesso, por isso no inicio de 1970 voltaram para Israel, onde ele novamente assumiu o trabalho no banco, tentando desta maneira arranjar a vida em Israel.

Em 1971 Shoshana ficou gravida novamente, e em outubro daquele ano, num parto difícil, nasceu o Victor. No Brit do Victor compareceram da minha família, apenas meu irmão Moshe e o irmão da Fela, Haim.

Impossibilitado de ir, pois estava terminando a construção de uma casa, resolvi mandar Paulina para ajudá-la e logo após a conclusão do trabalho, eu e Fela também seguimos para Israel. Quando chegamos em Batyam encontramos Shoshana e o bebê muito frágeis. Me lembro que saí para comprar carne de fígado para fazer uma comida mais forte para ela; naquela época a carne era e até hoje é um produto muito caro em Israel. Fiquei algum tempo com eles até que Shoshana se recuperasse e depois seguimos nossa viagem com Paulina.

Deixamos para eles uma porta aberta, se acaso quisessem voltar para o Brasil, devido às condições tão ruins em Israel. Foi quando eles resolveram tentar mais uma vez viver no Brasil, retornando em 1973 com os filhos Lina e Vico.

Os anos estavam se passando e eu me aprofundando cada vez mais em construções. Estava elaborando plantas cada vez mais arrojadas, e me arrependendo sempre de não ter feito um curso de engenharia civil. Trabalhando na construção eu me realizava, e além disso o negócio era lucrativo. Assim podia uma vez por ano viajar para o exterior e me dar ao luxo de trocar o carro a cada dois anos.

Capítulo XIX

As Viagens

A primeira viagem que fizemos foi a viagem dos meus sonhos. Começamos por Los Angeles e passamos por São Francisco, Hawai, Japão, Hong-Kong, Tailândia, Singapura e Bali. Foi uma viagem fascinante, porque eram lugares totalmente desconhecidos por nós. Na volta ainda visitamos os parentes no Canadá e Estados Unidos.

Passamos a visitar Israel e alguns países da Europa todos os anos. Devido a muita leitura e estudo na época escolar, eu sabia muito sobre o Egito. Numa dessas viagens a Israel, fui àquele país, visitando tudo aquilo que eu tinha na memória das minhas leituras e sonhos.

Por saber muito sobre filosofia, fui visitar alguns países como Grécia, Itália, Espanha, França e Portugal, onde pude certificar-me e rever todos os lugares históricos e museus. Só em Paris estive visitando o Museu do Louvre por

três dias e fiquei deslumbrado com tudo o que pude ver.

Na verdade, eu realizei meus sonhos de juventude procurando conhecer e visitar tudo o que eu havia estudado e lido sobre literatura, história e geografia. Penso ser uma pessoa privilegiada por poder satisfazer meus sonhos.

Durante esses anos em que estivemos construindo e viajando, nossos filhos Josef e Paulina também se casaram e foram viver suas próprias vidas. Estivemos sempre presentes em suas vidas familiares, ajudando-os conforme as necessidades, e assim tínhamos tempo para viajar também dentro do Brasil. Aproveitávamos os fins de semana e feriados para viajar até as estâncias próximas a São Paulo, como Águas de Lindóia, Águas de São Pedro, Santos, Águas da Prata e Campos do Jordão.

Capítulo XX

O Hotel

Nas viagens às estâncias conhecemos vários hotéis, e certa vez em que estivemos em Campos do Jordão, nos hospedamos num hotel pequeno, chamado Refúgio Dana, cujos proprietários eram um casal de judeus da nossa idade, Sr. Moisés e Sra. Celina.

Nessa época, 1978, Fela sugeriu construirmos um hotel, para que pudéssemos nos aposentar, sem ter que trabalhar tanto. Conversando com o casal sobre essa idéia, eles nos estimularam bastante; pensei comigo mesmo: "Se eles conseguem sobreviver do hotel, eu também conseguiria".

A região montanhosa de Campos do Jordão, especialmente o clima que lembra muito a Europa, a beleza, o verde, o silêncio das montanhas, tudo isso me conquistou. Meu espírito aventureiro e inquieto me puxou e eu embarquei também nesse novo empreendimento. Eu já estava com 56 anos, mas me sentia jovem e cheio de energia, com sede de construir.

Não fiz pesquisas nem tinha noções de hotelaria ou turismo, mas nos nos-

sos passeios em Campos a idéia ia amadurecendo. Numa dessas vezes, eu, por brincadeira, fui ver alguns terrenos. Encontrei um terreno próximo ao centro turístico da Vila Capivari. Gostei muito do lugar, e, embora fosse uma pirambeira com 27 metros de diferença do nível da rua, fiz uma proposta "indecente" ao corretor.

Voltamos a São Paulo e esqueci o negócio. Para minha surpresa, o corretor telefonou-me dizendo que o proprietário do terreno aceitara a proposta, com algumas alterações. Querendo sair do negócio, eu disse que não faria nenhuma modificação na proposta original. Além do mais, eu não tinha condições financeiras de encarar tal empreendimento. Passados alguns dias, o corretor retornou dizendo que o proprietário aceitava minhas condições.

Era início do ano de 1978, eu havia começado a construir uma casa grande, em São Paulo e estava terminando outra casa de luxo, para nós, no bairro do Brooklin velho. Eu não estava preparado para começar uma aventura dessas, mas entrei, mais forçado pelas circunstâncias.

Lembro-me que, durante minha vida fiz muitas coisas impossíveis, talvez com a ajuda da divina providência, da minha perseverança, e minha capacidade física de trabalhar, economizar e outros dons que me foram dados por Deus, fiz coisas loucas, impossíveis de se acreditar.

Alguns exemplos dessas loucuras são: emigração para Israel sem nada, com mulher, um filho no colo e outro na barriga, sem capital, sem dinheiro e sem conhecimento nenhum, muito menos da língua; sete anos depois, a saída de Israel pelo mundo desconhecido, querendo chegar aos Estados Unidos, com mulher e duas crianças pequenas de 6 e 7 anos, novamente sem dinheiro; alguns meses depois, uma aventura para o Brasil, sem nenhum parente e novamente sem conhecimento da língua, com as duas crianças pequenas e mulher; lançar-me em construções, com pouco capital, e já com três filhos pequenos e uma mulher doente; finalmente, já com 56 anos de idade, lançar-me num novo empreendimento, desta vez um hotel, muito além das minhas possibilidades financeiras, e sem poder contar com a ajuda de ninguém.

Penso que muita gente poderia considerar-me um louco. Mas eu sempre tive espírito de Dom Quixote.

Eu estava ainda acabando de construir uma casa em São Paulo, em sociedade com Sanches, quando fui comunicar-lhe que iria começar a construir sozinho um hotel em Campos do Jordão. Ele conhecia minha situação financeira e achou uma loucura. Mas, contra loucos não se pode lutar...

Aqui fica minha história até o ano de 1978.

Fim

08/Janeiro/2000 Campos do Jordão/SP

Quero deixar registrado neste livro estas palavras que foram escritas por uma neta muito especial, Cecília.

* * *

Se tirassem uma foto de algumas das cenas narradas neste livro, algum especialista em artes plásticas poderia afirmar que trata-se absolutamente de um quadro expressionista. Não devemos nos iludir. O que se mostra aqui não é arte, e sim a mais pura realidade.

"Por medo de diminuir deixamos de crescer; por medo de chorar deixamos de sorrir"

Após Ter lido o livro:

Zaide,

Foi extremamente difícil começar nossa conversa sobre teu livro pois havia nele uma frase que calava qualquer questionamento de minha parte: "Ao relatar minhas lembranças, me perco nas palavras e nos fatos, pois relembrar o passado me deixa perturbado e revoltado".

"Relembrar é reviver". Não sei onde aprendi esta frase, sei que ao ouvir tua história, tive a nítida impressão de estar ao teu lado em cada um daqueles tristes momentos. Porém havia um agravante, nada do que se narrava era presente. Como em toda narração tradicional, os fatos localizam-se no passado e por isso nada pude fazer para estancar o sangue que escorria de tua boca em forma de palavras.

Inconscientemente passei a fazer perguntas tolas num tempo chamado: Pretérito-mais-que perfeito. Na verdade queria saber se não existira em um passado anterior ao passado da guerra, alguma possibilidade de modificação

destes fatos que agora me eram contados.

Mas de nada adianta fazer estas indagações. O passado é resultado exato e imutável da soma de uma série de fatores que como tu insistes em dizer "Nunca devem ser esquecidos para que não se repita tal tragédia". Tenha certeza de que tuas palavras estão gravadas na minha memória e que irei contribuir para sua divulgação.

Não poderia esquecer de mencionar, também, teus carentes olhos azuis molhados de ódio ao falar sobre o trágico fim de teus pais e teu irmão Jacob. Se eu tivesse visto aquelas lágrimas brotarem de teus olhos, teria acolhido-o em meus braços. Porém elas escorreram para dentro e de repente a criança que desejava o colo da mãe voltou a ser o adulto que sobriamente narrava a própria vida. Me recompus também e continuamos.

Agora lembrei-me do quanto a vovó falava dos seus pais e o quanto ela sentia falta de sua mãe ao ver-me beijar carinhosamente a minha. Ela contou-me uma vez que a guerra a havia transformado numa pessoa fria que não sabia beijar, abraçar ou fazer qualquer tipo de carícia. Disse-me também, invejando-me saudavelmente que admirava muito o modo pelo qual minha mãe me tratava e que fora com ela que aprendera a esboçar tais gestos.....

Contigo as relações são diferentes e acho que a Olivia foi uma grande contribuidora neste campo. Sei que também teve dificuldades para expressar seus sentimentos e por este motivo só posso elogiar-te agora: os tijolos que soubeste tão bem empilhar em terra firme, conseguiste fazê-lo melhor ainda dentro de ti. O resultado estou colhendo nestes dias maravilhosos junto a um avô vivido e carinhoso.

Obrigada,

Sua neta, Sissi

Aos meus filhos, netos e bisnetos!!!

O TEMPO DE VOLTAR AO LAR... À FAMÍLIA

O lar e a família, são o verdadeiro centro da vida judaica. Nos tradicionais feriados que são Pessach e Rosh Ha Shana, celebramos, além do sentido santificado do feriado, a instituição da família judaica.

Jamais esteve a família sob tão intenso ataque. Alguém comentou com cinismo, porém com certa razão, que na sociedade contemporânea ninguém precisa mais de um lar.

Nascemos numa maternidade... Crescemos numa escola maternal... Somos educados num colégio... Passamos as férias num acampamento ... Estudamos numa faculdade fora da cidade... Casamo-nos num salão de festas... Comemos numa lanchonete ou restaurante... Hospedamo-nos em hotéis ... Vivemos nossos últimos anos de nossas vidas num asilo de velhos... E nosso enterro sai de um velório.

Para que precisamos então de um lar?

A única hora que a família se reúne, é em frente à televisão. Como é tocante a reunião da família, pai, mãe, filhos, compenetrados, com os olhos grudados na tela!!!

Mas mesmo esta união da família, não dura muito. Porque a fim de evitar conflitos, sobre qual canal cada um quer assistir, deve haver pelo menos dois ou três aparelhos de TV.

De fato o lar já não é mais o que era antes! É justamente por isso que a Torá, em sua descrição de Pessach, ressalta o lar, como centro da união e comemoração. Pessach é hora de ir para casa, é esforçar-se conscientemente, em manter a família unida, forte, coesa e afetiva.

Dirijo esta mensagem à minha família, mensagem que é também dirigida a todas as crianças do nosso povo. Tendo vocês ao meu lado, sinto-me um homem realizado, sabendo que a ***nossa família***, exterminada durante o holocausto, tem a sua continuidade. Lembrem-se sempre, em todas as ocasiões, a sua procedência, e sua responsabilidade com o seu povo.

Um povo que deu ao mundo as primeiras bases da lei, da moral, e da ética, em forma de Tábuas da lei. Um povo, que apesar de todas as perseguições e massacres, permaneceu fiel a sua fé e as suas tradições.

Vocês meus filhos, netos e bisnetos, nasceram na mais bela época do povo judeu, que após milênios da dispersão, voltou à sua Pátria milenar. A sua Pátria espiritual, que é Eretz Israel.

Quando eu tinha a idade de vocês, vivi na Polônia, e apesar dos meus pais serem cidadões liberais, senti o ódio do povo polonês contra os judeus, que não sei como, reconheciam de longe um judeu. Quando após o holocausto, fui a Israel, e pessoalmente participei da guerra de libertação do Estado de Israel, senti a grandeza do renascer do nosso povo. E após sair de Israel, agora independente, nunca mais senti o anti-semitismo, mesmo me declarando judeu. Ao contrário, gozo do maior respeito e orgulho.

Um judeu que pensa que através da assimilação, conseguirá conquistar a simpatia dos outros povos, está muito enganado. Entrementes, por mais paradoxal que possa parecer, a assimilação tem um efeito mais devastador que os massacres, ocorridos durante a História Universal.

Elie Wiesel, Prêmio Nobel da Paz e também sobrevivente como eu do holocausto disse: O judeu que renega a si mesmo, alegando fazê-lo por amor à humanidade, renegará inevitavelmente por fim a própria humanidade.

O autor do livro passou o inferno dos campos de concentração na Alemanha. Foi para os campos simplesmente pelo fato de ser Judeu. Após ser libertado dos campos foi à Palestina com o propósito de ajudar a construir uma Pátria para os Judeus perseguidos. Hoje vive no Brasil, na cidade de Campos do Jordão atuando no ramo Hoteleiro e Turístico.